



Natal 420 anos

O SERTÃO DE OSWALDO LAMARTINE DE FARIA

A biografia de uma obra

Gustavo Sobral



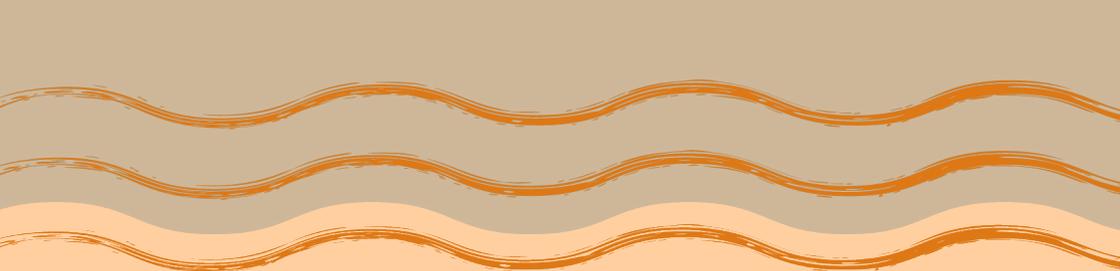


Natal 420 anos

O livro **O Sertão de Oswaldo Lamartine de Faria: a biografia de uma obra** faz parte do projeto **Natal 420 anos**, enquadrado no Programa Municipal de Incentivos Fiscais a Projetos Culturais Djalma Maranhão e patrocinado pelo Colégio CEI – Romualdo Galvão. A idealização do projeto remete ao quadragésimo vigésimo ano de fundação da Cidade de Natal,

o qual será comemorado em 2019 e, além de *Potiguaçu*, outros títulos irão destacar as temáticas e os pesquisadores da cidade.

O projeto **Natal 420 anos** se apresenta como uma parcela de acréscimo à história de Natal, fundada a 25 de dezembro, que também recebeu, segundo Câmara Cascudo, em *História da Cidade do Natal* (3ª edição, 1999, páginas 53 a 55, IHGRN), os nomes de *Cidade do Natal do Rio Grande*, *Cidade dos Reis*,



Natal los Reis ou Rio Grande, Natal ó los Reys, Cidade Nova, Ciudad Nova, Cidade de Santiago, New Amsterdam, Nova Amsterdã, ou simplesmente Amsterdã, Natalópolis e Vila de Natal.

Aquela cidade, fundada em 1599 e que, “com quinze anos de vida, [...] tinha maior nome que número de moradas” (CASCUDO, 1999, p. 52), hoje se estende por uma área de 167.264 km² com trinta e seis bairros (PMN, Bairros, 2^a edição, 2010) e possui uma população estimada de 885.180 pessoas (IBGE, 2017). Em 2015, ainda segundo o IBGE, a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 38,8%, conferindo-lhe a ducentésima décima segunda posição no país; a taxa de escolarização (para pessoas com idade de 6 a 14 anos) era de 96,3% em 2010, o que a posicionava na quatro milésima trecentésima quinquagésima nona posição no país, e a taxa de mortalidade infantil média na cidade era de 12,06 para mil nascidos vivos, colocando-a na posição duas milésima septingentésima vigésima sétima no Brasil.

O projeto **Natal 420 anos** contribuirá para registrar parte da história da cidade e o trabalho de grandes e significativos pesquisadores, deixando para as gerações futuras o registro de sua memória.



A obra

Este ensaio é uma biografia da obra de Oswaldo Lamartine de Faria. Aqui se procurou traçar o desenvolvimento intelectual do seu trabalho de pesquisador a partir dos primeiros artigos publicados e na troca de correspondência com pesquisadores, intelectuais e escritores brasileiros. Uma versão preliminar deste texto seria apresentada a título de ensaio para a Revista ANL da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, editada por Thiago Gonzaga e dirigida por Manoel Onofre Jr. Por sugestão do diretor, Manoel Onofre, foi ampliado e chegou aonde chegou.



Gustavo Sobral



O autor

Gustavo Sobral é jornalista e escritor, mora e vive em Natal/RN, esquina do continente, de onde observa o mundo. Autor e organizador de diversos livros, ensaios e artigos, dedica-se ao estudo de temas culturais diversos. Jornalismo, literatura, história, memória estão entre as suas áreas de interesse. Sobral passou a reunir toda a sua produção de textos e de desenhos no seu site pessoal: www.gustavosobral.com.br. A biografia da obra de Oswaldo Lamartine é mais um tentativa de aproximar-se e percorrer este universo.

O SERTÃO DE OSWALDO LAMARTINE DE FARIA

A biografia de uma obra

Gustavo Sobral

1ª Edição
Natal/RN
2018

Copyright © Gustavo Sobral, 2018

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei n.º 9.610 de 19/02/1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, do autor.

1ª edição

Catálogo da Publicação na Fonte:
Bibliotecária Verônica Pinheiro da Silva. CRB-15/692.

Sobral, Gustavo.

O sertão de Oswaldo Lamartine de Faria: a biografia de uma obra / Gustavo Sobral; José Correia de Torres Neto (Editor); Veronica Pinheiro da Silva, Camila Maria Gomes e Valnecy Corrêa Oliveira Santos (Revisoras); Amanda da Costa Marques (Diagramação e Projeto gráfico); Fernanda Beatriz Souza de Oliveira (Diagramação). – Natal: Caravela Selo Cultural, 2018.

200 p. : il.; 1 PDF.

ISBN 978-85-69247-62-3

1. Literatura norte-rio-grandense. 2. Biografia. 3. Oswaldo Lamartine. I. Torres Neto, José Correia. II. Silva, Veronica Pinheiro da. III. Gomes, Camila Maria. IV. Santos, Valnecy Corrêa Oliveira. V. Marques, Amanda da Costa. VI. Oliveira, Fernanda Beatriz Souza de. VII. Título.

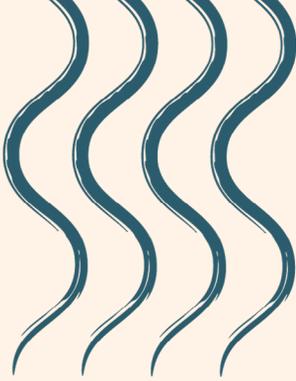
CDU 82 (813.2)
S677s

Direitos reservados a Gustavo Sobral

Natal – Rio Grande do Norte – Brasil
2018

CONSELHO EDITORIAL - SÉRIE HUMANIDADES I

- João Bosco Araújo da Costa
(Prof. Dr. da Universidade Federal do Rio Grande do Norte) – **Presidente**
- Alexsandro Galeno Araújo Dantas
(Prof. Dr. da Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
- Daniel Menezes
(Prof. Dr. da Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
- Francisco Alencar Mota
(Prof. Dr. da Universidade Estadual Vale do Acaraú)
- Jacimara Villar Forbeloni
(Prof.^a Dr.^a da Universidade Federal Rural do Semiárido)
- Jessé de Souza
(Prof. Dr. da Universidade Federal Fluminense)
- Joana Aparecida Coutinho
(Prof.^a Dr.^a da Universidade Federal do Maranhão)
- Joana Tereza Vaz de Moura
(Prof.^a Dr.^a da Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
- João Emanuel Evangelista
(Prof. Dr. da Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
- José Antonio Spinel Lindozo
(Prof. Dr. da Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
- Maria Conceição Almeida
(Prof.^a Dr.^a da Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
- Maria Ivonete Soares Coelho
(Prof.^a Dr.^a da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte)
- Norma Missae Takeuti
(Prof.^a Dr.^a da Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
- Vanderlan Francisco da Silva
(Prof. Dr. da Universidade Federal de Campina Grande)

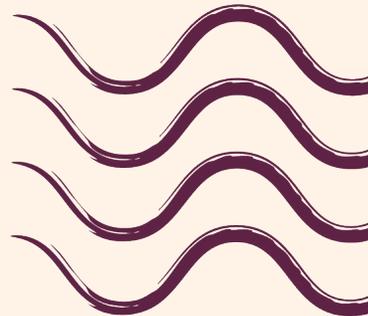


sumário

**Oswaldo Lamartine,
biografia de uma obra**

**Bibliografia de Oswaldo
Lamartine de Faria,
por Tercia Marques e
Margareth Menezes**

**Justificativa e
agradecimentos**





Oswaldo Lamartine, biografia de uma obra

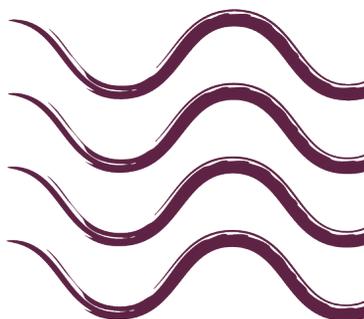


Sertões do Seridó. Obra que Oswaldo Lamartine de Faria tratou de pesquisar, erigir e revelar, série de estudos cujos olhos estão voltados para, dentre os sertões que há, o Seridó, cravado no Rio Grande do Norte por fazendas de gado e algodão, serras e açudes. Oswaldo tratou de construí-lo por mais de cinquenta anos, entalhando-o em suas pesquisas publicadas em jornais, revistas, plaquetes e livros. Proposta que o filia a tradição brasileira dos que se debruçaram sobre o tema¹.

A opção de Oswaldo se volta para explorar caça, criação de abelhas, construção de açudes, ferros, aspectos do criatório.



¹ Do primeiro romance temático escrito por José Alencar aos sertões de Euclides da Cunha, José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Guimarães Rosa, Ariano Suassuna e tantos outros. Na literatura do Rio Grande do Norte, abarca o contista Afonso Bezerra, o poeta Othoniel Menezes e o romancista José Bezerra Gomes. A opção de Oswaldo filia-se a uma tradição de estudos sertanejos no Rio Grande do Norte aos escritos de Manoel Dantas, Eloy de Souza, Felipe Guerra, Juvenal Lamartine e José Augusto Bezerra de Medeiros, todos eles em que o embate é não ficcional, e sim revelado nas suas riquezas e agruras, denunciado como fez Euclides da Cunha.



Oswaldo assim se firma no papel de etnógrafo e pesquisador do que ele chamaria depois de “o sertão de nunca-mais”.

O Seridó é um espaço e um tempo construído por processos discursivos², uma formação histórica e cultural a que Oswaldo colabora prestando uma continuidade a esta tessitura. Se o espaço físico foi uma invenção do século XVIII, no século XIX se forjou a imagem do homem sertanejo, antes de tudo um forte, o feitio de sua garra e resistência a intempéries e o seu modus vivendi legitimado, sobretudo, pelos seridoenses Manoel Dantas e, posteriormente, José Augusto Bezerra de Medeiros³ e Juvenal Lamartine⁴, em artigos e livros

² Ver MACEDO, Muirakytan de. **A penúltima versão do Seridó**: uma história do regionalismo seridoense. Natal; Campina Grande: Edufrn; Edufpb, 2012.

³ José Augusto Bezerra de Medeiros nasceu em Caicó/RN, em 1884, e faleceu no Rio Janeiro, em 1971. Foi governador do estado do Rio Grande do Norte (1924-1927), deputado e senador, é autor de livros, como: **Famílias Seridoenses** (1940) e **O Seridó** (1954).

⁴ Juvenal Lamartine de Faria nasceu em Serra Negra do Norte/RN, em 1874, e faleceu em Natal/RN, em 1956. Político, ele exerceu mandatos de senador (1927-1928), deputado federal (1906-1926) e governador do Estado do Rio Grande do Norte (1928-1930). Deposto pela Revolução de 1930, exilou-se na França regressando com a anistia em 1933. Colaborou com os jornais Tribuna do Norte, Diário de Natal e A República e foi membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

escritos. Oswaldo filia-se e continua essa tradição que é o seu ponto de partida.

Espacialmente localizado no Nordeste, Estado do Rio Grande do Norte, mas que se configura um espaço distinto dentro da região e do próprio sertão. É o que estes homens procuram atestar: há os sertões do Seridó. Oswaldo trata de apresentar no seu livro sobre os açudes (1978) que Seridó é este: o Seridó deste estudo está encravado ao Sul do Rio Grande do Norte e é formado pelos municípios de Acari, Caicó, Carnaúba dos Dantas, Cerro Corá, Cruzeta, Currais Novos, Florânia, Jardim de Piranhas, Jardim do Seridó, Jucurutu, Ouro Branco, Parelhas, S. Fernando, S. João do Sabugi, S. Vicente e Serra Negra – somando 9.386 km². Ribeira de solo enladeiraado (altitude média 250m), raso, pedregoso, vestido com vegetação xerófila; rala, espinhenta e de folhas caducas. Registra o posto de Currais Novos a menor média pluviométrica do Estado, 298.3 mm/ano. Índice de aridez 33 (J. G. Duque); média das máximas 33°C e 22°C das mínimas⁵. O espaço geográfico está assim delimitado.


⁵ FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Os açudes dos sertões do Seridó**. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2012.

Oswaldo procura documentar o que ele mesmo afirma não mais existir, o passado, o vivido, o nunca-mais. Quanto mais o tempo passa, quanto mais o sertão por ele esmiuçado teima em se acabar, mais Oswaldo se agarra às recordações e, assim, ele compõe um arquivo memorialístico.

Paulo Bezerra⁶, primo de Oswaldo e autor de cartas sobre os “sertões do Seridó”⁷, ao falar de Oswaldo em seu discurso de posse na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (ANL), sucedendo-o na cadeira, relata:

[...] desfazer-se da terra onde tinha raízes foi tão doloroso quão se separar dos seus apegos: os livros,



⁶ Paulo Bezerra (1933-2017) nasceu em Acari/RN. Formado em medicina, 1960. Professor de Radiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, começou, em 1985, a escrever cartas ao jornalista Woden Madruga, que as publicou na coluna diária que mantém desde a década de 1950, no Jornal Tribuna do Norte. Dessas cartas nasceram quatro livros: **Cartas dos Sertões do Seridó** (2000), **Outras Cartas dos Sertões do Seridó** (2004), **Novas Cartas dos Sertões do Seridó** (2009) e **Cartas dos Sertões do Seridó** (2013).

⁷ BEZERRA, Paulo. **Cartas dos sertões do Seridó**. Natal/RN: Lidador, 2000; **Outras cartas dos sertões do Seridó**. Natal/RN, 2004; **Novas cartas dos sertões do Seridó**. Natal/RN: Ed. Do autor, 2009; **Cartas dos sertões do Seridó**: 4 livro. Natal/RN, 2013

os retratos, esporas, móveis velhos, ferro de ferragado, versos manuscritos de Bandeira e tudo mais juntado carinhosamente no curso de uma vida, despojando-se assim de suas querências⁸.

Oswaldo colecionava tudo aquilo que deixava de existir, formando com os objetos e com as lembranças um ninho de permanência. Materializado na sua coleção em que cada objeto constituiu uma peça arqueológica, além de sentimental, representativa da história do sertão. Objetos que pertenciam a um vaqueiro amigo, ao pai, a um contraparente e que ele tratou, antes de sua morte, de distribuir entre os amigos. Paulo Bezerra, no citado discurso, dá conta de um guizo de burra-madrinha que recebeu de Oswaldo com um bilhete em que vinha a explicação e a importância da relíquia:

[...] este chifre, com 104cm, foi de um boi comprado e engordado por meu tio-avô Cipriano Bezerra Galvão Santa Rosa [...] O boi de que foi retirado era uma rês descida do Piauí, aí pelas eras de 1800 [...].

⁸ Revista ANL, n. 38, vol. 50, p. 114.

Este me fez depositário. Caso eu venha a falecer primeiro, a ele deve ser devolvido. Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1972⁹.

Dos bens distribuídos, consta que entregou a amigos e a parentes, talvez seja uma parte do seu inventário e pertencentes a que Vicente Serejo faz menção nos seus discursos de saudação a Oswaldo na ANL¹⁰: era o que estava na sala da casa grande de Acauã: o ferro legítimo dos Lamartine, a placa de ágata na porta, n.º 431, da casa onde nasceu em Natal, a bengala do pai, um relógio de parede, quadros poema, autógrafa de Manuel Bandeira e Zila Mamede, chocalhos, baús que depositam assinaturas de visitantes, estribos, uma mesa de peroba do campo, uma cruz de ferro (réplica da que estava na esquadra de Cabral quando descobriu o Brasil), um retrato do pai, um pedaço de madeira (Cumarú) com a marca da Fazenda



⁹ Revista ANL, n. 38, vol. 50, p. 112.

¹⁰ Discurso do acadêmico Vicente Serejo, saudando a posse do escritor. In: **O Sertão de Nunca Mais: Oswaldo Lamartine na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.** Natal: Sebo Vermelho; Fundação Vingt-Un Rosado, 2002.

Não Me Deixes, presente de Rachel de Queiroz, gravuras, imagens, medalhas, uma velha garrucha e outros objetos.

Outro inventário anuncia Rachel de Queiroz:

[...] tenho aqui ao lado a pasta em guardo essas preciosidades – desenhos muito bem feitos de punhal (especificando o que seria de marfim ou prata no cabo, o corte e as dimensões das lâminas de aço). Outro desenho, um bacamarte de fabricação inglesa (E.D.N. and North) chamada pelos cabras de “cotó”. E mais outras preciosidades desenhos de roupas, cachimbos e armas^{11/12}.

¹¹ QUEIROZ, Rachel de. Orelha. In: LAMARTINE DE FARIA, Oswaldo. **Em Alpendres d’Acauã**: conversa com Osvaldo Lamartine. Fortaleza/CE: Imprensa Universitária; Natal/RN: Fundação José Augusto, 2001.

¹² Oswaldo foi o consultor da escritora cearense Rachel de Queiroz para a composição do romance escrito por ela, Memorial de Maria Moura (1992), a quem ela agradece da seguinte forma: “a Oswaldo Lamartine, pela inestimável ajuda”. Considerava-o um amigo, um irmão, como declarou no depoimento, e ele com o mesmo carinho retribuía, em um cartão que lhe enviou pelo Natal de 1999, tratando-a de “minha madrinha” (Documento no Arquivo Rachel de Queiroz, sob a guarda do Instituto Moreira Sales).

Tudo era o nunca-mais que ele perseguia para que não se perdesse. Nunca-mais é o que desaparece. Desaparece porque as práticas somem a olhos vistos, é o que ele denuncia na sua obra. Em 1978, quando sai seu livro sobre os açudes, já está lá, quando documenta um trabalho impingido pelos instrumentais etnográficos, de quem parece que tece uma arqueologia de uma prática, que aquilo ali (os açudes construídos a lombo de burro e na enxada) foi antes da chegada dos caminhões, das escava-deiras e dos agrimensores. É esse mesmo intocável, longe no tempo, que Câmara Cascudo¹³, em 1938, na sua viagem, já aponta perdido¹⁴. Ambos partem do pressuposto de que o sertão não está mais incólume, perdeu-se (a sua essência) nos elementos do progresso, que representava



¹³ Luís da Câmara Cascudo nasceu, viveu e morreu em Natal (1989-1986). Escritor, folclorista, etnógrafo, historiador, memorialista, biógrafo, cronista, professor, foi um profícuo estudioso da cultura brasileira da história da cidade de Natal e do Rio Grande do Norte, publicando estudos sobre os temas mais diversos que envolviam as suas áreas de interesse e pesquisa. Membro de diversas instituições públicas e associações, privou da amizade de intelectuais brasileiros como Mário de Andrade, com quem se correspondeu.

¹⁴ CASCUDO, Luis da Câmara. Viajando o sertão. São Paulo: Global, 2009.

o automóvel, o rádio, a cultura urbana. Cascudo será uma influência importante no percurso de Oswald¹⁵.

As cartas de Oswald para Cascudo foram publicadas por recomendação do jornalista Vicente Serejo, em livro organizado pelo próprio Oswald: *De Cascudo para Oswald*. Sebo Vermelho Edições. Coleção Mossoroense – Fundação Vingt-Un Rosado, 2005. Na biblioteca de Cascudo, sobre a guarda do Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo, para preservação e divulgação da obra de Câmara Cascudo. Há livros de Oswald com dedicatórias ao amigo Cascudo, são eles: *A caça nos sertões do Seridó*, *Encouramento e arreios do vaqueiro do Seridó*, *Ferro de Ribeiras*, *Unsfescenininos* e *Vocabulário do criatório Norte-Rio-Grandense*. No acervo de Câmara Cascudo, constam cartas e

¹⁵ Oswald conta que, por volta de 1941, retornou ao Rio Grande do Norte (o pai deposto e exilado pela Revolução de 1930, era Governador do Estado em exercício, o que levou Oswald a uma peregrinação por colégios internos entre 1931-1936, por Recife e Rio de Janeiro e, depois, 1930-1940, na Escola Superior de Agricultura em Lavras, Minas Gerais) para tomar conta da Fazenda Lagoa Nova, em São Paulo do Potengi, e quando vinha a Natal passava para visitar Cascudo e trazia uma ou outra questão e Cascudo sempre lhe indagava sobre as coisas do sertão.

telegramas de Oswaldo para Cascudo da década de 1970, especificamente: 1972, 1973, 1975 e 1977. Tendo em vista que o acervo ainda está em separação, outras cartas ainda podem ser encontradas. Veríssimo de Melo, no livro, reúne parte da correspondência de Oswaldo Lamartine de Faria, *Cartas & Cartões de Oswaldo Lamartine* (1995), apresenta um cartão de Oswaldo para Cascudo datado de 16 de fevereiro de 1965:

“Mestre Cascudo: Perdôe. Os amigos foram feitos para perdoar. É que a agonia dos últimos dias não sobrou tempo para apoiar a conversa da despedida.

E que neste 1965/Deus lhe guarde:/Da ira do Senhor/ e de alvoroço do povo. De ladeira abaixo – a água/ E de ladeira acima – o fogo./ Do homem assinalado/ e da mulher de papo encarnado./ Do indivíduo caviloso/ e de baba de raivoso. / Dos sentimentos mesquinhos/ e da casa dos maus vizinhos/ Da mulher que assovia/e de pote que não esfria./ E das três palavras de castigo:

“Esteja preso!”/ “Eu vos declaro marido e mulher:”/ “e Jesus vai contigo.” (p. 39).

O jornalista Vicente Serejo conta que as cartas, os cartões e os bilhetes que, segundo Oswaldo, não se perderam nas sucessivas mudanças (Fazenda Oratório, Macaé e Colônia Agrícola Nacional, Maranhão), até fixar-se no Rio de Janeiro, ficaram reunidas em uma pasta que lhe foi remetida por Oswaldo, em 1989, com recomendação para que não fossem publicadas. Posteriormente, concordou com a publicação desde que fosse parte da Coleção Mossoroense. A edição saiu pelo Sebo Vermelho e pela Coleção Mossoroense, como queria Oswaldo. Oswaldo acrescentou informações que revelam os interstícios nesta troca de correspondência; na abertura há uma nota assim assinada: “estas são as que sobraram. A vida tange a gente de um canto pra outro e, a cada mudança, o cão dá fim a umas coisas. Se bem me lembro não encontrei mais uma que mandou de Guiné-Bisao, nem outra sobre rastejadores & vaqueiros – temas que nos encantavam – e também umas duas sobre as casas de fazenda do Seridó (Fz. Acauã, setembro de 1999)”.

A poeta Marize Lima de Castro, em tese de doutorado defendida em 2015, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, intitulada “Areias sob os pés da alma: uma leitura da vida e obra de Oswaldo Lamartine de Faria”, ao tratar sobre a vida e obra de Oswaldo Lamartine, esmiúça essa amizade e o reconhecimento de Oswaldo ao papel de Cascudo tanto ao incentivá-lo para as pesquisas, quanto ao orientá-lo emprestando livros. Quando tudo começou, Oswaldo era um rapaz na casa dos vinte anos, Cascudo disse-lhe para registrar o que ouvia no Seridó e emprestou-lhe livros.

Tornaram-se amigos e se corresponderam, amizade que nasceu nas visitas de Cascudo ao pai de Oswaldo, Juvenal Lamartine. Escreveu Cascudo:

Oswaldinho, curió sertanejo na gaiola bancária da cidade maravilhosa como preá farejando quixó.

V. sabe que o bem-querer é perene e teimoso como cacimba de gado¹⁶.

Cascudo, quando inicia a correspondência publicada, 1951, estava voltado para a pesquisa etnográfica e aconselha Oswaldo a proceder ao mesmo junto aos caboclos de Barra da Corda (Maranhão) onde Oswaldo estava administrando a colônia agrícola. Diz Cascudo para Oswaldo que investigasse contos, anedotas, casos de rir, assombrações, estórias de caçadas e pescarias, coisas obscenas, o que se anuncia como um presságio do que viria depois. Oswaldo se voltaria para esses temas no seu estudo “dos sertões do Seridó”.

A correspondência entre os dois fez Cascudo consultar Oswaldo sobre a conservação dos alimentos para o livro que escrevia, *História da Alimentação no Brasil*, e a colaborar como fonte para *Unsfesceninos*, pesquisa de Oswaldo, e outras consultas a respeito de açude (tema de um dos livros de Oswaldo), sobre castração (um verbete do Dicionário do Criatório) e um pedido

¹⁶ Carta de Cascudo para Oswaldo. Natal, 3 de novembro de 1978. In: FARIA, Oswaldo Lamartine de. **De Cascudo para Oswaldo**. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2005, p. 52.

para Oswaldo: tem alguma coisa sobre gestos? Cascudo preparava um livro sobre o tema em 1972. Quando Oswaldo começa a escrever sobre os ferros, pergunta a Cascudo o que diziam os clássicos sobre o assunto.

Em 1976, quando Cascudo começa a trabalhar para o livro das superstições, pede a Oswaldo umas folhas sobre o assunto no Seridó. As facas de ponta, tema de livro de Oswaldo, nasceu de um pedido de Cascudo para que respondesse as indagações, como pessoa mais indicada sobre assuntos do sertão, do professor Newton Carneiro, da Universidade do Paraná, que havia lhe escrito. Essas pesquisas sobre o tema fazem brotar em Oswaldo a ideia do livro sobre os ferros do Seridó.

Assim como Mário de Andrade teria dito para Câmara Cascudo estudar o folclore, Cascudo parece que concedeu conselho semelhante para Oswaldo: vá estudar o sertão. No Rio Grande do Norte, Luís da Câmara Cascudo, Hélio Galvão e Veríssimo de Melo dedicavam-se à pesquisa e aos estudos acerca dos aspectos sociológicos e do folclore, praticando a etnográfica voltada ao registro, à documentação e à coleta de dados sociais, econômicos e culturais.

Também é preciso considerar que havia um interesse crescente capitaneado por Gilberto Freyre pelos estudos regionais sobre os quais se debruçavam estudiosos de norte a sul do país. Gilberto Freyre mencionará, a seu ver, os nomes de destaque e os estudiosos que despontavam no Brasil no final dos anos 1940, citando o nome de Oswaldo entre eles¹⁷.

Cascudo tem estudos sobre o universo do sertão¹⁸. Nos livros *Flor dos romances trágicos* e *Vaqueiros e cantadores*, Cascudo se debruça sobre a história do cangaço, a literatura oral e de cordel e a música dos cantadores. Tratará também do tema da vaquejada, publicando uma plaquete intitulada *Vaquejada nordestina e sua origem*, sem contar o primeiro livro da sua bibliografia sertaneja, o *Viajando o Sertão*.

¹⁷ FREYRE, Gilberto. **A propósito do folclore. Coluna Pessoas, coisas e animais.** Revista Cruzeiro, 9 de outubro de 1948, p. 10.

¹⁸ CASCUDO, Luis da Câmara. **Flor dos romances trágicos.** Rio de Janeiro: Editora Cátedra; Natal: Fundação José Augusto, 1982; **Vaqueiros e cantadores:** folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000; **Vaquejada nordestina e sua origem.** Natal/RN: Fundação José Augusto, 1976; *Viajando o sertão.* São Paulo: Global, 2009

Oswaldo, por coincidência (ou não), não tratará de nenhum desses temas em seus livros publicados, não rivalizando com Cascudo, mas procurando complementar os estudos, dedicando-se especificamente “aos sertões do Seridó”. O tema da seca explorado por Eloy de Souza¹⁹ e Felipe Guerra²⁰ também não será do seu interesse.

Oswaldo procura registrar as origens da cultura sertaneja no Seridó. Afirmando-se, assim, uma autoridade sobre o sertão, ultrapassando a mera pesquisa bibliográfica e etnográfica que empreende para cada estudo a que se propõe, ele se inscreve como parte do próprio objeto que é estudado. Na contracapa do



¹⁹ Eloy Castriciano de Souza nasceu em Recife/PE, em 1873, e faleceu em Natal/RN, em 1959. Formado em Direito pela Faculdade do Recife (1894), ocupou os cargos de deputado e senador, foi autor de diversos projetos importantes e dedicou-se à questão das secas. Militou no jornalismo político, escrevendo artigos em forma de carta sobre as secas sob pseudônimo de Jacinto Canela de Ferro, no jornal **A República** (1914-1915), depois reunidas em livro, **Cartas de um desconhecido**.

²⁰ Felipe Neri de Brito Guerra (1867-1951), norte-rio-grandense formado pela Faculdade de Direito do Recife (1890), exerceu diversos cargos públicos, foi juiz e promotor, bem como deputado. Professor de diversas instituições públicas, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, é autor dos livros **Secas contra a Seca** e **Ainda Nordeste** (1927).

seu livro, *Apontamentos sobre a faca de ponta*, enfeixa as suas origens e sua trajetória profissional até aquela data, na sua forma de dizer as coisas, muito própria, que merece a transcrição:

Oswaldo Lamartine de Faria é sobejo da seca de 1919. Caçula de uma ninhada de dez, teve o umbigo cortado na cidade de Natal do Rio Grande do Norte, em 15 de novembro daquele ano. Filho de Juvenal Lamartine de Faria (1874-1956) e Silvina Bezerra de Faria (1880-1961) – descendentes dos povoadores do Seridó. Desasnado na escola da Profa. Belém Câmara (1927); Primário no Colégio Pedro II (Natal, 1928-30) do Prof. Severino Bezerra e preparatórios no Ginásio do Recife (1931-3) e Instituto La-Fayette (Rio, 1933-6), Técnico agrícola pela Escola Superior de Agricultura de Lavras, MG, 1938-40. Administrou a Fz. Lagoa Nova, Riachuelo, RN, 1941-48. Casou com Cassilda Soares (1944) que lhe deu Isadora (1945-1972) e Cassiano (1948), agrônomo da UFRN. Lecionou na Escola Doméstica de Natal e na Escola Técnica de Jundiá/RN. Pracinha daquém mar nº 1918 da III Cia de Metralhadoras/16º RI,

durante a 2^o Guerra Mundial. Em 1950, ‘tomou um Ita por Norte’ e foi encarregado da Fz. Macaé/RJ. Administrador da Colônia Agrícola Nacional do Maranhão (Barra da Corda, 1951-2) e do Núcleo Colonial do Pium/RN, 1952-4. Em 1955, ingressou no Banco do Nordeste do Brasil onde esteve depositado até se aposentar (set/79). [...] Tem uma segunda união com Maria de Lourdes Veloso da Rocha (1961). Reparte o seu entardecer catando livros raros nos sebos do Rio de Janeiro e plantando árvores num ‘lenço de chão’ que apelidou de Acauã (Itaipava/RJ) para o amanhã alheio.

Oswaldo, embora tenha nascido na capital do Rio Grande do Norte, Natal, é filho de um sertanejo do Seridó, o ex-governador Juvenal Lamartine de Faria (1928-1930). Para Oswaldo, seu pai era um sertanejo puro, traço que ele irá reforçar, definindo o sertanejo como membro de uma espécie de nobiliarquia de seridoenses, homens justos, corretos e trabalhadores. Vindos de uma linhagem descendente dos homens que povoaram os sertões, das famílias vindas de Portugal e das ilhas portuguesas nos séculos da colonização e que foram assim responsáveis

pela formação de uma cultura sertaneja. Estabeleceram fazendas de gado, empregaram trabalhadores, domesticaram índios, povoaram a região. Por suas posições privilegiadas e de posses, ocupavam cargos públicos, estudavam e punham para estudar os filhos em colégios e faculdades, garantindo-lhes a instrução de quem tanto se orgulhariam, voltando a casa para como benfeitores fazer prosperar o sertão²¹.

A educação formal de Oswaldo passa pelo Colégio Pedro II, do professor Severino Bezerra de Melo, na Ribeira, em Natal/RN, as férias no Seridó, na Fazenda Ingá, de seu pai. Foi Dom Delgado²² quem aconselhou Juvenal Lamartine a educar seus filhos fora do Rio Grande do Norte para não prejudicá-los por conta dos preconceitos políticos. Por essa razão, Oswaldo

²¹ O historiador Muirakytan K. de Macedo, no seu livro **Rústicos cabedais: patrimônio e cotidiano familiar nos sertões da pecuária** (Seridó – sec. XVIII) (Natal/RN: Edufrn, Flor de Sal, 2015), apresenta não só a vida material do sertanejo do Seridó, mas também toda a cultura simbólica que envolveu a fundamentação deste sertão e nela se inclui esta formação do sertanejo do Seridó.

²² Dom José de Medeiros Delgado, apesar de paraibano, nascido em Malta, tinha suas raízes maternas em Serra Negra do Norte, terra de Juvenal Lamartine, pai de Oswaldo. Além da relação de parentesco, eram amigos.

estudou em Recife e no Rio de Janeiro (no Instituto Lafayette, antes de ir para a Escola de Agronomia de Lavras). Muito amigo de Juvenal, Dom Delgado, por conseguinte, se tornaria também amigo de Oswaldo. E, por isso, chegaram a firmar correspondência assídua e abundante por cartas. Dom Delgado era um homem culto e profundo conhecedor da vida rural a quem Oswaldo passou também a consultar acerca das coisas do sertão para as suas pesquisas²³.

Com a Revolução de 1930, o pai, governador do Estado do Rio Grande do Norte, deposto, Oswaldo vai cursar o ginásio no Recife/PE, sendo, depois, transferido para o Rio de Janeiro e de lá concluindo o secundário, matriculado na escola de agronomia em Lavras/MG. A Escola de Agronomia de Lavras, que daria origem à Universidade Federal de Lavras, foi fundada no início do século XIX por missionários protestantes norte-americanos. Apesar da existência de nordestinos na escola, a maioria alunos do Sudeste, as técnicas voltadas para o sertão semiárido não faziam parte do currículo.

²³ João Medeiros Filho. Depoimento. Natal/RN, abril/maio de 2016.

No seu interesse e curiosidade científica, Oswaldo se inteirava de tudo. Anota Pery Lamartine²⁴ que Oswaldo demonstrou aptidão para as aulas práticas de zootecnia, se destacou na criação de abelhas, suínos e no aviário. Sobre a Escola de Agronomia de Lavras, o padre João Medeiros Filho²⁵, amigo com quem Oswaldo muito conversava no apartamento do escritor no Rio de Janeiro, nas constates visitas que fazia, depõe:

Oswaldo falava mais dos colegas, máxime de Vingt-Un Rosado, de quem era grande amigo e de sua esposa América. Conversávamos muito sobre os dirigentes da Escola, que eram evangélicos, missionários americanos, que vieram para o Brasil. Perguntava por que a Igreja não mantinha escolas de agronomia

²⁴ Informação colhida em documento do arquivo pessoal de Pery Lamartine, sobrinho de Oswaldo, texto digitado sem data com menção a ser o necrológico de Oswaldo Lamartine, documento pertencente ao arquivo de Pery Lamartine. Ainda consta uma série de recortes de publicações acerca de Oswaldo nos jornais do Rio Grande do Norte, que compreende um período de 2000 a 2007, gentilmente cedidos para consulta pela viúva de Pery, Ieda Lamartine, a quem se agradece, numa tarde de conversa e consulta ao material, em Natal/RN, janeiro de 2016.

²⁵ Depoimento do Padre João Medeiros Filho, abril/maio de 2016.

no Sertão. Respondia que a primeira faculdade de agronomia foi fundada em Olinda à sombra do mosteiro beneditino e é dirigida pelos monges. Argumentava que as paróquias, em sua maioria, eram rurais e os padres deviam ter conhecimento nessa área, ao invés de filosofia. Eram discussões importantes, profundas e emocionais, pois Oswaldo amava a terra e o sertão. Oswaldo não cursou a graduação de nível superior, como Vingt-Un e outros. Ele fizera o curso agro técnico e tinha o apelido jocoso de capa-gatos²⁶.

Formado, o pai adquirindo a Fazenda Lagoa Nova, Oswaldo partiu para administrá-la. Ficou de 1941 a 1948. Lá conheceu os mestres que sempre agradeceu^{27, 28}: Pedro Ourives, o seleiro;

²⁶ Depoimento do Padre João Medeiros Filho, abril/maio de 2016.

²⁷ Discurso pelo recebimento da medalha do cinquentenário da Academia Norte-rio-grandense de Letras, em 1987 (In: MELO, Veríssimo de. **Cartas e cartões de Oswaldo Lamartine**. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1995, p. 29-30):

“Senhores acadêmicos:

Agora sim, sei que inteiarei três merecidas medalhas nesse meu espichado viver.

Zé Lourenço, o fazedor de barragens; Chico Julião, o caçador de abelhas; Bonato Liberato Dantas, pescador de açudes; e Olinto Inácio, rastejador e vaqueiro. Ali nasceu o interesse e as pesquisas. Foi onde começou a rascunhar os seus escritos e a publicar em jornais e revistas.



A da Primeira Comunhão, que traí e perdi pela fraqueza de não resistir aos pecados da vida.

Depois a do Atlântico, conferida ao pracinha 1918 da III Companhia de Metralhadoras do 16º R. I. pelo adjutório em – do cocuruto das dunas de Ponta Negra – debicar da África Korps do generalíssimo Erwin Von Rommel. E se ele não quis brigar e retirou suas tropas, eu, que não sou de briga, não quis requerer a medalha.

Agora esta, que é mais uma persiga de amigos em emboscada de amizade que me fazem e eu recebo sem merecimento nem soberba, de vez que nela está a face dele (Cascudo). Ele me “infuluiu” a botar no papel as coisas do meu mundo que espiava, pisava e não via;

Daí – prá quê negar? – estou de cabeça aos pés banhado de um sadio e merecido orgulho. Mesmo porque entendo que a recebo também em nome de todos os que me desasnaram de cada coisa. Mestre Pedro Ourives – o seleiro. Mestre Zé Lourenço – o fazedor de barragens. Chico Julião – o caçador de abelhas. Bonato Liberato Dantas – o pescador de açudes. E o rastejador e vaqueiro maior das ribeiras do Camaragibe – Olinto Ignácio. Nomes nunca escutados nesta Casa. Todos finados. E Deus os tenha.

Agradecido por mim e por eles a vosmincês”.



²⁸ Também agradece aos seus mestres no discurso proferido na Academia Norte-rio-grandense de Letras, em 2002, quando recebeu o título de Pesquisador Emérito da Fundação Joaquim Nabuco, sugestão do pesquisador pernambucano Frederico Pernambucano de Mello. O título foi entregue pelo presidente da Fundação, Fernando de Mello Freyre. Segue o discurso: [...]

E de tanta engenharem me botaram agora na tocaia: um título que é muito mais dos que me desasnaram das coisas que escrevi, do que meu: do finado Pedro Ourives e do seu filho Chico Lins – nas artes do couro; do mestre Zé Lourenço em açudar águas; de Chico Julião em rastejar abelhas; de Bonato Liberato Dantas e seu irmão Ramiro nas pescarias de açude, e do vaqueiro maior do Camaragibe, Olintho Ignacio [...].”

Pelas folhas

A colaboração de Oswaldo em jornais e revistas começa na segunda metade dos anos 1940, precisamente em 1948. Oswaldo escreve artigos para a Revista pernambucana Nordeste e para o jornal *Diário de Pernambuco*, com o qual outros intelectuais do Rio Grande do Norte colaboravam, como o amigo de Oswaldo, Veríssimo de Melo. Não se pode deixar de registrar o trânsito que havia entre escritores, artistas e jornalistas do Rio Grande do Norte, dentre eles a poeta Zila Mamede, o cronista e pintor Newton Navarro, o jornalista Nilo Pereira que, norte-rio-grandense, residiu por toda vida em Recife, e nomes pernambucanos como Mauro Mota, do sociólogo Gilberto Freyre, aliás, um intercâmbio que seguirá pelas décadas seguintes, seja com envio de colaborações, troca de cartas, convite para palestras e conferências e lançamentos de livros nas duas capitais. Oswaldo, no entanto, publicou poucos artigos, a contribuição não se estendeu, explicou o

próprio Oswaldo em carta a Veríssimo de Melo²⁹, anos depois. Acusa timidez:

Quando engatinhávamos (1948) cometi uns ensaios no Diário de Pernambuco sobre cangaço. Aí cai na besteira de endereçá-los a Zé Lins [o escritor José Lins do Rego] – monstro sagrado para todos nós – pedindo orientação crítica. E ele, em vez de dizer, “não é por aí, tire isso: bota aquilo...”, deitou louvação numa coluna (Homens, Coisas e Letras) que mantinha nos Associados. Pois bem, botei a viola no saco e nunca mais retomei ao tema.

A presença de Oswaldo no Diário de Pernambuco começa no ano de 1948. Embora seja curta, verificam-se poucos artigos, foi definitiva para a consolidação de Oswaldo como pesquisador e intelectual no meio da intelligentsia de seu tempo. Oswaldo recebeu respaldo dos seus pares e o incentivo para a continuação de suas pesquisas.

²⁹ Carta de Oswaldo Lamartine para Veríssimo de Melo, datada de 28 de junho de 1990, publicada no livro *Cartas & Cartões*, de Oswaldo Lamartine de Faria (1995), organizado por Veríssimo de Melo, p. 54.

Embora Cascudo seja considerado por ele o grande incentivador e mentor, há um círculo de intelectuais que, de uma forma ou outra, apoiaram Oswaldo. Mauro Mota abriu as portas do Diário de Pernambuco a Oswaldo alçando-o ao plano regional e Gilberto Freyre fixou Oswaldo no plano nacional, ao mencioná-lo como promessa nos estudos acerca do sertão.

Nesse período, os estudos sociológicos referentes aos aspectos brasileiros estavam em alta e se manifestam na dedicação de diversos pesquisadores. Havia também a formação de centros de estudos, como o Instituto Antropológico da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, criado em 1960. Os artigos para o jornal podem ser considerados o pontapé inicial da obra que Oswaldo construiria, o seu lançamento ao público leitor e, mais que isso, o reconhecimento imediato pelos seus pares³⁰.



³⁰ Os primeiros artigos de Oswaldo publicados no jornal Diário de Pernambuco podem ser consultados na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional disponível na versão online. O endereço da hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional é: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Todos os artigos aqui mencionados foram consultados nesse endereço eletrônico em abril de 2016.

Gilberto Freyre mantinha uma coluna na revista semanal, de circulação nacional, O Cruzeiro, o título da coluna era *Pessoas, coisas e animais*. Na edição de 09 de outubro de 1948 da revista, Gilberto Freyre se debruça sobre os estudos do folclore, o título do artigo é *A propósito do folclore*³¹. Nele, Freyre, considera que

[...] no caso do Brasil, a reconstituição do passado social e cultural da nação e os elementos pré-nacionais da cultura por meio por assim dizer extra-histórico, isto é, por meio do aproveitamento de material extra-histórico e, certamente, de elementos extraliterários. Desse conjunto o folclore é elemento valiosíssimo.

Advertido que é material valioso para o sociólogo, cita os pesquisadores que se dedicam ao tema: Artur Ramos sobre o folclore afro-brasileiro, Gustavo Barroso, sobre o folclore sertanejo, e Joaquim Ribeiro, sobre o bandeirante. Destaca Câmara Cascudo “cuja obra, na especialidade, já se tornou notável”, e dentre os tantos outros, com a simples entrada tal qual menciona os demais Osvaldo Lamartine (assim grafado).

³¹ Revista *Cruzeiro*, 09 de outubro de 1948, p. 10.

Mauro Mota também anunciará a presença de Oswaldo como estudioso e colaborador do jornal, é o que se encontra na sua coluna *Literatura da semana*³², veiculada no Diário de Pernambuco. Mota elenca, dentre tantos outros colaboradores do Rio Grande do Norte e de outros Estados, a presença de Oswaldo Lamartine (assim grafado) no Diário de Pernambuco.

Em outra ocasião, em 1955, em decorrência de uma visita à Natal, outro registro. Mota menciona Oswaldo, “amigo de cartas”, e assevera que Gilberto Freyre havia considerado Oswaldo “um dos melhores etnógrafos do Brasil”, registrando também que

[...] as vilegiaturas da profissão não lhe permitiram ainda desenvolver as notas e publicar em volume estudos como, por exemplo, o sobre Caça e Pesca, aparecido na revista ‘Nordeste’³³.

³² **Balanco literário de 1948.** Diário de Pernambuco, Recife, domingo 12 de dezembro de 1948.

³³ **Domingo em Natal.** Coluna Literatura da Semana. Diário de Pernambuco, Recife, domingo, 30 de janeiro de 1955

Na imprensa do Rio Grande do Norte, há registro de um artigo publicado em 1947, no jornal Diário de Natal, *A ressurreição da mão de onça*³⁴. Talvez haja outros artigos do escritor no mesmo jornal e em outros³⁵. Quando Oswaldo chega ao Diário de Pernambuco, em maio de 1948, é anunciado novo colaborador, assim está anotado:

[...] é um dos nomes mais destacados da nova geração de escritores do seu Estado, através das suas tendências de sociólogo, manifestadas no bom gosto com que vem pesquisando aspectos e hábitos do seu povo³⁶.

³⁴ O artigo consta na coletânea **Notas de carregaço**, Natal/RN: Scriptorim Candinha Bezerra; Fundação Hélio Galvão, 2000, seleção de textos diversos publicados na imprensa entre os anos de 1947 e 2000, p. 51-53.

³⁵ Infelizmente, o acervo do Diário de Natal se encontra indisponível para consulta pública. No jornal Tribuna do Norte, no período de 1950, ano da fundação do jornal, até 1964, não foram encontradas colaborações de Oswaldo Lamartine. Há registros dispersos no livro *Notas de Carregaço* e outros que se podem encontrar na bibliografia dos seus próprios livros, dos artigos e dos ensaios que andou publicando por jornais e revistas em Natal, Recife e Rio de Janeiro. Ainda carece um levantamento bibliográfico completo do material existente.

³⁶ Diário de Pernambuco, Recife, sexta-feira, 14 de maio de 1948.

Merece transcrição outra nota, em uma seção intitulada *Galeria*, apresentando o novo articulista do jornal, grafado como Oswaldo Lamartine (foram respeitadas a grafia, a acentuação e a pontuação original):

Filho do ex-governador Juvenal Lamartine e neto de José Bezerra, tradicional chefe político da Zona do Seridó (Rio G. do Norte) Oswaldo Lamartine de Faria demonstra as falhas da lei de hereditariedade com a sua indiferença diante da política. As suas atenções convergem para os problemas sociais e etnológicos.

Engenheiro-agronomo, colabora na imprensa de Natal, neste suplemento e na revista Nordeste sobre assuntos de sua preferência e explorados em parte no exercício de sua profissão.

Pretende oportunamente reunir em livro o vasto documentário que possui sobre o cangaço, documentário colhido no próprio habitat dos bandoleiros e destes mesmos diretamente, na maioria das vezes.

Para o congresso de Química, se reunirá brevemente no Recife, contribuirá com uma tese sobre Conservação de alimentos entre os sertanejos.

Foi Osvaldo Lamartine quem “desmoralizou” as solenes indumentárias professorais em sua terra, Convidado para o corpo docente da Escola Domestica de Natal, incluiu no contrato uma estranha clausula que lhe permitiu dar aulas sem paletó e gravata.

Não tem preço a sua coleção de objetos indígenas. Fora do trabalho, Lamartine ouve músicas clássicas, fuma cachimbo, cuida de suas abelhas e ensina os primeiros passos de dansa clássica à sua filhinha Isadora³⁷.

³⁷ Diário de Pernambuco, Recife, domingo 27 de junho de 1948.

Primeiros estudos

Métodos de caça do sertanejo norte-rio-grandense saiu como estudo na revista pernambucana *Nordeste*, no terceiro ano da Revista, em 1948. Futuramente, o material seria aproveitado para a composição do primeiro livro, em que explora a caça não no Rio Grande do Norte, mas no seu sertão do Seridó. Hoje, os exemplares referentes a esse ano da revista só se encontram no acervo de obras raras da biblioteca da Fundação Joaquim Nabuco, onde esse artigo foi encontrado.

O texto foi publicado em duas partes. A primeira saiu na edição número um, de janeiro, começando na página 3 e continuando na página 16; e a segunda parte, na segunda edição, em março, começando na página 4 e continuando na página 16. O trabalho é ilustrado por desenhos do autor. Começa pela descrição do ambiente do sertão, população, incidência de chuvas e seca, situação do solo, flora, rios, tudo discriminado.

O método de exposição de Oswaldo parece ter inspirado em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, onde primeiro o habitat se apresenta. É a terra. Também é interessante observar que, assim

como Euclides, Oswaldo emprega uma terminologia técnica na sua exposição. Oswaldo:

Solo – fértil de topografia semeada de elevações (em geral pedregosas) onde se abrigam as maiores reservas florestais e cinegéticas da região, com altitude máxima de cerca de 800 mts.

Flora – de vegetação típica, xerófila, – a caatinga, onde a flora se compõe em sua maior parte de arbustos e sub-arbustos espinhosos, multi-ramificados, mais ou menos uniformes de folhas caducas, pequenas, móveis, coriáceas, protegidas pro pelos ou uma camada cêrosa que impede o excesso de evaporação. Predominam as plantas de folhas heliotropicais e raízes tuberosas. As primeiras chuvas a vegetação despida se veste de uma linda folhagem – a rama ficando o chão atapetado de hervas rasteiras, – a babugem;

Rios – caudalosos e transitórios. Na estação da seca o sertanejo cultura os seus leitons com as culturas de vazantes (tubérculos e cereais).

Em seguida, o texto caminha para informações históricas sobre o povoamento da região. Oswaldo conta que tudo começou com a expulsão dos holandeses, cujos chefes militares combatentes na Guerra dos Bárbaros acabaram penetrando o sertão e ali fixando fazendas de gado. Inicialmente, não havia cerca separando as propriedades que se resumiam à casa-grande, à casa de vaqueiros, às senzalas, aos currais e a um cercado pequeno para os bezerros.

A agricultura como exploração econômica era coisa nova, antes o que havia era um quintal onde se plantava cereais para consumo próprio nos meses de inverno, cultura que se concentrava na vazante nos leitos dos rios e que só teve início no rio Acauã na seca de 1877. Então, Oswaldo entra no tema da sua pesquisa: foi da necessidade de proteger o rebanho que surgiram os caçadores. Principalmente do ataque das onças. Os caçadores de onça eram reconhecidos como heróis pelos poetas populares e suas façanhas narradas em versos. No Rio Grande do Norte, assevera, Miguelão das Marrecas e Cazuzza Satiro são nomes de fama. E acrescenta um episódio que lhe foi narrado por um velho sertanejo que lhe dizia ser parente do tal Cazuzza, que vendo um cachorro lindeiro, de nome Cambraia, matar uma onça procurou adquirir o bicho ao seu proprietário e ofereceu dinheiro

muito, ao que o homem respondeu: “– o sinhô tá vendo a terra e o céu? Pois pode ter dinheiro pra fazer uma ruma que vá batê nas nuvens; mas não tem dinheiro que pague Cambraia”.

A próxima advertência era que hoje (e o hoje era 1948) não havia mais caçador profissional e uma denúncia à pobreza da fauna já não comportava a existência da caça, embora houvesse aqueles que ainda viviam da venda do couro de onça na seca. E toca a destrinchar a indumentária do caçador, os instrumentos da caça e a espingarda de ouvido explicando cada um.

Indumentária – é a mesma roupa usada para o trabalho; **alpercata de rabicho** (7), faca à cintura, chapéu de couro ou palha de carnaúba e badaneco (8) de couro ou mescla onde conduzem os apetrechos da espingarda, arremedo de nambu, fumo de rolo, cachimbo ou mortalhas para os cigarros e o artifício ou **papa-fogo** (9). Quando a excursão se prolonga por mais de um dia costumam levar rapadura, farinha e café para o **café-de-pedra** (10). A água é conduzida numa **cabaça de colo** (11) ou **borracha** (12) presa à cintura. Si por qualquer eventualidade vem a sofrer

sede, recorrem às raízes do **umbuzeiro** (13) ou ao caule da **mucunã** (14).

Outra não será a exposição no trabalho que publicaria posteriormente, o primeiro livro, *Caça nos sertões do Seridó* (1961)³⁸:

Indumentária – É a mesma roupa usada para o trabalho; alpercatas de rabicho, faca à cintura (antes, a clássica faca de ponta nordestina, hoje peixeira – mais cortante, malvada e de menor valor; chapéu de couro ou palha de carnaúba e badameco de couro ou mescla onde conduzem os apetrechos da espingarda além do arremedo de nambu, fumo de rolo, cachimbo ou mortalhas para artifício ou papafogo. Quando a excursão se prolonga por mais de um dia costumam levar rapadura, farinha e café para o café de pedra. A água é conduzida numa cabaça de colo (cucurbita lagenaria Linn. da fam. Das Cucubitáceas) ou borra-

³⁸ In: **Sertões do Seridó**. Oswaldo Lamartine de Faria Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980, p. 187-188.

cha presa à cintura. Se por qualquer eventualidade findasse a água, recorrem às raízes do umbuzeiro ou ao caule da mucuna.

Estão expostos os instrumentos de caça, sua estrutura e forma de uso, são espingarda de ouvido, espingarda de chumbo, quente ou frio, rifle, besta, preaca, azagaia ou zagaia, bodoque, baladeira, funda. E detalhe em desenho do autor que, posteriormente (e infelizmente), não aproveitaria no livro da besta, preaca e bilôto.

Uma tabela registra os métodos da caça que são por perseguição, por espera e por armadilha. Em seguida, explicara cada uma delas, a começar pela caça por perseguição com uso de cachorro. As demais informações virão na continuação do artigo, que será concluído no próximo número da revista. São os demais métodos de caça que vão da letra “a” até a letra “r”. Ao final as notas, no total de 28, com a explicação dos vocábulos:

3 – Agalha, azagaia, agaias ou zagaias – (Do Árabe alchazeca do verbo chazaca, rasgar, passar, ferir rasgando com lança ou com arma de ponta. Dozy seguindo Defrémery aceita a derivação da palavra

Berbere zagaya com o artigo Árabe (az-zagaya) lança curta, arrojadiça, ferrada com ossos de animais ou púas, de que usam os Cafres e outros bárbaros (Dic. Moraes, ob. cit. p. 238).

[...]

7 – Alpergata, alpercata, apragatas seg. Constâncio: alpargas, alpargata, em árabe albarga, ou abagat, calçado que tem o rosto enfrestado de couro; calçado delicado para mulher, de veludo, seda, etc. Alpercate; termo de sapato, abertura entre a orelha e a pala do sapato. (Viagem ao Nordeste do Brasil – Henry Koster ed. Brasileira. N.T. Luiz da Câmara Cascudo pg.144).

8 – Bolsa de couro ou mescla que conduzem a tiracolo (N. A.) Corrupção do lat. Vade-mécum, vai comigo (Dic. Moraes, ob. cit. Pg.242)

9 – Processo para obter fogo usado pelo sertanejo nordestino. Consta de uma ponta de chifre (de bovino) cheia de algodão; ao seu bordo prendem, com

o indicador de uma das mãos, uma pedra fígado de galinha (nephrite?) e golpeiam-na com um indicador de uma das mãos, assim obtida inflama o algodão. O conjunto da pedra e lima é denominado fuzil (N. A.).

10 – Processo usado pelo sertanejo para fazer café. Colocam uma pequena pedra lisa ao fogo e numa vasilha com água o café em pó, quando a pedra está quente é posta na água que imediatamente ferve. Para “assentar o pó” derramam algumas gotas d’água fria sobre a bebida (N. A.).

As notas

Além da colaboração para a revista Nordeste, há os artigos para jornal. *Notas sobre a pobreza*³⁹ foi publicado no Diário de Pernambuco, na primeira página, continuando na página dois. Nele, Oswaldo já destila o estilo de sua escrita que se fundaria nos ensaios posteriores e começa citando versos que tratam das

³⁹ Diário de Pernambuco, Recife, domingo, 16 de maio de 1948.

posses do sertanejo (uma vaca, uma porca, entre outros, e até um caixão) que a seca levou. Oswaldo vai identificar uma versão desses versos, que diz primitiva, ouvida em Acari, em 1938, de um sertanejo.

Assim entra no tema do artigo tratando da grande seca dos dois sete (como ele mesmo nomeia) que foi a de 1877. Assim escreve que o sertanejo só não dependia dos gêneros de primeira necessidade que vinham do litoral, da carne que tirava ali mesmo do rebanho. Vinha tudo do “litoral”, do Recife, no lombo das biquaras (éguas) e nas cabeças dos escravos. Até o milho que engordava os cavalos de sela.

Aqui já está registrado o vocabulário do seu sertão e a narrativa de como as coisas eram; que se plantava o algodão, o gado criado solto e de cercado apenas para os cavalos. Nos baixios, o peador, como chama. Burro mulo era animal desconsiderado, anota Oswaldo. Tanto que cabia o adágio: burro é quem burro tem.

Nessas notas sobre a pobreza está um pouco da história das secas, registrando, além da de 1877, a de 1844-5, atribuindo os efeitos nefastos da de 1877 ao descuido do sertanejo em

armazenar provimentos para tempos de seca braba e que, por isso, sem recursos e sem esperança, emigrava para o litoral. Corria com o rebanho para o agreste perdendo no caminho boa parte do gado, trocando os escravos no mercado de Recife por rapadura, farinha, feijão e milho, prejudicando o comércio da carne, se virando para sobreviver.

Já os pobres, escreve Oswaldo, sobreviviam alimentando-se de xique-xique, e relata o caso do capitão mor Francisco Gomes da Silveira que fugiu a pé para o litoral com as suas moedas de ouro e prata transportadas pelos escravos em sacos levados na cabeça. Embora houvesse socorro público, os comboios eram assaltados no caminho pelo cangaceiro Jesuíno Brilhante.

Oswaldo reúne histórias do pai e do avô sobre as secas, o que lhe contou um e outro que viram dessa experiência. Do pai, a história de um retirante que, abatido um urubu, pediu a carne para com ela matar a fome. Foi a seca que fez o sertanejo do Seridó tomar providência de cultivar nas vazantes do rio Acauã, sentença.

Aqui já há menção ao trabalho que terminaria só publicando décadas depois, e que se registrou como seu último livro publicado,

a carta do velho Targino. Oswaldo historia a forma como essa carta chegou as suas mãos e já dá conta da sua amizade com Gilberto Freyre, nestes termos, no final do artigo:

[...] um documento de grande importância é a carta do velho Targino, endereçada em 1877 ao major Antonio Pires de Albuquerque Galvão, pedindo meios para subsistir. Essa carta, cheia de citações bíblicas, foi descoberta pelo deputado João Gonçalves de Medeiros e remetida ao escritor Gilberto Freyre que fará um estudo detalhado sobre a mesma.

Por fim, assinala uma bibliografia e nela consta o trabalho dos seus predecessores. O que já filia Oswaldo a tradição dos estudiosos do sertão no Rio Grande do Norte. Está mencionado *O calvário das secas*, de Eloy de Souza, e *Homens de outrora*, de Manuel Dantas. Consta uma terceira referência: *As rodovias e as secas no nordeste*, de Francisco Costa Barros. Ao final, não deixa de mencionar a referência à cidade de Natal, de onde escrevia, e o ano 1948. O que permite também registrar uma ponte entre esse primeiro escrito, que se tem conhecimento publicado, e o último livro, que é a carta de Targino.

Oswaldo escreve seus primeiros estudos intitulado-os por “notas”. Então sai “notas” sobre a pobreza, depois “notas” sobre a pescaria e aí começa a desfilar o seu universo do sertão, que não é outro que os “sertões do Seridó”. No mesmo ano de 1948, houve outras colaborações de Oswaldo ao Diário de Pernambuco, sendo interessante registrar que se pode considerar que Oswaldo foi um predecessor de seu pai nos escritos sob forma de artigo para os jornais. Juvenal Lamartine, com a criação do jornal Tribuna do Norte, em Natal, em 1950, do qual foi um dos fundadores, passou a colaborar com artigos sobre aspectos também do seu sertão do Seridó, que depois reuniria em livro intitulado *Velhos costumes do meu sertão*.

Outro colaborador do Diário no mesmo período era o amigo e folclorista Veríssimo de Melo escrevendo sobre folclore. O segundo artigo de Oswaldo para o Diário de Pernambuco, datado de 6 de junho de 1948, com o título de *Documentos de um arquivo*⁴⁰, é uma seleção de trechos de um documento, encontrado no arquivo do seu pai, Juvenal Lamartine, dentre cartas e outros papeis. Oswaldo escolhe trechos de uma carta da última campanha presidencial

⁴⁰ Diário de Pernambuco, Recife, domingo 6 de junho de 1948.

e no mesmo artigo anuncia que publicará outros documentos desse acervo: uma carta em forma de versos, também datada de maio que, como verificamos, não leva adiante. A próxima colaboração é o artigo *Cangaço e coiteiros*⁴¹.

Oswaldo continua a explorar o sertão como no primeiro artigo. Desta feita, abre registrando o povoamento no século XVII por sesmarias e as relações entre os senhores e os escravos sem o intermédio do feitor. Alega que se firmam relações de compadrio. Oswaldo já era uma revelação de estilo. No artigo *O alto sertão*, berço do cangaço do ciclo da pecuária, onde patrão e escravo campeavam e participavam dos mesmos riscos e faziam-se compadres – exclui o elo intermediário do ciclo da cana – o feitor. O trabalho do homem isolado, identificando-o com o terreno, conhecendo as serras, furnas, esconderijos e, açoitados pelas vergôntes de mafumbo nas carreiras desabaladas atrás dos borbotões. Individualismo, o seu individualismo. Individualismo estimado pelas condições do trabalho e do meio, fazendo-o revidar afrontas, desdenhar dos ‘cabras de peia’, fugir aos castigos para ‘ganhar as caatingas’ onde se arregimentava aos

 ⁴¹ Diário de Pernambuco, Recife, domingo 27 de junho de 1948.

bandos volantes, passando a viver do cangaço – forma deturpada desse individualismo.

E assim trata da existência do homem do sertão das relações de convívio, o fazendeiro protegendo seus agregados, na disputa pela propriedade da terra, nas lides políticas, nos contratemplos, sejam as secas, sejam as doenças (sífilis), no fanatismo religioso, todas as condições propícias para o florescimento do cangaço.

Oswaldo aqui faz uma miscelânea de temas, assuntos, referências, considerando, afinal, que isso tudo sobrevivia numa terra que, naquele tempo, estava também cortada por dois elementos do progresso: o caminhão e o telégrafo. E anuncia as mudanças vindas dos centros urbanos que no sertão se apresentavam e o fim do cangaço com o emprego dos combatentes cangaceiros na atividade de capangas e matadores.

Uma transformação que se registra no armamento que se passa a portar e nas roupas que se passa a vestir, a mesma que as do povo, e a substituição do rifle pelo revólver e da faca de arrasto (pageú ou parnaíba) pela peixeira. Acobertados nas fazendas, protegidos pelos fazendeiros, disfarçados no trabalho das

lavouras que abandonam assim que os coiteiros avisam que apareceu serviço de morte.

São marchantes-de-gente, como os denomina Oswaldo no artigo. A eles serve o telégrafo e o caminhão. O telégrafo anunciando a encomenda, o caminhão facilitando o transporte até o serviço. Com esse artigo encerra as colaborações, que atribui à timidez gerada pelo elogio de José Lins do Rego. No entanto, alguns anos depois, exatamente em 1955, Oswaldo chega com mais uma e a última colaboração para este jornal.

Remetido de Fortaleza, onde residia, datado de julho de 1955, para o Diário de Pernambuco, escreveu o artigo *Por onde passa o boi passa o vaqueiro*⁴². Título que já anuncia o tema, atribuindo ao boi, ou seja, à atividade pecuária, a fixação do homem no sertão. Nele, Oswaldo anuncia que para encontrar o passado era preciso consultar os livros e ouvir os mais velhos e assim aponta o caminho que adotaria para todas as suas pesquisas.

Nesse artigo, Oswaldo coloca o patrão e o vaqueiro como irmãos, partilhando das atividades da lida, no cuidado do rebanho e

⁴² Diário de Pernambuco, Recife, domingo, 11 de setembro de 1955.

dividindo o alimento. E já registra (e sempre fará) a presença dos elementos do que ele chama de “civilização” marcando, assim, o tempo com uma espécie de sertão velho que aconteceu antes do progresso:

[...] o engasgo do zebu que veio depois, com as estradas, os caminhões – para os vaqueiros de agora com véstias de lona, sem o acalanto do abio e ganhando ordenados como operários de fábricas.

Oswaldo conta que tirou essas conclusões observando o estudo de Hélio Galvão sobre a assistência mútua entre as “populações rurais”⁴³. E tece o sistema de paga do vaqueiro que era receber em parte do rebanho.

As coisas mudaram, ensina Oswaldo, com a introdução da lavoura do algodão e da mistura do gado com a raça Zebu. Também há mudanças dos costumes, o patrão de carro guiado por

⁴³ Oswaldo se refere nas notas ao trabalho de Hélio Galvão intitulado Assistência mútua entre as populações rurais do Nordeste. Revista de Sociologia, col. XII, n. 4, São Paulo, 1951. Também se utiliza do artigo Velhas heranças, do mesmo autor, publicado no jornal Diário de Natal, em 28 maio de 1950.

chofer morando na rua com os filhos doutores e o novo sistema de remuneração em dinheiro que não vinculava mais o homem a terra. Tempo em que o gado é guardado no estábulo alimentado por ração e viaja de carro para exposições.

É o fim do ciclo do couro do vaqueiro de gibão ou guarda-peito, ele anuncia. Interessante é que Oswaldo propõe, nesse artigo, uma conciliação entre a prática do passado e a situação do presente, que ele chama de “formula conciliadora”, a qual reuniria o pagamento por parição no rebanho, que ele considera, gerando um compromisso e zelo maior do vaqueiro com o rebanho:

É mais que uma simples sugestão, – é um grito em favor de um tipo social que temos o dever de preservar sem descaracterizá-lo. E quem cortou o umbigo e endureceu o cangote no sertão sabe muito bem que um vaqueiro não se improvisa. É um trabalhador especializado com mentalidade própria da sua função, transmitida de pai prá filho e temperada no trabalho que principia de menino, botando os bezerro para apoiar e lavando os cavalos nas mangas dos açudes – para esbarrar na velhice,

quando a vista encurta, impossibilitando-o de correr no mato e limitando suas atividades aos tratos do curral.

Resultado de uma apresentação no II Congresso do Algodão em Cruzeta/RN, Sugestões para divulgação da literatura técnica foi publicado na revista norte-rio-grandense Bando, também no mesmo ano de 1955. É um texto curto, no qual Oswaldo apresenta uma forma mais adequada, a partir da literatura de cordel, de divulgar informações necessárias ao sertanejo, merece a reprodução na íntegra⁴⁴:

Os trabalhos de contato com objetivo de estabelecer um traço de união entre o técnico e o lavrador têm sido experimentados pelos mais diversos processos.

Sabemos das diferentes repartições do Ministério e Secretarias da Agricultura criadas para esse fim; sabemos das exposições agrícolas das “semana do fazendeiro”, das “página do campo” – irradiações da

⁴⁴ **Sugestões para divulgação da literatura técnica.** Revista Bando, ano VI, vol. IV, n.º 7, Natal/RN, janeiro de 1955, p. 191 a 193; depois seria republicado em forma de plaquete pela Coleção Mossoroense, série B, n. 596, 1989.

“hora do agricultor” e da farta literatura técnica impressa nas diversas secções de publicidade.

Não seria de justiça negar o efeito desse trabalho de divulgação, ou melhor, de catequese, em que o técnico procura atrair o agricultor para sentir melhor seus problemas e juntos estudarem as diferentes soluções; mas forçoso é confessar que ainda não chegamos, de modo geral, a um trabalho harmonioso de equipe. E esse elo ausente parece-nos advir em parte, do temperamento arredo do matuto – dizendo melhor, do temperamento que recusa a aceitar sem melhor análise – os conselhos teóricos e práticas emitidas pelas diferentes fontes examinadas.

A área do algodão mocó no sertão nordestino, a mocolândia, é quasi em sua totalidade trabalhada pelo sistema de meia, i. é., parceria agrícola. Assim uma iniciativa que vise o melhoramento da cultura do mocó deve interessar principalmente ao “morador” (trabalhador meeiro) por ser o elemento do contato

permanente com a planta, já que hoje não são todos os proprietários que residem nas sedes de suas fazendas.

Os que vivem no Nordeste – os cabeça chata, não desconhecem a predileção do sertanejo pela literatura de feira, que vem registrando através de gerações, os fatos mais importantes do sertão – seus romances, seus heróis e sua história.

Qual o sertanejo nordestino que desconhece a sua maior editora – a José Olimpio cabocla – a modesta oficina de trabalho em que João Martins de Ataíde no Recife, tira sucessivas edições da “Donzela Theodora”, “Carlos Magno e os 12 Pares de França”, a vida de seus heróis – “Lampeão e Antonio Silvino? Tamanha é a fascinação que sobre eles, ou dizendo melhor – sobre nós exerce a literatura oral dos seus poetas, que ficam nas feiras, horas a fio de pé, sob o sol do Nordeste, como uma pequena assistência de uma academia campal, a escutar a voz fanhosa do poeta a propagar seus romances”

Vale bem como registro a decepção de um “cassaco” pernambucano que trabalha em nosso serviço longe do Nordeste interior do Maranhão) pela ausência dos folhetins de feira, numa exclamação de tédio:

– Terra é a minha, que se mata um home de manhã e de tarde sai o mormaço...

Considerando os hábitos e a influencia da literatura oral na vida do agricultor nordestino, sugeríamos em conclusão como meio de divulgar:

CONCLUSÕES:

- a) – Acrescer da parte fito-sanitária o trabalho do agr^o Fernando Melo sobre a “Cultura do Algodão Mocó” e, promover um concurso entre os nossos poetas populares no sentido de premiar o que de forma mais precisa e regional – transformasse em versos a mencionada monografia, adquirindo direitos para impressão e distribuição nas feiras sertanejas;

- b) – Selecionar periodicamente os trabalhos técnicos de maior interesse regional para o sertanejo e proceder de modo idêntico;
- c) – Organizar cartazes ilustrados em cores, de conselhos agrícolas de interesse regional e sugerir às firmas comerciais, especialmente as que trabalham com produtos agrícolas – a impressão de folhinhas anuais (calendários) para distribuição aos homens do campo. A necessidade de olhar diariamente as fases da lua e o dia do mez, obrigaria o homem a receber uma lição para o seu trabalho – fugindo aos belos nús freudianos e as inexpressivas paisagens europeias dos calendários do nosso comércio.

Lagoa Nova

No tempo dos primeiros artigos, Oswaldo trabalhava na Fazenda Lagoa Nova de seu pai, Juvenal Lamartine. Juvenal tinha negócio com plantação de algodão e criação de gado, coisa que começou em Serra Negra, depois transferiu para Acari, onde comprou uma fazenda, nomeada Ingá, e continuou seus negócios. Foi por volta de 1933, quando voltou do exílio na Europa (foi governador deposto pela Revolução de 1930, e obrigado a se ausentar do Brasil) que começa o novo empreendimento, a Fazenda Lagoa Nova.

Terra que hoje está entre os municípios de Riachuelo e Bento Fernandes. Doze mil hectares, com tudo por fazer, da cerca às instalações, casa de morador e casa sede. Juvenal já era um homem velho, e nem frente a isso se abalou, disse mesmo assim aos filhos: “eu vou começar e vocês continuam”⁴⁵.

Trouxe os trabalhadores de Serra Negra, muitos deles seus parentes. Nessa leva, foram mais de quarenta homens e suas famílias para trabalhar na agricultura e criar o gado.

⁴⁵ Theodosio Lamartine Paiva. Depoimento. Natal/RN, março de 2016.

Na construção das instalações, arrebanhou mestre em açude, fazedor de cerca e outros homens que eram os melhores no seu fazer. Para os moradores, as casas de taipa, como era de costume; pra ele, fez uma casinha e depois dispensou recursos na construção da casa sede e fez em cima de uma pedra. Lá não chegou a residir, vivia na sua casa da cidade, em Natal, na Rua Trairi, onde nasceu o filho Oswaldo e os outros.

Toda semana, dia de sexta-feira, tomava o misto no Alecrim, acomodando-se na boleia e seguia em viagem, era um pinga-pinga danado, ia parando pelo caminho, informa o neto de Juvenal, Theodosio Lamartine Paiva⁴⁶, que a ele acompanhou, era menino, diversas vezes. Saíam às duas da tarde e só iam descer em São Paulo do Potengi, às nove da noite, onde esperava já um portador com os cavalos para rumarem para a fazenda.

Daí eram mais tantas horas de viagem no escuro da noite e, se inverno, enfrentado chuva; o que fosse, só iam aportar na fazenda lá pela meia noite, uma da manhã. Levantar era cedo

⁴⁶ Theodosio Lamartine Paiva. Depoimento. Natal/RN, março de 2016.

com leite no curral, depois um café mais reforçado e então Juvenal tomava a burra de sela para fiscalizar os roçados. Ia de um em um, conversando com os moradores, vendo isso e aquilo. A fazenda chegou a ser a maior produtora de algodão do Estado do Rio Grande do Norte.

Além do algodão, moco da fibra longa, o morador cultivava em sociedade com o patrão cereais para o consumo, bem como o milho e o feijão comercializados na feira livre que acontecia aos domingos na fazenda. Só não era permitido o comércio, muito menos o consumo de bebida alcoólica. Já o gado criado era de pouca raça, meio azebuado. Ainda havia misturado alguma coisa de raça que o filho Otávio trouxe do Sul.

O rebanho era coisa de mais ou menos duas mil rezes. E por volta de agosto e setembro, havia a pega do boi no mato, quando os vaqueiros, e eram da ordem de cinco ou seis, procediam à separação dos animais e a ferra.

Trinta cavalos de campo, afora os burros de trabalho, compunham o plantel da fazenda. Juvenal participava da feira e aproveitava para conversar com os moradores, saber como andava a lavoura, passar

alguma recomendação, aconselhar e resolver problemas. Só retornava para Natal na segunda-feira no misto das onze da noite.

Na cidade, seu expediente era a correspondência por carta com velhos amigos do senado (foi senador) e com Dona Bertha Lutz⁴⁷; eram amigos dos tempos da campanha pelo voto feminino. Também costumava passar pela redação do jornal Tribuna do Norte, do qual era fundador, e onde mantinha uma coluna em que contava as coisas do seu sertão, depois reunidas em livro com o título *Velhos costumes do meu sertão*. Oswaldo, seu filho, vindo da escola de agronomia, foi tomar o lugar de técnico na fazenda. E lá conheceu seus mestres, a quem sempre que lhe coube fez questão de agradecer.

Chico Lins foi um deles. Era o chefe dos vaqueiros. E cabe saber que o sistema dos vaqueiros na fazenda era o seguinte: a cada quatro bezerros, um deles era a paga do vaqueiro. A fazenda era tão grande, que cada um dos vaqueiros cuidava de uma parte.

⁴⁷ Bertha Maria Julia Lutz (1894-1976), bióloga, bacharel em Direito, advogada. Feminista, atuou em prol dos direitos das mulheres, defendendo o voto feminino. Foi a fundadora da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (1919).

Também era serviço dos vaqueiros, além do cuidado do gado, a ordenha, e cabia a ele a fabricação do queijo.

Já o chefe da parte agrícola era Chico Zuza, era quem andava nos roçados, quem ficava no descaroçador de algodão e quem negociava a pluma com as firmas. Naquele tempo, era a firma de Anderson Cleiton, em Serra Caiada; Samba, em Tangará; e Francisco Serafilo, em Macaíba. E havia muito que negociar; teve ano que a produção foi de mais de vinte mil quilos de algodão. Outros mestres vieram a prestar serviço.

A água ali era de açude e o principal foi construído ainda nos anos 1930, e foi considerado o maior açude particular do Estado. Para isso foi preciso até um empréstimo no banco. Oswaldo compunha ainda esse quadro de especialistas. Ele mesmo descreve esse tempo, ao escrever sobre o pai, Juvenal Lamartine:

Quando voltei da Escola de Lavras (MG), em 1940, ele havia comprado Lagoa Nova. Quilômetros de terra abandonadas, com um velho curral de arame e duas casas em ruínas.

Loteou seus terrenos em Natal e contraiu empréstimo no Banco do Brasil (agrícolas para pagar a pecuária e pecuários para pagar os agrícolas). Fez demarcação judicial da propriedade e ali – mesminho como no começo de sua vida demarcou terras de Serra Negra – fez acordo com um a um dos vizinhos. E nos ensinava:

– O pior acordo ainda é mais vantajoso do que a melhor questão.

E foi um nunca findar de trabalho: cercas, barcas, enraizamento do algodão, boiadas, açudes, tratos, doenças e pragas, colheitas, secas e atoleiros... Saia de Natal aos sábados: às 14hs subia na boleia do misto do finado Joquinha, E se tudo corria bem, das 20 para 21hs desapeava em São Paulo do Potengi. Ali o tropeiro Julio Catingueira já o esperava com a sua burra-de-sela e rompiam a noite e a escuridão dos 21km de caminhos. Julio trazendo a maleta – ele portando seu SW-32, cano longo. Na fazenda, quase à meia noite, um prato de coalhada com farinha de milho torrada, café com leite e a perguntação do andamento de cada

serviço. Ao quebrar da barra – leite no curral e, depois do café, passava a perna na burrinha e dava as rédeas para os quatro aceitos dos trabalhos em andamento. Meio-dia, almoço: carne-de-sol, arroz, feijão, rapadura e café. Depois atendia a todos: negócios de algodão, pagamento da folha de trabalhos, consultas de questão, perguntação... E tão cedo o sol esfriava – galgava o estribo, equestre, até as primeiras horas da noite.

Intrigado, preocupado e até mesmo irritado com aquele afã que mais me parecia atitude em se mostrar ainda mais forte e resistente, deitei reclamação. Ele justificou:

– A mim, meu filho, enfada mais o assento de um automóvel do que uma sela...⁴⁸

Oswaldo era o técnico responsável pela orientação das culturas e conservação das máquinas. Inclusive, já casado e com filhos, morou na fazenda o tempo em que foi o responsável por esse

⁴⁸ Juvenal Lamartine, o meu pai. Revista Província, n. 3, 1974, p. 13-14.

serviço. Tinha por hábito de se arrancar na serra, muitas vezes passou à noite no relento e na ocasião dormia no chão mesmo como os antigos, só forrando com um couro ou coisa assim⁴⁹.

Além de acompanhar o serviço no campo e sempre andar a pé, dizia que o espinhaço não suportava a montaria, mas era mais seu respeito ao animal, portando uma espingardinha e visitando os roçados, averiguando a situação e passando orientações, não deixava de ouvir em casa a opinião dos demais. Sempre na casa grande, com a presença de Juvenal, se reuniam para discutir os assuntos da fazenda, cada um dava sua opinião. Embora divergissem às vezes, prevalecia o consenso.

Lagoa Nova ficava próximo ao município de São Paulo do Potengi, inventado naqueles anos, exatamente em 1944. Por esse tempo a disputa política acirrada foi pacificada pela chegada de um jovem padre que futuramente se tornaria monsenhor das águas, por sua campanha em prol da transposição do rio São Francisco e em prol da instalação das adutoras para levar água ao sertão.

⁴⁹ Theodosio Lamartine Paiva. Depoimento. Natal/RN, março de 2016.

Expedito Sobral de Medeiros (1916-2000) tinha amizade com doutor Juvenal (Juvenal Lamartine de Faria, pai de Oswaldo), e daí nasceu também a amizade da vida toda com o recém chegado técnico agrícola Oswaldo Lamartine de Faria à fazenda Lagoa Nova. Atleta das pistas de atletismo em Lavras, Oswaldo vai ser meio de campo na seleção de futebol de São Paulo do Potengi, organizada pelo pároco Expedito, bem informa o jornalista Woden Madruga⁵⁰, e que, posteriormente, com o retorno de Oswaldo ao Rio Grande do Norte, nos anos 1990, às conversas de sábado, dia de feira em São Paulo do Potengi.

Outro testemunho da amizade é o padre João Medeiros Filho, o qual conta que as conversas entre Oswaldo e Monsenhor Expedito versavam sobre a vida do sertão, dos costumes, dos hábitos, das tradições e da cultura. “Monsenhor mostrava uma visão cristã e eclesial da vida, e também tratava das questões do trabalhador rural, entrando, então, na conversa temas como luta, injustiça, exploração, dependência etc. Oswaldo tinha uma visão cultural, antropológica, mas não propriamente social. Monsenhor contribuiu bastante para Oswaldo “batizar” sua visão do nosso

⁵⁰ Woden Coutinho Madruga. Depoimento. Natal/RN, maio de 2006.

mundo. Expedito tinha um profundo amor ao ser humano, imagem e semelhança de Deus. Oswaldo foi pouco a pouco descobrindo esse aspecto ou dimensão, “cristianizando” suas concepções culturais e telúricas”.⁵¹

Em dezembro de 1943, Monsenhor Expedito tornou-se vigário de São Paulo Potengi, onde permaneceu até o seu falecimento em 2000. A paróquia veio antes do município, que é instalado em 1944. Monsenhor Expedito⁵²:

Poucos dias antes da festa de inauguração [do município], o Dr. Lamartine [Juvenal Lamartine de Faria] me procurou e disse: ‘você sabe que há algumas pessoas intrigadas’. A repressão ao levante comunista de 1935 servira para perseguir adversários e inocentes, costume desgraçado que vigora ainda hoje. ‘Nós vamos, continuou ele, fazer um banquete e convidar a todos, sem exceção. Eu falarei primeiro,

⁵¹ João Medeiros Filho. Depoimento. Natal/RN, abril/maio de 2016

⁵² MEDEIROS, Expedito Sobral de. **Pelos caminhos do Potengi**. São Paulo do Potengi/RN, 1990, p. 18.

mostrando os benefícios que traz um novo município. Depois você fala. A um dado momento, você pede que todos se dêem as mãos e sepultem as discórdias no esquecimento e no perdão. Essa missão é sua', concluiu. Deu tudo certo. Esse fato me chamou a atenção para o resto da vida: aquele homem que fora juiz, deputado federal e último governador do Estado na República Velha, representante da oligarquia e caçador de cangaceiros, pioneiro da aviação civil no Estado, ferozmente atacado por seus adversários, naquele momento, falava pelo Espírito Santo, despertando no jovem padre e essência de sua missão: reconciliar os homens entre si e com Deus. Não foi o que o Concílio Vaticano ensinou mais tarde?

Os moradores tinham respeito não só ao velho Juvenal, mas também a Oswaldo, que gostava de ouvir as conversas e de fazer perguntas acerca das práticas, dos hábitos, das coisas do sertão. Oswaldo ficou em Lagoa Nova até 1948, depois se transferindo para Natal, onde assumiria uma vaga de professor na Escola Doméstica de Natal, até migrar para o Maranhão, onde comandaria a colônia agrícola, uma fazenda com mais de seis

léguas, numa divisa com terra de índios, e mais de quatrocentos funcionários para administrar. Foi outra experiência. Ali Oswaldo conviveu com os índios, tempo do qual guardou ensinamentos. Theodosio Lamartine Paiva, seu sobrinho, ainda conta que Oswaldo comentava que, à noite, via os japoneses da colônia com seus lampiões acesos nos alagadiços combatendo as pragas⁵³.

Theodosio, proprietário de uma fazenda em Riachuelo, costumava a visitar o tio em Acauã, propriedade de Oswaldo, herança de Lagoa Nova, quando Oswaldo voltou a residir no Rio Grande do Norte. Theodosio:

Quando da venda de Lagoa Nova, Oswaldo ficou com essa parte, e lá deixou o mato crescer livre, era proibido quem quer que fosse derrubar um pé de pau, abater qualquer espécie de animal muito menos passarinho. Dizem que o Ibama, quando precisava soltar animais apreendidos, soltava na fazenda dele. Lá fez uma casinha muito boa no pé da serra, tida por Serra dos Macacos, assentou um morador velho com uma

⁵³ Theodosio Lamartine Paiva. Depoimento. Natal/RN, março de 2016.

moradora velha, e em volta da casa tratava de cultivar umas plantinhas, tinha até uma espécie que veio de Portugal. Dali mandava semanalmente carta para dona Rachel de Queiroz e outros. Era de seu costume à tardinha, coisa de cinco horas, ficar por ali com uma enxada cuidando das coisas⁵⁴.

Ali Oswaldo ficava muito sozinho, diz Theodosio,

[...] me telefonava e eu ia visitá-lo e tocávamos a conversar. Falava do pai do vaqueiro Chico Lins de Lagoa Nova, que era bom seleiro para danado, chamado Pedro Ourives, um homenzarrão forte, gente que acabou ficando por ali pela região quando da venda de Lagoa Nova. Chico Lins mesmo com a indenização comprou uma fazendinha que ficou com os filhos, hoje já com os netos. Falava de Olinto, o vaqueiro mais famoso dessas ribeiras todas, porque rastejador como ele não havia, e quem dizia era Oswaldo

⁵⁴ Theodosio Lamartine Paiva. Depoimento. Natal/RN, março de 2016.

que nunca tinha visto um vaqueiro tão experiente, até no meio de uma manada era capaz de identificar os rastros de um dado boi e seguir pela pegada. E era tamanho o seu respeito por Olinto que Oswaldo reservou uma sepultura no cemitério de Riachuelo ao lado da que está enterrado Olinto, para ali ser enterado um dia. Oswaldo tinha dessas coisas e todo mês mandava uma gratificação para Serra Negra destinada ao funcionário da prefeitura para que tratasse das cabreiras da praça⁵⁵.



⁵⁵ Theodosio Lamartine Paiva. Depoimento. Natal/RN, março de 2016.

Pelo Rio de Janeiro

Era a sua natureza. A mudança para Natal, mesmo que por um breve período, permitiu a convivência com os escritores e intelectuais da cidade, dentre eles a poeta e bibliotecária Zila Mamede; o artista, pintor, escritor Newton Navarro e o folclorista Câmara Cascudo, bem como tantas outras personalidades da terrinha. Segue para administrar uma propriedade agrícola em Macaé/RJ, depois segue para a colônia agrícola no Maranhão, depois volta para o Rio Grande do Norte, vai cuidar da colônia agrícola do Pium até que é aprovado para o banco do Nordeste e passa por Fortaleza e devidamente transferido vai viver no Rio de Janeiro.

Oswaldo pertencia a algumas instituições científicas. Sua participação era discreta, comenta o padre João Medeiros Filho⁵⁶, amigo e testemunha dos tempos em que Oswaldo passou no Rio de Janeiro:

⁵⁶ Depoimentos. Padre João Medeiros Filho. abril/maio de 2016.

Oswaldo era muito reservado. Ele era irmão contribuinte da Irmandade Nossa Senhora Mãe dos Homens, do Rio de Janeiro. Uma igreja pequena, de estilo barroco, despojada e acolhedora, na Rua da Alfândega, 46, entre a Avenida Rio Branco e a Primeiro de Março. Lá se homiziou Tiradentes, quando fugia da condenação. Ali perto, ficavam os bancos dos estados brasileiros, sobretudo os do Nordeste, os extintos: RN, PB, CE, PE, AL, de Mossoró etc. Oswaldo chamava aquelas ruas polígono das secas. Além dos bancos, nas ruas próximas, ficam livrarias e sebos frequentados pelo meu saudoso amigo.

Oswaldo, terminado o expediente, recolhia-se naquela igreja em oração. Dava uma gorjeta boa para o sacristão trancar a Igreja e ele ficar a sós diante do Santíssimo Sacramento rezando. Durante alguns anos, em momentos de dificuldades financeiras da Irmandade, Oswaldo arcou com o salário do capelão, sem este saber e outras pessoas. Era feito um depósito bancário não identificado na conta da Igreja. Atualmente, ele fazia o reajuste.

Guardei, a pedido de Oswaldo, o segredo até o seu último dia e só o revelei na missa de seu enterro. Isso causou espanto enorme a todos os presentes, quando toquei na religiosidade de Oswaldo, tido por muitos como um incrédulo. Homem de muita fé, mas muito discreto e reservado no seu misticismo herdado dos avós e de sua contemplação diante da natureza, como dizia. Usava o escapulário escondido em suas roupas. Não raro me pedia outro, quando aquele em uso já estava velho.

Pertencia, também, completa o padre João Medeiros, ao Centro Norte-Rio-Grandense do Rio de Janeiro:

Oswaldo frequentou muito o Centro, no tempo da administração de Raimundo Nonato (o memorialista) [com quem escreveria um livro sobre pseudônimos] e Arnóbio Cabral. O Centro fica na Cinelândia, mais exatamente na Avenida Rio Branco, 257, esquina com a Rua Santa Luzia, bem perto do antigo prédio do Senado (hoje demolido), da atual Câmara de Vereadores, nas proximidades do Teatro Municipal

e praticamente ao lado da Biblioteca Nacional. Lá havia palestras, conferências, mas o Centro era, sobretudo, um local de pesquisa para Oswaldo. A biblioteca era que o atraía, fonte para seus estudos e buscas. Quando cheguei ao Rio, ele já o frequentava. O centro era local de encontro dele com alguns intelectuais e autoridades, sobretudo conterrâneos. Cheguei a encontrar algumas personalidades potiguares por lá: Sylvio Pedrosa, Grimaldi Ribeiro, Cônego Jorge Ó´Grady, Gil Soares etc. Sei que José Augusto era um dos frequentadores.

Oswaldo também integrava outras instituições de relevo, fez parte informalmente de um clube de bibliófilos, onde se tornou amigo de Simeão Leal, escritor e professor paraibano, e da Fundação Brasileira de Conservação da Natureza. Criada em 1958, a fundação estabelecia nos seus estatutos a proposta de se empenhar pela conservação do meio ambiente. Os sócios fundadores, figuras de expressão social naquele tempo, partilhavam desse desejo.

A Fundação nasce também fruto de uma preocupação, a campanha do presidente Juscelino Kubistchek de avançar cinquenta anos em cinco, e em todo este processo de industrialização do Brasil deveria, acreditavam os sócios da fundação, evitar a sua degradação. Tachados de inimigos do progresso à época, foram abnegados defensores da natureza. O movimento ganhou adeptos e a fundação teve um papel preponderante nas questões relacionadas a política ambiental no Brasil até a década de 1990⁵⁷.

Oswaldo mantinha um círculo de amizades no Rio de Janeiro. Melquíades Pinto Paiva, seu amigo cearense, que também pertencia à Fundação Brasileira de Conservação da Natureza, foi quem apresentou Oswaldo à escritora Rachel de Queiroz:

Oswaldo Lamartine de Faria foi um dos meus grandes e fraternos amigos. Encontramo-nos pessoalmente, no


⁵⁷ BORGES, Cristina Xavier de Almeida. Por trás do verde: discurso prático de uma ONG – o caso da Fundação Brasileira de Conservação da Natureza. Tese. Universidade Federal de Viçosa, Curso de Extensão Rural. Minas Gerais, 1995.

Rio de Janeiro, após vir aqui morar em 1975, mas já trocávamos cartas, sempre a respeito da fauna do Seridó, cujo conhecimento que ele detinha era exuberante.

Quando Rachel de Queiroz começou a escrever o “Memorial de Maria Moura”, deu início ao verdadeiro “bombardeio” de perguntas sobre o antigo sertão nordestino, a mim endereçadas. Tinha que muito estudar, para responde-las, mas me faltava o tempo necessário para isto.

Para solucionar tal problema, resolvi indicar o amigo Oswaldo Lamartine à famosa escritora, como pessoa capaz de ir respondendo suas indagações sobre o velho sertão e suas coisas. Ele aceitou o honroso convite de Rachel e bem desempenhou a difícil missão.

No início íamos todas as quartas-feiras, de noite, ao apartamento da Rachel, “minha mãe adotiva” – segundo ela, quando ele respondia às perguntas, mostrava coisas antigas e maneiras de as construir e usar, sem falar nos escritos e desenhos de uma

caderneta – hoje desaparecida –, de sua autoria. Uma boa sugestão para o estudo que você está fazendo: encontre dita caderneta e publique seu conteúdo, com explicações necessárias.

Fiquei feliz com o acerto de minha sugestão, quando vi que o “Memorial de Maria Moura” foi a ele – Oswaldo Lamartine de Faria – dedicado⁵⁸.

“Seus papos versavam muito sobre assuntos e problemas de agronomia e pecuária, mas havia um interesse muito grande de Oswaldo pelos intelectuais cearenses”, completa o padre João Medeiros Filho, e continua:

Posso também destacar, das amizades de Oswaldo, a livreira Margarete, da livraria Kosmos, na Rua do Rosário, com quem conversava muito sobre livros raros. Sílvio Pizza Pedrosa, Raimundo Nonato [da Silva] (o historiador), Homero Homem, Antônio Soares,

⁵⁸ Correspondência de Melquíades Pinto Paiva, Rio de Janeiro/RJ, 7 de junho de 2016.

Arnóbio Cabral, Oliveiros Litrento, Maria Guará, Plínio Doyle etc. Quando nos conhecemos, Oswaldo comentava sempre a seriedade das reflexões e da administração de Mauro [Mauro Mota] na Fundação Joaquim Nabuco. Visitamos (ele, Ludy e eu) [Ludy, segunda esposa de Oswaldo] o ex-ministro da Cultura uma vez, num apartamento de Copacabana, quando fomos convidá-lo, em nome da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (a pedido de Geraldo Queiroz), para fazer uma palestra na Universidade. A conversa rolou sobre secas e açudes. Celso ouviu com muita atenção as ponderações de Oswaldo, que retomava assuntos de encontros anteriores, pelo que pude inferir.

Assunto do Sertão

Os depoimentos sobre Oswaldo reforçam a leitura que se pode fazer do Oswaldo como a própria sabedoria, memória e conhecimento dos sertões do Seridó. Oswaldo se confunde com o próprio sertão de nunca-mais que ele criou. A romancista Rachel de Queiroz, que dele se serviu para esclarecimentos e dúvidas sobre práticas do sertão quando escrevia o romance *Memorial de Maria Moura*, dele disse “acho que, no Brasil, ninguém entende mais do sertão e do Nordeste do que Oswaldo”⁵⁹.
Escreve Rachel:

Conheci Oswaldo Lamartine quando começava a escrever o Memorial de Maria Moura, no início de 1990. Eu estava “situando” o romance; fixara-o geograficamente naqueles sertões que nascem nos fundos de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, e marcham pelo oeste, na direção dos Gerais. Eu me inspirava, para essa localização, num velho mapa que

⁵⁹ QUEIROZ, Rachel de. Orelha. In: LAMARTINE DE FARIA, Oswaldo. **Em Alpendres d’Acauã**: conversa com Oswaldo Lamartine. Fortaleza/CE: Imprensa Universitária; Natal/RN: Fundação José Augusto, 2001.

descobri nos guardados do meu avô engenheiro, o Dr. Rufino, onde a região aparecia desenhada apenas nos seus limites externos e marcado pelo letreiro “território não mapeado”. Parece que mais tarde, pelo Marechal Rondon foi mapeada a região. Os outros problemas em que me defrontava eram os hábitos locais, os trastes domésticos, a alimentação, as bebidas. E a roupa e as armas. Consultando os meus queridos amigos Melquíades e Arair Pinto Paiva (ele um estudioso do cangaço) discutimos bacamartes e facas de briga, a introdução do café, então artigo de luxo, etc., etc. Foi, aliás, deles dois que recebi a informação sobre a existência do “cubico” ou cubículo, uma espécie de quartinho subterrâneo, oculto, onde se punham em segurança amigos que se ocultavam ou se prendiam inimigos. Mostravam-me até uma foto das ruínas de um “cubico” na casa do sítio da bisavó dos dois, famosa dona Fideralina. Mas quando fui me tornando mais exigente, tiveram eles a grande ideia – e me apresentaram o mestre ‘sertanologo’. E eis que surge aquele anjo magro, só querendo falar de coisas que ambos gostávamos – quer dizer de sertão. Hoje meu amigo, meu irmão, Oswaldo Lamartine.

Acho que, no Brasil, ninguém entende mais do sertão e do nordeste do que Oswaldo. Quanto a mim, senti-me como garimpeiro que descobre uma mina. Oswaldo levou a sério a tarefa e passou a me fornecer toda espécie de informação que eu lhe solicitava: desenhava roupas, chapéus, cachimbos e, principalmente, as armas dos meus “cabras”. Tenho aqui ao lado a pasta em que guardo essas preciosidades – desenhos muito bem feitos de punhal (especificando o que seria de marfim ou prata no cabo, o corte e as dimensões da lâmina de aço). Outro desenho, um bacamarte de fabricação inglesa, chamado pelos “cabras” de “Vaga-lume”). Mas a joia entre todos os desenhos é de uma pistola também inglesa (E. D. N. and North), chamada pelos “cabras” de “Cotó”.

A cada visita ele me trazia novas contribuições para a minha história: o nome de um pano, os troços de moeda, as vinte e quatro enumerações das horas do dia, os últimos glossários, os chás caseiros; tivemos grandes confabulações também sobre ferros de marcar o gado, objeto de seu grande interesse – a porta do seu apartamento aqui, aqui no Rio, é

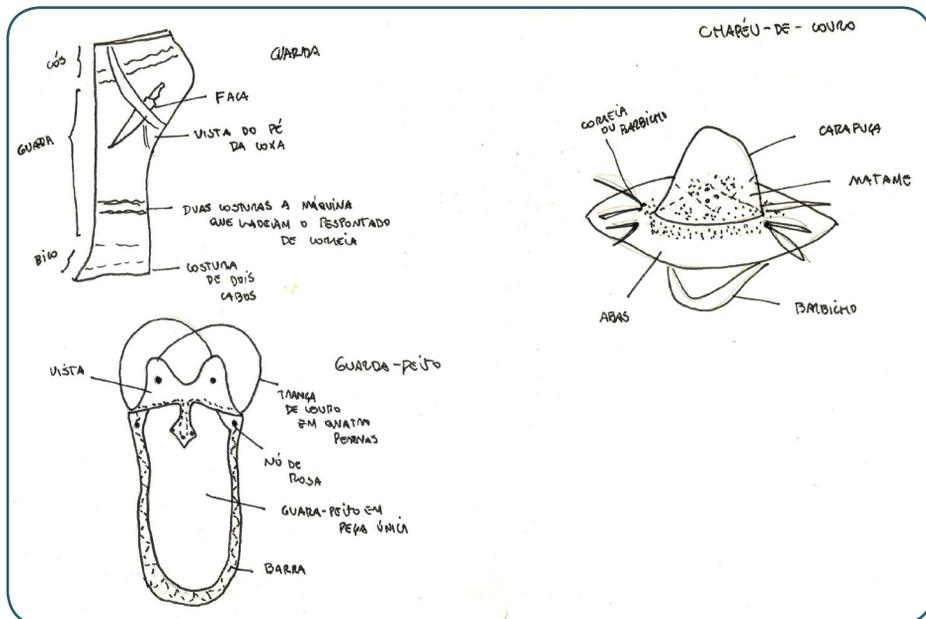
“ferrada” como uma rês; e até agora tenho resistido em ferrar também a minha, operação que ele me recomenda, com empenho [...]. Na página das dedicatórias, quando publicado o romance Memorial de Maria Moura, agradei o Oswaldo pela “inestimável ajuda”. Foi pouco, mas sendo ele lacônico por natureza, não me atrevi a derramamentos maiores.

Contudo, além da realmente “inestimável ajuda”, o lucro maior que me ficou deste mestre “sertanólogo” foi o fraterno amigo adquirido. Acho que só de cem em cem anos pode nascer algum brasileiro como Oswaldo Lamartine. E como ele está na casa dos setenta, vão demorar pelos menos ainda uns trinta anos, até aparecer o outro.⁶⁰

⁶⁰ Esse documento encontrara-se no arquivo Rachel de Queiroz, sob a guarda do Instituto Moreira Sales, Rio de Janeiro/RJ, considerado crônica, em papel timbrado de O Estado de São Paulo, com marcar de correção a caneta, é um texto datilografado em três páginas. Consultado em 3 de novembro de 2015. Também há uma versão desse documento em QUEIROZ, Rachel de. Orelha. In: LAMARTINE DE FARIA, Oswaldo. **Em Alpendres d’Acauã**: conversa com Oswaldo Lamartine. Fortaleza/CE: Imprensa Universitária; Natal/RN: Fundação José Augusto, 2001. A parte sublinhada aqui presente consta no texto original do arquivo da escritora.

A leitura de Memorial de Maria Moura permite encontrar essas ajudas e fornecimentos de Oswaldo. A história da Moura é a seguinte: órfã de pai e mãe, os parentes querendo lhe tomar a propriedade, forma seu bando e sai em busca de umas terras perdidas do avô (que era marinheiro, costume de chamar assim os portugueses emigrados), no meio das serras onde firma moradia, conservando os cabras armados para defesa da sua casa forte. Tudo se passa num tempo perdido, meados do século XIX. É mais ou menos o enredo do romance de Rachel de Queiroz.

A história é contada por passagens, cuja personagem Moura é uma das narradoras. Tudo se passa no sertão. Sertão naquele tempo é considerado tudo aquilo que não era litoral, e no meio da história, aqui e acolá, aparecem as coisas do sertão velho. O modo dos homens de portar uma espingarda e uma faca de uso, chamada pajeú (que todo homem havia de portar); chapelão surrado e, por debaixo da roupa de cima, as ceroulas que eram de uso corrente.



Chapéu de couro, guarda e guarda-peito

Desenho do autor

Seu conhecimento sobre armas de fogo e sobre moedas e notas também foi útil para o fornecimento de dados.

Oswaldo era colecionador de moedas e frequentava a Numismática da Rua do Ouvidor, onde o Senhor

Vieira pontificava como sendo o mais entendido em moedas e notas de dinheiro na capital fluminense. Também guardava velhas garruchas e espingardas no seu apartamento no Rio de Janeiro, possuía um revólver Smith Welson que fora do meu avô.

Repare no retrato de um caboclo, recruta novo do bando descrito no romance:

A princípio até me assustou, porque se apresentou armado, bacamarte a tiracolo, faca lambedeira no cinto. Vestia calça de pano grosso em vez de ceroulas compridas, amarradas no tornozelo, de uso geral por ali. A camisa era solta chegando quase ao Joelho⁶¹.

E das facas havia muitas, daquelas que só serviam para picar fumo, e outras com detalhe como o pajeú do pai com cabo de rodelas de osso. Num assalto, deram com um homem de barba que, rendido, dispensou no chão uma faca de bainha de prata, que vinha pendurada numa corrente atada numa casa da camisa.

⁶¹ QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**. Rio de Janeiro: Media fashion, 2008, p. 208.

Na leitura do romance, basta atentar aos detalhes, tem dedo desse Oswaldo informante, como disse Raquel. Ela fala que coisas do vestuário e até cachimbo ele explicou como era. O personagem João Rufo costumava usar um pito de varro para fumar e a mãe da Moura tinha um cachimbo. De vestir para dormir serviam às mulheres camisolão de madrepérola, comprido até os pés, manga até os punhos e pescoço fechado com botão que mantinham até nos momentos de intimidade com o marido.

No baú de cedro se abrigava o dinheiro em moeda atado no saco de ganga e escondido debaixo das anáguas, também se guardava o dinheiro, para transporte, num papo de ema. Uma vez quando atacaram, a Moura encontrou um desses mais sofisticado:

[...] no cós das calças do que se chamava Zé Pedro, estava metido o cinturão de dinheiro.

Era um papo de ema mais aperfeiçoado que o de Pai. Mais largo e mais fornido; terminava com duas pontas de correia, fechado com um nó cego tão apertado que não se conseguia desatar nem com

um punhal”⁶². Ou uma canastra, que ela tomou de um branco: “era uma peça pequena, bonita, de couro lavrado, com um nariz de ferro na tampa, fechada por um cadeado⁶³.

Também das coisas de dizer, que muito gostava de anotar Oswaldo, como na boca da personagem o costume do povo chamar a gente morta de finada ou finado fulano, era atitude de respeito. Da serventia de mandar os filhos estudarem para ter quem fizesse as contas e escrevesse as coisas de precisão, uma carta, um bilhete, um assentamento. Era costume servir chá de canela em caneca às visitas e, nas viagens, preparar uma garapa no meio do tempo para enganar a fome; esquentava a água e derretia um pedaço de rapadura, e a caneca servida ia passando de um a um.

Dos animais, a andadura. Andava-se em besta amojada, cavalo cardão, como o do primo, que tinha uma pisadura feia por baixo



⁶² QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**. Rio de Janeiro: Media fashion, 2008, p. 179.

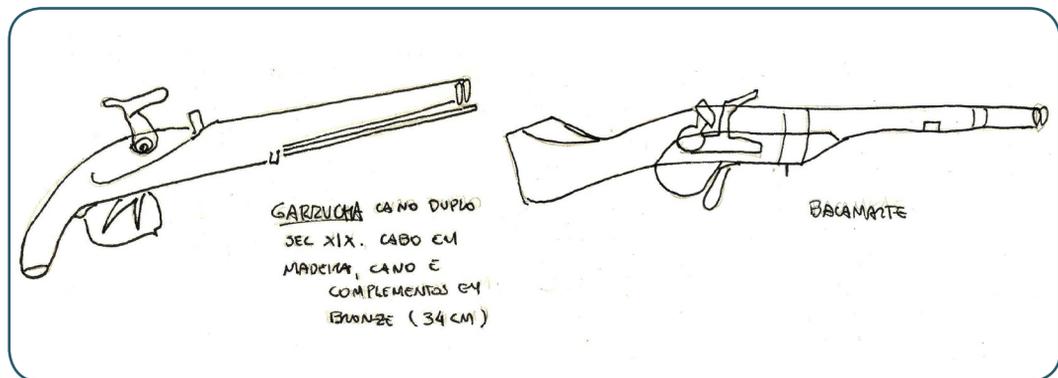
⁶³ QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**. Rio de Janeiro: Media fashion, 2008, p. 325.

da sela, e também o jeito da andadura, os primos de partida meteram força nas esporas e saíram num chouto alto. Os vaqueiros comumente iam ao chouto baixo.

Das armas de fogo, registram-se o bacamarte e todos os seus apetrechos para uso: quais sejam: a pólvora, a munição, a pedra de figo de galinha, a vareta e a bucha, que podia até ser capim seco, explica a Moura. Também podia ser uma garrucha, o pai tinha uma velha e essas coisas eram tudo guardadas na casa de fazenda, não ficavam assim à mostra. Um clavinote e também bacamartes e espingardinhas completavam os armamentos. Havia até um mosquete, que, para se usar, era preciso torcer as mechas que se acendiam para pegar fogo na pólvora e dar o tiro.

O bacamarte era considerado como uma arma boa, porque qualquer munição se aplicava; usava-se prego, pedaço de ferro, seixo miúdo, chumbo de tarrafa. Também se registre que Dona Raquel foi autora de outros sertões, como *O Quinze*, seu primeiro livro, contando a história de uma família de retirantes, sacudiu a literatura brasileira na época em que foi publicado. Tendo Rachel escrito outros livros e seguido com a atividade de cronistas nos jornais, em 1977 foi a primeira mulher empossada na Academia

Brasileira de Letras e, antes disso, em 1957, havia recebido o Prêmio Camões pelo conjunto de sua obra.



Armas

Desenho do autor

Cotejar essas informações com os guardados de Dona Rachel de Queiroz comprovam o dedo de Oswald no romance. De fato, no arquivo documental de Rachel de Queiroz, consta, dentre o material de pesquisa para construção do *Memorial de Maria Moura*, a pesquisa de Oswald Lamartine.

Nela se apresenta uma toponímica e um glossário. Está lá uma lista toponímica imaginária para riachos, rios, lagoas, serras, serrotes, arruados, lugarejos, fazendas etc. (dentre os topônimos: amargosa, ancoretas, defuntos, furnas, pau ferrado pitangas, veredas); uma lista de palavras e expressões seguidas de significados ou trechos de obras, nas quais tais palavras e as expressões foram citadas. Essa segunda lista, com ilustrações.

Das palavras e das expressões, se vê: bater da chinela, derrubada, leite ferrado, brincos, cinturão, mão, mostrar os panos, cadáver, bater a sela, canindé, milho, cachimbo, alpargata, fogueira de guia, boneca de pano, vidro e isidóro; já das ilustrações, há um calungo na barra, de uma culatra, um cangaceiro com traje de viagem, cachimbo e de armas que parecem se chamar “opiniosa”, “cotó”, “bacamarte”⁶⁴.

Também se descobre, a partir de outro documento com uma lista de palavras, que Oswaldo leu o romance e sugeriu mudanças


⁶⁴ Cópia literal da transcrição do que há no documento do arquivo de Rachel de Queiroz.

no que tange à toponímica e à linguagem, bem assim disposto: “onde se lê”, “corrigir para”⁶⁵. Dentre as palavras e as expressões, destacam-se: marche-marche, socó, espora chilena, couve grossa, botei a vela acesa, cavalo inglês e pajeús de três palmos.

A formação de Oswaldo em conhecimentos sobre a terra toma forma técnica e acadêmica a partir do curso de agronomia em Lavras, anos 1940, onde ele adquiriu título e de onde partiu para trabalhar como administrador na Fazenda Lagoa Nova. Nesse período é quando se atribui o interesse de Oswaldo pelas coisas, a lida e o trato com os homens do sertão.

Bonato Liberato Dantas, por exemplo, foi quem contribuiu com conhecimentos acerca da pescaria em açudes do Seridó, fundamentais para que Oswaldo escrevesse o livro sobre o assunto; enquanto José Lourenço foi consultado para questões em

⁶⁵ Documentos sob a guarda do Instituto Moreira Sales, responsável pelo inventário e organização do acervo documental de Rachel de Queiroz, com o título de Pesquisa de linguagem de armas e objetos para construção de Memorial de Maria Moura, datado de 14 de agosto de 1992. Informações fornecidas pela equipe do setor Literatura do Instituto coordenada por Elvia Bezerra. Agradecimentos a Manoela Purcell Daudt d'Oliveira, Julia Menezes Lima e Jane Leite Conceição Silva. Consulta em fevereiro de 2016.

açudes; e Francisco Julião, caçador de abelhas, sobre as abelhas, bem como o vaqueiro Olinto Inácio, que era rastejador delas. Assim, os sertões do Seridó tornaram-se perenes na sua obra.

Nos ensaios que Oswaldo passou a escrever, são descritas as práticas que investigou, como a caça, a conservação dos alimentos etc., ao mesmo tempo que, para expor todo esse conteúdo, não podia prescindir dos vocabulários, dos termos e das expressões usuais nesses do Seridó. Oswaldo passou a descrever todo o universo do sertão pelas coisas sertanejas. Por exemplo: para que servem as cancelas, os arreios, a apartação dos bezerros, ou o que uma vaquejada, uma pega do boi, como se compõe as vestes do vaqueiro etc. Inclusive há ilustrações em seus livros.

Assim o sertão estará a salvo pelo registro preciso de Oswaldo, que elegeu uma forma singular de narrar o sertão. O método empregado por ele em sua narrativa também revela a sua filiação histórica. Ele vai buscar na história antiga, no berço das civilizações a na origem de algumas práticas, como a própria arte de ferrar animais que é egípcia em sua origem, do tempo que o homem passou a domesticar os animais. Portanto, filia-se, como

Câmara Cascudo, a quem consultava, a uma busca das origens primeiras de registro de uma prática, a etnografia.

A etnografia é considerada um método utilizado pela antropologia e pelas ciências sociais para a realização de investigações científicas. Consiste na presença do pesquisador na cultura a ser estudada a partir da observação da realidade e na coleta de dados empíricos⁶⁶. Cascudo desenvolveu uma etnografia bem própria e explicitamente não declarada, mas que pode ser inferida na leitura dos seus livros. Há trabalhos e estudos realizados sobre as técnicas empregadas por Cascudo em suas pesquisas⁶⁷.

⁶⁶ ANGROSINO, Michael V. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009; PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995; BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STECK, Danilo Romeu. **Pesquisa participante: o saber da partilha**. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2006.

⁶⁷ AMOROSO, Marta. Os sentidos da etnografia em Câmara Cascudo e Mário de Andrade. *Rev. Inst. Estud. Bras.* n. 54. São Paulo, Mar. 2012. <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0020-38742012000100011&script=sci_arttext>, acesso em 10 de mar. de 2015.

Cascudo elenca a pesquisa bibliográfica histórica como fonte e não prescinde da vivência, participação na manifestação ou objeto investigado, seja agindo numa espécie de pesquisa participante, seja ao coletar depoimentos orais. Ambos partem da ideia do registro de uma cultura que se perde. O pesquisador Oswaldo, assim como Cascudo, está sempre em cena, com o testemunho ocular. A vivência é primordial para a validade, o pesquisador é parte do seu objeto.

Depois dos artigos para jornal, vieram os primeiros ensaios também com o título de “notas”, assim surgiram as notas sobre a pesca nos açudes do Seridó publicada na revista do Museu Nacional, em 1950. Um embrião do que seria o livro posterior sobre o tema, publicado onze anos depois. Nos anos 1960, começam as publicações dos primeiros ensaios em livro.

O primeiro é sobre a caça (1961), e na sequência os temas são: pescaria (1961), alimentos (1965), vocabulário (1966) e encouramento (1969), no que parece ser seu período mais profícuo. Pelo que se percebe, essa publicação em livro é tardia, pois Oswaldo não tinha meios para publicar seus livros, os recursos gráficos eram limitados para a época e os custos eram elevados. Comumente, nesse

período, as publicações ficavam a cargo da Imprensa Oficial; das grandes editoras, para os autores sediados no Rio de Janeiro, capital federal; e dos institutos de pesquisa, como o Joaquim Nabuco.

Cabe salientar que a obra de Oswaldo, atualmente, é de difícil acesso, poucos livros foram republicados e nenhuma biblioteca pública do Rio Grande do Norte possui a obra completa⁶⁸.

⁶⁸ Foram consultadas bibliotecas públicas e privadas do Rio Grande do Norte. A maior parte dos livros escritos por Oswaldo Lamartine se encontra esgotada. As edições do Sebo Vermelho, de Abimael Silva, têm reeditado alguns títulos, quais sejam: *Algumas abelhas dos sertões do Seridó* (1964), Sebo Vermelho, fac-similar (2004); *De Cascudo para Oswaldo*, Sebo Vermelho, *Coleção Mossoroense* (2005); *Carta da Seca*, Sebo Vermelho/*Coleção Mossoroense* (2005); *Apontamentos sobre a faca de ponta*, Sebo Vermelho, *Coleção Mossoroense* (2006); *Ferros da Ribeira* (1984), Sebo Vermelho, fac-similar (2009); *Os Açudes do Sertão do Seridó* (1978), Sebo Vermelho, fac-similar (2012); *A caça nos sertões do Seridó* (1961), Sebo Vermelho, fac-similar (2015). Nenhuma das instituições consultadas possui a sua obra completa, quais sejam: Biblioteca Central Zila Mamede, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, instituição que lhe concedeu o título de Doutor Honoris Causa; Biblioteca da Academia de Letras do Rio Grande do Norte, instituição da qual Oswaldo foi membro, ocupando a cadeira 12, patrono Amaro Cavalcanti, cujo primeiro ocupante foi o seu pai, Juvenal Lamartine de Faria; e Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. A biblioteca da Fundação Vingt-Un Rosado também se encontrava indisponível para consulta, tendo em vista que alguns dos trabalhos de Oswaldo foram publicados pela *Coleção Mossoroense*. O acervo, segundo informação do guardião, Dix-Sept Rosado Sobrinho, encontra-se indisponível, abrigado em um galpão na cidade de Mossoró (informação por correspondência, 31 de julho de 2015).

Alguns (poucos) estão disponíveis na biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a Biblioteca Central Zila Mamede. Inexiste um levantamento completo e organizado da bibliografia de Oswaldo.

Também pela importância histórica, social e literária é carente de estudos. Há apenas dois trabalhos registrados na pós-graduação, no Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Quais sejam: uma dissertação de mestrado, defendida por Daniel de Holanda Cavalcanti Piñero⁶⁹, orientado pela professora Edna Rangel de Sá; e uma tese de doutorado, de autoria de Marize Lima de Castro⁷⁰, orientada pelo professor Humberto Hermenegildo. Também



⁶⁹ PIÑERO, Daniel de Holanda Cavalcanti. Multiplicando veredas entre Guimarães Rosa e Oswaldo Lamartine/Natal/RN, 2014. 140f. Orientadora: Profa. Edna Maria Rangel de Sá. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN – dissertação.

⁷⁰ CASTRO, Marize Lima de. Areia sob os pés da alma: uma leitura da vida e obra de Oswaldo Lamartine de Faria. Natal, 2015. 173f. Orientador: Prof. Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN – tese.

consta uma monografia⁷¹ do curso de história do Centro de Ensino Superior do Seridó, de Natalia Raiane de Paiva, orientada pelo professor Joel Carlos de Souza Andrade.

Os estudos

A caça nos sertões do Seridó (1961) é considerado o primeiro livro que integra a coleção Documentação da Vida Rural, do Serviço de Informação Agrícola, Ministério da Agricultura.⁷² Oswaldo tem a preocupação em apresentar, a priori, os sertões do Seridó como uma área geográfica demarcada, com domínio espacial próprio, bem como fixar a origem do povoamento e as causas que levaram à fixação de uma cultura pecuária sob qual se ergueu aquele sertão peculiar.

⁷¹ ARAUJO, Natália Raiane de Paiva. *Pelas memórias de Oswaldo Lamartine: artes de fazer nos sertões do Seridó/Caicó*, 2013. 58 f. Orientador: Prof. Me. Joel Carlos de Souza Andrade. Assunto: Faria, Oswaldo Lamartine, – História – Rio Grande do Norte – Monografia.

⁷² Segundo o jornalista Vicente Serejo, há quatro títulos de autores do Rio Grande do Norte nessa coleção: *Tradições populares da pecuária nordestina* (1956) e *Jangadeiros* (1959), de Luis da Câmara Cascudo; *O mutirão do Nordeste* (1961), de Hélio Galvão, e *A caça nos sertões do Seridó* (1961), de Oswaldo Lamartine de Faria.

Tão logo apresentado o sertão é que Oswaldo entra no propósito do estudo revelando nesse livro já um pendor que se configuraria nos demais como seu método de exposição da matéria pesquisada: a enumeração dos detalhes, a descrição das formas e os tipos de instrumentos empregados.

Nesse trabalho, Oswaldo trata, primeiramente, da fixação do homem no Seridó, de como se fizeram os primeiros currais e a criação de gado, de como o algodão sentou praça e se tornou uma cultura forte na região, implicando recursos, homens, técnicas, terras; depois passa para a fixação do espaço do Seridó, e esmiuça como se deu a fixação das ribeiras, dados sobre a gente, sobre os aspectos da terra, do clima, os invernos e as secas, até adentrar no específico do estudo: a caça em si.

Então trata da indumentária do caçador e de seus apetrechos, ou seja, de como se vestia e que material usava para a atividade e quais os tipos de caça praticada, propondo uma classificação, aquela que ocorria por perseguição e os tipos, e assim por diante, havendo também a caça por espera e por armadilha, o fecho se dá com a fixação do folclore em torno da

caça, tratando das crendices a ela associada. Para completar, expõe estatísticas.

O levantamento de dados que completa os estudos são concernentes a temas demarcados. Sobre os açudes, há uma série de informações fornecidas pela DNOCS que correspondem aos açudes públicos construídos pelo DNOCS até XII/1956; outro levantamento chega até 1957, os seguintes até 1959 e até dezembro de 1972. O mesmo com relação aos açudes particulares existentes em dezembro de 1958 e em construção com a participação do DNOCS (esse sem indicação de fonte). Outro dado sobre os açudes refere-se aos “açudes públicos e particulares do estado do Rio Grande do Norte peixados pelo Serviço de Piscicultura atualizado até dezembro de 1960”.

Também são registrados dados populacionais referentes à área, à população e à densidade dos municípios, cuja fonte é o Conselho Nacional de Estatística, estimativa em 1957. A população domiciliada segundo as zonas fisiográficas referente a 1950 e das pessoas presentes, de 10 anos ou mais, por ramo de atividade empresarial (Fonte: Censo Demográfico do Estado do Rio Grande do Norte. IBGE-CNE-SNR, vol. XV, tomo I), como

também do crescimento da população por município, segundo os censos (1940/1950/1960)⁷³ e dados sobre o rebanho, a produção agrícola e os minérios.

Em relação ao rebanho existente, a fonte é o Estado do Rio Grande do Norte, obtido pelo recenseamento de 1950, nesse mesmo recenseamento se obtém dados sobre a produção de leite por município; e também pelo Ministério da Agricultura relativo ao rebanho bovino, caprino e suíno (1950/60). Quanto à produção agrícola, a fonte é o Ministério da Agricultura, referente a um deles a produção em 1956; e o outro referente à “Produção agrícola segundo as culturas de maior valor econômico (1951-1960)”.

Também há dados obtidos no Ministério da Agricultura sobre a quantidade e a produção mineral na região, referentes aos anos 1954 a 1956, e a um trabalho do engenheiro Henrique Capper Alves de Souza, ano 1957, sobre a jazida de Brejuí. Para as demais jazidas, Oswaldo se valeu, pelo que registra, de informes

⁷³ Fonte: IBGE. Os dados referentes ao ano de 1940 foram coletados no Anuário Estatístico do Brasil, ano VIII, 1947; os correspondentes a 1950 e 1960, do Anuário estatístico do Brasil, 1961, inclusive as áreas dos municípios. A densidade demográfica foi calculada à base do censo de 1960 (hab/km²).

particulares. Os dados meteorológicos são também provenientes do Ministério da Agricultura e compreendem o índice pluviométrico dos anos 1914 a 1938 e, posteriormente, dos anos 1930 a 1942. Levantamentos sobre a fauna são dois: um deles sobre a situação da fauna cinegética do Seridó por município em 1959, sem indicação de fonte; e o outro sobre as abelhas silvestres, datado de 1963, cujas fontes são respostas ao questionário enviado pelo autor.

Dados sobre área, população e densidade demográfica, atividade laboral, índices pluviométricos, temperatura, rebanho, produção de leite e agrícola, minério, açudes existentes e fauna por município da região. Por si só, as tabelas já representam um material significativo e reunido disponível para ler e descrever sociedade e economia do Seridó.

O quadro atualizado, inclusive, poderia muito servir de subsídio para a implementação de políticas públicas, reunindo um vasto material de pesquisa também à disposição daqueles que, porventura, viessem a se interessar por alguns dos temas para desenvolver estudos acerca de algum município ou atividade

laboral, agrícola, sobre os açudes, enfim, sobre qualquer um dos aspectos elencados.

Assim, Oswaldo, ao dispor de levantamentos estatísticos em seus trabalhos, demarca a atualidade e a profundidade dos seus estudos, completando com dados atualizados as informações de cunho histórico, geográfico e social que dispõe no texto.

A.B.C. da Pescaria de açudes no Seridó (1961), que vem logo em seguida, é dedicado à memória de Bonato Liberato Dantas (1897-1955), o qual explicou a Oswaldo como era que se procedia à pesca. Houve também consulta a Bento Xavier D’Almeida, do Posto Agrícola do Itans, em Caicó, para expor os tipos de peixe. A.B.C. era um tipo de cartilha com os princípios ou fundamentos de um dado assunto. Oswaldo toma posse desse de tipo publicação e, seguindo as letras do alfabeto, uma a uma, compõe o assunto da pescaria expondo seus fundamentos.

A.B.C. da pescaria de açudes do Seridó nasce do trabalho intitulado *Notas sobre a pescaria de açudes no Seridó (Rio Grande do Norte)*, publicado previamente no Boletim do Museu Nacional

em 1950⁷⁴. Os desenhos (figuras) são os mesmos, pelo que se pode verificar, comparando os dois trabalhos. Onze no total, com acréscimos e detalhamentos de informações e, no final, agradecimento a Bonato e a Cascudo, “de quem recebi auxílio técnico e estímulo”. Oswaldo aprimorou o estudo inicial para fazer o *A.B.C. da pescaria*.

Em *Notas*, explica que a pescaria veio para que o sertanejo tenha outra opção de sobrevivência e que a prática nasceu com a construção dos açudes. Os sistemas de pesca, diz, são: de origem europeia (a pesca de tarrafa, rede, anzol, explosivos e sífão) e indígena (pesca por armadilhas e por flechas).

Já a pesca de dinamite era muito utilizada, acrescenta, para exterminar piranhas, tipo de peixe que, por ser predador, atrapalha o criatório. Desse modo, o procedimento para acabar com as piranhas era assim, nas palavras do mestre Oswaldo: “atira-se carne verde na água para atrair o peixe e, logo em

⁷⁴ FARIA, Oswaldo Lamartine de. *Notas sobre a pescaria de açudes no Seridó (Rio Grande do Norte)*. Rio de Janeiro: Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Antropologia n. 10, 22 de outubro de 1950, p. 1-20. Entregue para publicação em 1 de julho de 1949.

seguida, a dinamite”, e assim por diante vai explicando cada um dos métodos e técnicas de pesca e os instrumentos utilizados e como procedem os pescadores.

Impossível falar de pescaria sem falar em água, e não se falar em água no sertão sem se falar nos açudes. Depois daquele introito característico, em que explana onde é o sertão, os municípios que compõe, as características do clima e do solo, começa a expor as técnicas de pesca, os instrumentos de pescaria e os tipos de pescado.

Acompanha ao final do volume – os livros de Oswaldo são magrinhos, os ensaios não se delongam e se constroem com precisão da linguagem, distribuição e emprego das informações necessárias para que se desenvolva o tema da explanação que não é nada mais do que já está exposto no título o objeto do estudo – uma série de ilustrações, desenhos dos instrumentos de pesca indicando a composição, o tamanho, o material, as partes; também há notas explicativas e tabelas com a lista dos açudes públicos e privados do Seridó no ano de 1959, com a descrição da capacidade de armazenamento e o período de construção. Depois as referências bibliográficas consultadas.

A metodologia de trabalho de Oswaldo e os sertões do Seridó que ele definiu revelam-se nos elementos recorrentes que aparecem em todos os seus livros. O método de Oswaldo é um só ao longo de toda a sua trajetória de etnógrafo e pesquisador.

O que se observa como uma crescente é a apuração do estilo literário, uma opção consciente que ele adota ao mesmo tempo em que constrói a linguagem dos sertões do Seridó. O primeiro ponto é geográfico; Oswaldo, em todos os seus livros, procura situar o sertão de que fala, onde está o Seridó. A pesquisa começa ampla, dá conta de revelar o universal. No ensaio *Algumas abelhas dos sertões do Seridó: notas de carregaço*⁷⁵, Oswaldo explica que o ato de “caçar” abelha vem do homem primitivo e se verifica nos quatro cantos do mundo.

⁷⁵ O ensaio é primeiramente publicado em periódico, numa separata dos Arquivos do Instituto de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, vol. 1, n. 2, em 1964, p. 185 a 198, encontrada na Biblioteca do Faculdade de Ciências e Letras do campus de Araraquara/SP, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Uma segunda versão, *ipsis litteris*, em *Sertões do Seridó*, publicado pelo Senado Federal em 1980. No entanto, uma versão desse texto consta com o título *Rastejadores de Abelha, em Notas de Carregaço*. Natal: Scriptorim Candinha Bezerra; Fundação Hélio Galvão, 2001, p. 73-79.

Seguindo a sua linha de abordagem, Oswaldo vai procurar na literatura sobre o tema o respaldo que fixa na tradição da humanidade as práticas que estuda. Outro elemento presente na sua abordagem é a fonte da cultura popular, um verso de cordel, por exemplo, atesta o costume e apresenta a prática:

Quem nunca passou
pelo Seridó
e no Piancó
nunca viajou
não saboreou
o mel do Abreu;
um desses nasceu
em hora esquecida
passou pela vida
porém não viveu

(João Martins Athayde)

O sertão se mostra em cada ensaio como o sertão de nunca-mais. Ao descrever como era a prática, Oswaldo denuncia a

mudança dos tempos, a tradição e a natureza que estão se transformando, e ressalta: “hoje, até nos anos bons de inverno, dizem os mais velhos, é fácil de perceber, mesmo a olho, a rarefação das abelhas”⁷⁶. O título é também um elemento definitivo, já revela que o alcance sobre as abelhas será restrito a “algumas abelhas” que povoam a região.

Oswaldo escreve alguns trabalhos em coautoria, o primeiro ensaio em parceria é com o sobrinho Hyperides Lamartine⁷⁷, o que não deixa de, outro elemento do seu método, prescindir de demais colaborações necessárias, as fontes de pesquisa.

⁷⁶ FARIA, Oswaldo Lamartine de; LAMARTINE, Hypérides. **Algumas abelhas do sertão do Seridó**: notas de carregaço. 3 ed. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2004, p. 13.

⁷⁷ Hyperides Lamartine, o Pery, inclusive declarou em entrevista que o seu envolvimento com a literatura se deve muito mais que ao avô Juvenal Lamartine, ao tio Oswaldo, “foi quem me deu alguma inspiração” (GONZAGA, Thiago (Org.). **Impressões Digitais**: escritores potiguares contemporâneos vol. 1. Natal/RN: Offset, 2013, p. 12). Além da parceria, Pery publica livros sobre o sertão do Seridó: **Assentamento da família Lamartine**; **Timbaúba**: uma fazenda do século XIX; **Velhas Oiticicas**; **Serra Negra anos 30**; **Personagens Serranegrenses** e **Os coronéis do Seridó**.

No trabalho sobre as abelhas agradece a “inestimável ajuda” de Paulo Nogueira Neto⁷⁸, especialista em abelhas; também há a colaboração de outras fontes para o livro, envia questionários sobre o assunto endereçados a prefeitos de municípios do Seridó. Os depoentes são fonte perene e fértil: Francisco Julião, da Fazenda Lagoa Nova, em São Paulo do Potengi/RN, dá prova que o mel quente embebeda, sobretudo, aquele da flor da maniçoba e da flor de seda. E, assim, une o saber científico ao saber prático.

Oswaldo, ao que parece, utilizava a correspondência como fonte de garimpo para colecionar informações necessárias a sua escrita dos sertões do Seridó. E parece que assim procedeu desde o princípio. Em 1948, há notícia de consulta a Thomaz Pompeu Sobrinho, autor de um mapa etnógrafo do Nordeste, acerca das tribos indígenas. Queria saber Oswaldo das nações que habitavam o território norte-rio-grandense.

⁷⁸ Paulo Nogueira Neto nasceu em São Paulo (1922), pesquisou o comportamento das abelhas indígenas sem ferrão (Meliponinae) e defendeu tese de doutoramento em 1963, sobre a arquitetura dos ninhos dessas abelhas.

Arremedo de perguntações

Também utilizava as cartas como instrumento para coleta de dados. Em 1984 escreveu a *Vingt-Un Rosado*⁷⁹, preparava o estudo sobre as facas de ponta: “vocês tiveram ou tem aí alguma tenda de tradição regional ou ferreiro velho capaz de responder a perguntações?”. Fato que demonstra o que a correspondência de Oswaldo revela sobre o seu processo de formação e corrobora para a tese de que a construção das suas fontes é um processo plural em que coabitam não só a voz das personagens do sertão, conhecedoras das suas práticas, mas, também, os estudiosos brasileiros especialistas nas dadas temáticas que o absorveram.

Os dados técnicos também são necessários para a construção de um saber totalizante. As estatísticas do Ministério da Agricultura servem de fonte e também outras pes-

⁷⁹ Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia, Vingt-Un Rosado, nasceu em Mossoró/RN, em 1920, e faleceu na mesma cidade em 2005. Escritor, publicou diversos livros. Foi idealizador e editor da Coleção Mossoroense. Criador e professor da Escola Superior de Agricultura de Mossoró – ESAM. Agrônomo formado pela Escola Superior de Agricultura de Lavras, Minas Gerais, foi colega de Oswaldo. Juntos moravam na república A Bastilha, razão do título do livro que Vingt-Un publicou reunindo a correspondência lhe remetida por Oswaldo: *Conversas sobre a Bastilha* (1995).

quisas publicadas sobre o tema, como o trabalho de Pedro Van Tol Filho, autor de *Criação racional de abelhas*. Vingt-Un Rosado⁸⁰ apresenta o inédito relato do francês Louis Jacques Brunet que levou da abelha urucu para a Europa.

Os questionários serviram para mais um levantamento. A bibliografia também obedece a uma variedade de estudos em áreas diversas e correlatas, como livros sobre a história da região, sobre o sertão, e livros técnicos sobre agricultura que demonstra que Oswaldo estava atualizado com as publicações recentes que corroborou com outras grandes paixões que alimentava: a bibliofilia e a coleção de livros sobre o sertão, a pecuária, a agricultura, a botânica, a geografia, temas correlatos aos seus estudos.

Oswaldo trabalhou para a fixação do Seridó na geografia do Rio Grande do Norte. Conservação dos alimentos nos sertões



⁸⁰ A amizade entre Oswaldo Lamartine e Vingt-Un Rosado nasce na Escola Superior de Agricultura, em Lavras, Minas Gerais, quando para lá os dois norte-rio-grandenses, Oswaldo vindo do Rio de Janeiro e Vingt-Un de Mossoró/RN, transferem-se para estudar. As cartas trocadas entre os dois serão objeto de um livro organizado por Vingt-Un e publicado pela Coleção Mossoroense, editada por Vingt-Un, com o título *Conversa sobre a Bastilha*, no ano de 1995.

do Seridó^{81/82} (1965) começa com a descrição de uma partida da cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, até chegar ao Seridó, compreendendo o cenário da estrada, os caminhos de passagem e a mudança de terreno. E descreve milimetricamente a extensão desse sertão, os municípios que o compõe, o quadro populacional e as origens do povoamento (seguindo os cursos d'água), fixando-se o homem pela criação de gado e pelo plantio de algodão.

A dificuldade sempre foi imperiosa, a água armazenada, em virtude da necessidade e da escassez, e técnicas foram desenvolvidas para a conservação dos alimentos, sendo esse o objeto do estudo, que considera todo um levantamento sobre a alimentação do sertanejo, a carne de sol, o queijo, a manteiga (do sertão) os grãos (feijão de diversas qualidades e milho), as leguminosas, a batata doce e o jerimum, a rapadura.

⁸¹ FARIA, Oswaldo Lamartine de. Conservação dos alimentos nos sertões do Seridó. Recife/PE: Instituto Joaquim Nabuco; Ministério da Educação e Cultura, 1965.

⁸² O ensaio consta na bibliografia do dicionário Aurélio: "LAMARTINE DE FARIA, Oswaldo, Conservação dos alimentos nos Sertões do Seridó. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1965". Edição consultada: Novo Dicionário Aurélio, 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d, p. 1824.

As receitas foram fornecidas pelo colaborador assíduo, o sobrinho Pery Lamartine. Começa o ensaio:

Rodando no asfalto que se espicha léguas adentro, cobrindo os primitivos caminhos de terra solta ou piçarrados, vai-se comendo o chão. Para trás, fica o cheiro das vacarias e, depois, o da maresia do Potengi. De banda vão ficando as dunas, o rio, os tabuleiros de mangabeiras, para mais adiante se cortar a cidade de Macaíba. Daí, em direção As Marias, o chão vai ficando mais barrento e mais trancado com a vegetação do agreste – é o marmeleiro, a sarjadeira, o velame e a macambira fazendo a saia das raras essências de maior porte que escaparam, só Deus, sabe por que, ao gume do machado e à coivara. Os facheiros se destacam... De As Marias até Bom Jesus de Panelas é um pulo. Vem depois Caiada de Baixo e o chão se despindo na caatinga nos arredores de Serra Caiada. A encruzilhada de outro caminho faz nascer Riacho. Sobre-se em procura de Santa Cruz do Inharé; ali, em quilômetros, a estrada é um corredor de paredes verdes pela cor do aveloz que tapa, ladeira acima e abaixo, as cercas divisórias. Da estrada se avista o

Açude do Inharé, 17.600.000 m³d'água salobra represada; dizem por lá que 'nem marimbondo bebe e, de sabão, nela ninguém consegue tirar a espuma...' O asfalto termina; a estrada continua em piçarra – aqui e acolá um catabi – enladeirando-se cada vez mais e de vegetação mais rala, espinhenta e contorcida.

Adiante é sempre bom tomar fôlego, pois depois se esbarra na subida da Serra do Doutô. As léguas ficam mais compridas pelo cansaço das curvas e das ladeiras – ganhando em horizontes que destampam em maior alcance, até o alento da chã da serra onde a cruviana afaga a canseira da subida. É o espinhaço da Borborema, refrescado pela maior altitude (500m), colorindo de verde os matos da caatinga, abrandando o clima, as culturas, os pastos e apartando as duas regiões. Mais para diante, entre as nascentes do Riacho dos Angicos que corre para Este e as do Mulungu, que descamba para Oeste – a estrada enladeira-se, de cabeça abaixo, pisando os chãos do Seridó⁸³.

⁸³ Conservação dos alimentos nos sertões do Seridó. In: FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Sertões do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980, p. 51-52.

Ainda na década de 1960, precisamente em 1966, Oswaldo publica, em coautoria com Guilherme de Azevedo⁸⁴, mais um livro, *Vocabulário do criatório norte-rio-grandense*. O livro é dedicado ao vaqueiro, figura-chave na atividade, e mais uma vez são perfiladas, nos agradecimentos, as fontes de consulta: agrônomos, veterinários, criadores, seleiros e vaqueiros, ou seja, figuras que dominam o saber técnico científico e prático. A edição sai com o selo do Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura.

Uma reedição do vocabulário⁸⁵, ampliada, revela acréscimos, tanto de palavras quanto de conteúdo em alguns verbetes, para mais de mil alterações, anuncia Oswaldo numa nota à segunda edição. O método permaneceu o mesmo, ele próprio o



⁸⁴ O coautor, Guilherme de Azevedo (1925-1985), agrônomo, em 1959, era o executor do Acordo do Fomento Animal entre o Ministério da Agricultura e o estado do Rio Grande do Norte e, interessado acerca dos temas relacionados ao criatório, fez o levantamento dos ferros, ao ser transferido, em 1961, para o Sul do Brasil, e entregou o material que coletou para Oswaldo. In: LAMARTINE, Oswaldo. **Ferros de ribeiras do RN**. Col. Mossoroense CCXLI, s-C. Mossoró- 1984.

⁸⁵ FARIA, Oswaldo Lamartine de; AZEVEDO, Guilherme de. **Vocabulário do criatório norte-rio-grandense**. 2ed. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1997.

declara por onde andou para colher mais informações acerca do criatório: “voltei a rastejá-las (as palavras) nos papéis alheios, nos escondidos da memória do sertão de nunca-mais e no prosar dos vaqueiros”. O objetivo é fixar a tradição criatória do Rio Grande do Norte, como o próprio título afirma, ou seja, a pesquisa deixa de ser apenas um levantamento e passa a ser um olhar sobre o reduto dos sertões do Seridó.

Oswaldo se dedicará a ensaios que ultrapassam o seu sertão, mas não deixam o universo do seu estado, o Rio Grande do Norte; o estudo sobre os ferros também terá esta dimensão para além do sertões do Seridó. A escrita sobre os ferros era pretensão antiga, dormia engavetada desde 1959. Em 1977, se queixava a Vingt- Un Rosado das dificuldades para terminar o livro, em razão da espera das respostas consultivas que fazia. Tempo depois, em carta de 1984, anuncia que entregou o estudo para revisão.

Vocabulário

A exploração de um vocabulário relacionado ao sertão está de outra maneira também presente em toda a sua obra, são frequentes as notas de rodapé com conceitos e definições de termos, práticas e usos típicos que não pertencem ao domínio comum. Oswaldo sempre esteve fomentando o vocabulário dos sertões do Seridó, construindo e registrando para além do tempo uma linguagem que ele assumia como própria daquele sertão e que também se esvaia, traduzindo para o leigo o próprio sertão que apenas o sertanejo, ao partilhar daquele vocabulário e daquela vida, teria domínio e compreensão. São termos, expressões e usanças como espiar, vadear, esbarrar, embrenhar-se, alevantar etc.; caboclo brabo, zoadá, magote etc.; e expressões como tempo das vacas magras, de boca em boca, principiar tudo de novo, na pegada do inverno, gente do oco do mundo etc.

No prefácio de *Vocabulário do criatório*, Manoel Rodrigues de Melo⁸⁶ não deixa de ressaltar que são eles, os autores, Oswaldo e

⁸⁶ Manoel Rodrigues de Melo nasceu em Pendências/RN, em 1912, e faleceu em Natal, em 1996. Formado em Direito, professor e jornalista, membro de diversas instituições culturais do Rio Grande do Norte, dedicou-se aos estudos culturais, publicando livros e plaquetes, destacando-se, dentre eles: *Cavalo de Pau* (1953) e *Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte* (1987).

Guilherme, netos e filhos de fazendeiros, formados em agronomia e conhecedores da atividade. Nesse caso, vocabulário corresponde ao conjunto de palavras relativas à atividade do criatório. Assim se procede: denominada a classe gramatical da palavra (se verbo, substantivo, adjetivo etc.), na sequência lança-se o significado.

Criatório é apenas um substantivo que designa fazenda de gado. No entanto, a acepção de reunião de tudo aquilo que designa a arte de criar animais não foi relacionada. O que corresponde ao criatório, infere-se da proposta do livro, são todos os seus elementos físicos, os animais, as práticas, os utensílios, a economia e o social, os trabalhadores vaqueiros e tangerinos etc. Interessante também observar que na letra “s” encontramos seca, mas não encontramos nem “sertão” ou “sertões”, nem muito menos “Seridó”.

Para cada vocábulo, listados em ordem alfabética, Oswaldo apresenta o termo, a classe gramatical e, na sequência, a definição, que se compõe da explicação do vocábulo acompanhada muitas vezes de citações, bibliografia, estudos ou as próprias fontes consultadas. O vocabulário também está servido por fotografias, reprodução de desenhos ou telas, ilustrações e desenhos explicativos, o que é comum aos dicionários e enciclopédias ilustradas, e assumem a função de esclarecimento, explicação ou mera ilustração.

Há retrato de apanhadores de água no rio, de vaqueiro, da guia-da, de um jumento e de uma retirada. Há reproduções de artes plásticas e capa de livreto de cordel; ilustrações a bico de pena que demonstram a ferra, um tangerino, um vaqueiro, pelo ilustrador e amigo Percy Lau^{87/88}, cujos desenhos em bico de pena foram constantemente utilizados por Oswaldo em toda sua obra;

⁸⁷ Percy Lau (Peru, 1903; Brasil, 1972) foi desenhista, ilustrador, gravador e pintor. Veio para o Brasil em 1921, estabelecendo-se em Olinda/PE, onde participou do movimento da Arte Moderna no Recife. Em 1938, mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro/RJ, e foi estudar no Liceu de Artes e Ofícios. Começou a trabalhar como ilustrador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e colaborou com desenhos para a reedição de Tipos e aspectos do Brasil (1960). Em 1953, recebeu a medalha de prata no 2º Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio de Janeiro. Em 1963, foi premiado como melhor ilustrador pela Câmara Brasileira do Livro. Informações colhidas na Enciclopédia Itaú Cultural, <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24538/percy-lau>>. Acesso em 06 de abril de 2016.

⁸⁸ Oswaldo noticia o encontro com Percy Lau: “Cortou imbigão no Peru e veio para o Brasil menino – primeiro Recife, depois Rio. Muito do nosso mundo que desenhava era de oitava – como quem toca de ouvido. No Conselho Nacional de Geografia, onde era desenhista, ilustrava Tipos e Aspectos do Brasil. Aqui acolá, em cenas nordestinas, eu chamava sua atenção para detalhes – uma correia de apragatas, burranhas de uma sela, feitiço de um fifó – miudezas que davam mais autenticidade documental à gravura. Ele gostava, pois dizia que muitas vezes tinha de se valer de fotografias para fixar época e local”. CAMPOS, Natércia (org). **Em Alpendres d’Acauã**: conversa com Oswaldo Lamartine de Faria, Natal/RN: Fundação José Augusto e Imprensa Universitária, 2001, p. 79.

e desenhos explicativos do próprio Oswaldo sobre assinatura de orelha, detalhes de cabeçada, sela, chapéu de couro, tipos de estribo, chifres etc. O seu vocabulário do criatório tem um viés enciclopédico sobre o tema.

Os desenhos

Os livros de Oswaldo são fartamente enriquecidos com ilustrações. Oswaldo reproduz desenhos de Percy Lau que representam figuras, como o vaqueiro, o tangerino, a paisagem etc. Há um “retrato” da caatinga e algumas práticas habitais demarcadas no espaço, uma cena da construção de açude, um registro da apartação, a ferra do gado – algumas nominadas – outras não, há um banho de açude, caçadores de espingarda e baladeira, entre outros. São reproduções dos desenhos no que é pertinente à vida no sertão.

Também compõem esse quadro os desenhos elaborados por Oswaldo do próprio punho. Uma série documenta os instrumentos de pesca, presente nos dois ensaios sobre a pesca que publica; quando o assunto é o vaqueiro, Oswaldo compõe uma seção de imagens registrando a indumentária do vaqueiro e os seus

apetrechos. Reproduz também algumas armas brancas, quando trata delas, e aponta os detalhes da faca.

Os desenhos de Oswaldo em sua maioria são descritivos e instrutivos demarcando cada parte que compõe, por exemplo, um arreio, o chapéu de couro, a faca e assim por diante. Oswaldo também reproduz, nos livros *ABC da pescaria* e *A caça nos sertões*, um mapa do IBGE, ano 1957, demarcando o sertões do Seridó.

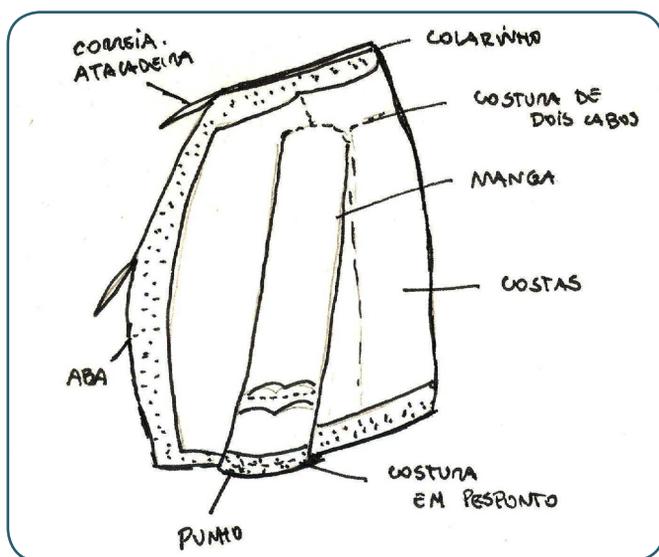
No quesito imagens, também se pode registrar reproduções de ordem diversa, como gravuras retiradas de livros antigos (indicativos e atinentes ao tema em conteúdo, por exemplo, se fala do vaqueiro; a gravura é correspondente), então há capas de folhetos de cordel, entre outros e, em destaque, um vaqueiro desenhado em nanquim numa peça de couro de bode pelo artista Newton Navarro e o tapete em ponto de cruz (desenho dele, Oswaldo, e confecção de sua mulher, Maria de Lourdes Leão Veloso da Rocha) em que estão assinalados os ferros seu e de seu pai.

As fotografias, por sua vez, cumprem o mesmo papel dos desenhos de Percy Lau. Há desde foto de espécies de planta, um xiquexique (foto por Guaraci de Louvor) e uma cerca de avelós, como também há um vaqueiro com encouramento completo, entre outros. Destaque para uma fotografia dos trabalhadores do açude Itans, em Caicó/RN, durante a seca de 1932 (a foto é de autoria de Geraldo Oliveira). As fotos tanto são produção do próprio autor (Oswaldo) quanto de autoria de terceiros. Oswaldo sempre foi atento e registrou o autor de grande parte delas, há desde fotógrafo profissional, Jaeci, a anônimos.

O vaqueiro

O ensaio sobre *Encouramento e arreios do vaqueiro no Seridó* (1969) começa dando conta de que os primeiros animais, o boi e o cavalo, chegaram aqui com os portugueses e vieram juntos, ao que parece, os arreios. E de lá também trouxeram as sela. Aqui, explica Oswaldo, o curtidor se tornou figura presente nas fazendas, devendo saber esfolar o animal com faca amolada de ponta rombuda, sabendo retirar e lavar o couro para depois curtir e do couro curtido fabricar as peças.

Há a figura do vaqueiro explicado em cada detalhe e parte da peça em todos os seus elementos e por desenhos de Oswaldo que acompanham o estudo. É roupa do vaqueiro: chapéu, gibão, guarda peito, perneiras e, também, sela, rédeas, cabeçadas e, de apetrechos, o relho, chocalho, peia e alforje.



Traje de vaqueiro

Desenho do autor

Depois de *Encouramento*, publica, no ano seguinte, em 1970, *Silo-família no Seridó*⁸⁹, no periódico Cadernos Brasileiros, edição março-abril de 1970. O ponto um do texto é a apresentação do Seridó do Rio Grande do Norte. Oswaldo principia com a identificação da área e os municípios, citados um a um, que compreendem a região, comparando com o Estado da Guanabara “em números redondos, oito vezes maior”.

Depois vem a população, em 1960, de 146.293 habitantes; em seguida, “Ecologia”, e traça topografia, vegetação, clima; por fim, trata de transportes e comunicação e da situação da açudagem. O segundo ponto é a agricultura: entra com o algodão mocó, as culturas associadas e explica o sistema de parceria enumerando as tratativas entre patrão e empregado, direitos e deveres.

Aí desce para tratar dessas culturas, expõe a cultura e os tipos do feijão, como se dá o comércio no período entressafras, e trata da prática de armazenar os aviamentos e entra para o tema propriamente dito abordando os silos domésticos como alternativa para o pequeno produtor. Em seguida, expõe as vantagens,

⁸⁹ Rio de Janeiro: Cadernos Brasileiros, CB, n. 2, ano XII, n. 58, março-abril 1970, p. 53-63.

os tipos de silo, a capacidade de armazenagem, os custos, os financiamentos e as conclusões.

Há um intervalo até que Oswaldo se anima e apronta com mais um estudo. Desta feita o assunto é açude. *Açudes dos sertões do Seridó* (1978) também segue uma ordem precisa e crescente na apresentação das informações, aqui, em três momentos: como era o princípio, uma pesquisa histórica geral; depois, como se faziam os açudes especificamente no Seridó; e o terceiro ponto, um levantamento de dados acerca do número de açudes, sua capacidade e localização. Outro aspecto interessante e importante dos livros de Oswaldo: ele assume uma preocupação com o livro como objeto construído, onde e quando foi impresso, quem foram os responsáveis, nomeando-os.

Há um interesse com a inclusão da obra como trabalho coletivo. Todos aqueles que colaboraram, seja como fonte de informação, seja na produção do objeto-livro, são devidamente nomeados com as suas respectivas funções. A preocupação com as palavras é constante, utilizar o próprio vocabulário do criatório e do sertões do Seridó não é um empecilho para o escritor Oswaldo, que faz parêntese com o pesquisador Oswaldo.

Portanto, por toda sua obra, viu-se o uso de palavras assim; é o falar de Oswaldo: chamar o sertão antigo de sertão velho, dizer aqui acolá, merminho, usar a expressão prego batido e ponta virada e, no lugar de desde, derna; também é de sua usança adonde e outros mais que só um levantamento do seu vocabulário esgotaria.

Já afamado com todos esses estudos publicados, surge a oportunidade de enfeixar em uma seleta cinco desses trabalhos anteriores. Assim é que se faz *Sertões do Seridó* (1980), publicação do Senado Federal, que reúne cinco dos livros já publicados de Oswaldo, a saber: *Açudes dos sertões do Seridó*, *Conservação dos alimentos nos sertões do Seridó*, *Algumas abelhas dos sertões do Seridó*, *ABC da pescaria de açudes do Seridó* e *A caça nos sertões do Seridó*.

Oswaldo não modificou, pelo que se percebe, qualquer um dos textos originais, permaneceram as ilustrações e as epígrafes, também as tabelas e as estatísticas. As diferenças que estão são poucas. Em *Açudes*, lá nas obras consultadas, foi substituída “tabuada das obras consultadas”, da primeira edição, por “referências bibliográficas”, nesta. Outro ponto interessante foi

que saiu, neste ponto, o emprego de uma linguagem mais sertaneja, “a tabuada”, pela nomeação utilizada correntemente pela academia nos trabalhos científicos.

Em *A caça*, presente no volume, houve algumas mudanças nas imagens: uma fotografia, que retrata uma cerca de avelós (foto do autor), foi suprimida e foi acrescentado um bico de pena de Percy Lau. A dificuldade em encontrar as demais edições de uma mesma obra impediu que se confrontassem os textos finais impressos e os aspectos do livro. Também sumiu o colofão de *Sertões do Seridó*.

O colofão, em Oswaldo, registra informação importante: dados sobre a feitura do livro: impresso pela Fundação José Augusto em coedição com a Coleção Mossoroense, *Açudes* (1972) saiu com 1.000 exemplares, uma tiragem considerável. Também o volume veio desprovido do ex-libris do autor. Na apresentação,

Francisco das Chagas Pereira⁹⁰ confronta a ciência produzida pela academia com a ciência produzida por Oswaldo, desta maneira:

[...] o sertão de Lamartine não existe como objeto de exterior de pesquisa, distanciado de impessoal investigador. É espaço exterior, vivenciado, incorporado ao mundo de valores, crenças e cuidados do escritor [...] aqui o sertão se interpreta a si mesmo sertanejamente.

Essa e a apresentação do *Vocabulário do criatório* são as únicas. Como ele mesmo alegou em carta a Verísimo de Melo, gostava dessas coisas não, repare:



⁹⁰ Francisco das Chagas Pereira, seridoense, mestre em Sociologia na França e doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Informações colhidas em MADRUGA, Woden. Sertões do Seridó. Jornal de WM, Tribuna do Norte, Natal/RN, 04 de janeiro de 2007: “Bom, faço esse “cerca lourenço” para chegar à apresentação de Sertões do Seridó (o título é da lavra de Sanderson). É outra peça valiosa, joia rara, do livro. Foi escrita por Francisco das Chagas Pereira, nascido no mesmo chão seridoense de Oswaldo, mestre em Sociologia na França e doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina, escritor nato e que poderia ter sido, se quisesse e não fosse o ofício de magistrado da Justiça do Trabalho que lhe tomava o tempo, um bamba na crítica literária brasileira. Tem ensaios sobre Elói de Souza e Jorge Fernandes”.

Veja que nunca pedi um prefácio a Cascudo nem a ninguém. Sou, vc ignora, bicho do mato mais que tudo, encabulado. E se o Vocabulário do Criatório tem um de Mané Rodrigues, foi diligência de Guilherme de Azevedo, meu parceiro na empreitada⁹¹.

Cotejo que merece um estudo aprofundado, haja vista toda uma discussão epistemológica que trava sobre o saber científico, a presença e o envolvimento do pesquisador, a interferência durante a atividade da pesquisa, tendo em vista que o conhecimento científico é socialmente construído e que, por isso, não há neutralidade na sua objetividade.

O modelo racional da ciência nega o conhecimento que não se enquadra em parâmetros epistemológicos e metodológicos, por isso distingue o conhecimento científico do senso comum, desconfiando da experiência imediata. O conhecimento prático e pragmático interpretado pelo conhecimento científico revela uma nova realidade.

⁹¹ Carta para Veríssimo de Melo datada de 28 de junho de 1990. In: MELO, Verissimo. **Cartas & cartões de Oswaldo Lamartine**. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1995, p. 54.

Oswaldo, nessa perspectiva, fazia ciência. Embora, sempre que perguntado, não se definia como isso ou aquilo, quando entrevistado pelo Jornal Cultural O Galo⁹², respondeu como melhor definia o propósito dos seus estudos: fixar. E quando instado a definir o que fazia, se era antropólogo, se era historiador, disse, simplesmente: anotador.

E foram anotações que fez numa pequena plaquete que saiu em 1982, publicação da Coleção Mossoroense. *Algumas peças líticas do Museu Municipal de Mossoró*⁹³ reúne desenhos de autoria de Oswaldo e a descrição das peças uma a uma. São elas cachimbos de argila, mão de pilão, machado de pedra polida, vaso de pedra polida, ponta de flecha anotada a procedência, a dimensão e o peso de cada peça. Oswaldo foi criterioso na descrição dos dados e de cada peça desenhou diversos perfis identificando cada um deles.

Daí Oswaldo se animou e fez um estudo sobre faca. A explicação está no próprio escrito: “em julho de 77, datada do dia sete, recebi

⁹² Entrevista com Oswaldo Lamartine de Faria, “No embalo da rede, no alpendre”. O Galo, jornal cultural, Fundação José Augusto, Departamento Estadual de Imprensa IX, n. 97, Natal. jul, 1997. Edição em homenagem a Oswaldo Lamartine de Faria, p. 3-4.

⁹³ Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 1982. Coleção Mossoroenses. B, 378.

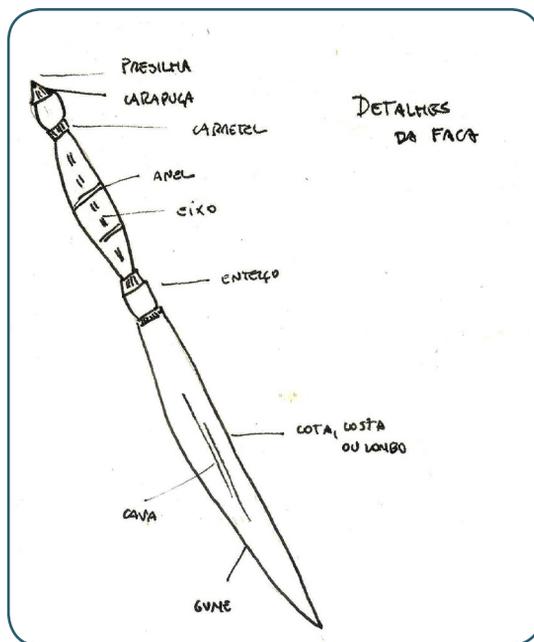
do prof. Newton Carneiro, da Universidade do Paraná”, era um pedido de informação sobre os diversos tipos de facas usadas no Nordeste e a sua fabricação, “ai cuidei de botar no papel tudo o que tinha e me vinha à lembrança e fui respondendo ao professor”.

Terminado o trabalho, a ideia e a fome da pesquisa sobre o assunto não mais lhe largaram e se pôs a coligar as notas, e uma certeza: em face da riqueza do material de cutelaria era preciso que tudo fosse catalogado para ficar registrado no futuro. No livro, em fotografias, uma coleção de armas brancas com as devidas dimensões, o material utilizado na confecção, mestre fabricante e a quem pertenceu o exemplar.

Oswaldo desenha e nomeia cada parte da faca, os usos que se faziam com ela, o modo de portar. Havia os que usavam na bainha do colete, era o caso do romancista José Lins do Rego. Outro capítulo trata dos crimes a ela imputados, a sua fama de ser arma de malfeitor e cangaceiro.

Interessa, também, na composição da sua obra, que se trata também de uma tentativa de registrar o sertão, o arremate, que se carece ainda de registrar o trabalho dos artesões que deixaram na peça

a sua insígnia, por isso, no livro, há um questionário para endereçar a Fundação José Augusto⁹⁴, um levantamento a partir da identificação do artesão, local e período de atividade. A primeira gravura compõe todos os detalhes da faca de ponta, da cabeça aos pés.



Faca de ponta

Desenho do autor

⁹⁴ Fundação cultural do Estado do Rio Grande do Norte pertencente ao Governo do Estado responsável pelo fomento à cultura.

Oswaldo também desenvolve uma linguagem própria para os seus ensaios. Se Graciliano fez o seu sertão com uma linguagem limpa, seca de adjetivos e substantivada, Oswaldo teima como Guimarães Rosa inventando aquela que para ele é a verdadeira voz do seu sertões do Seridó, a sua voz. Oswaldo escreve em seridoês registrando aquele sertão que, para ele, é o sertão puro, aquele sertão cristalizado em que o vocabulário do criatório está perene, os açudes estão em construção e as abelhas habitam a mata densa da caatinga.

Se, no começo de sua trajetória, Oswaldo estabelece a criação dos sertões do Seridó, nos últimos trabalhos e declarações⁹⁵, já apresenta o seu sertão mítico, encantado, de quem está totalmente certo; parece chegar à conclusão que o sertão não existe mais, não é apenas mais como era, mas deixou de existir totalmente, desapareceu por completo. A denúncia de desaparecimento daquele sertão, nos primeiros livros na década de 1960, se confirma. Aquele sertão é sertão de nunca-mais, assim

⁹⁵ CAMPOS, Natércia (org). **Em alpendres d'Acauã**: conversa com Oswaldo Lamartine de Faria. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC. Natal: Fundação José Augusto, 2001.

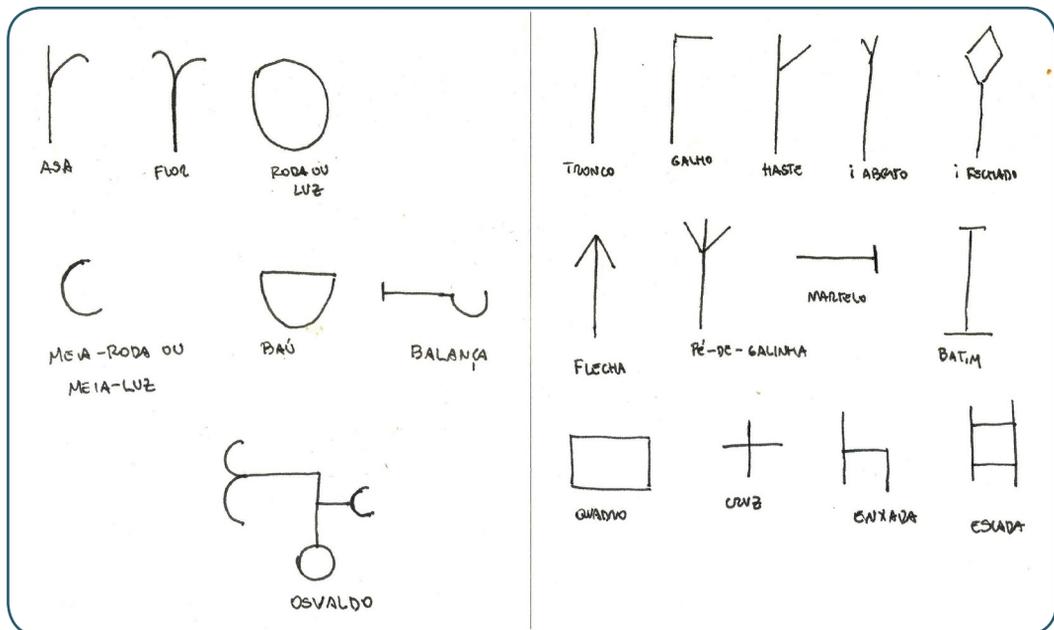
mesmo grafado com hífen, como ele designou na expressão que ele mesmo teceu, a qual sobrevive na memória e nos escritos.

Não há outro sertão de nunca-mais, ele é pura e inteiramente de Oswaldo Lamartine (1919-2007) e sobrevive na sua obra. No livro *Ferro de ribeiras do Rio Grande do Norte* (1984), se o espaço não é apenas e tão só os sertões do Seridó, o sertão permanece presente. Oswaldo traça, à sua maneira, um texto limpo, sem excessos, próximo do sentido de escassez que se atribui à vida do sertanejo. Um texto sem rodeios, explicado e ordenado, preservando sempre o caráter científico e metodológico. Reforçado pelas notas, pela bibliografia, pelas consultas a técnicos e a gente do sertão, apurando cada vez mais a sua maneira de pesquisar, revelando também cada vez mais o seu estilo.

Em *Ferro de ribeiras*, lá vai Oswaldo encontrar no ato de ferrar os bichos uma prática milenar que se encontra do outro lado do mundo, logo depois do homem ter começado a domesticar os animais. Ferrar passou a funcionar como demarcação de propriedade, o ferro do dono marcado no animal indicava pelo desenho a quem pertencia, e isso no sertão foi no tempo que não havia arame farpado separando as propriedades e o gado era criado

solto. É certo que, a princípio, era feito por marcação na orelha do bicho, geralmente, em miunça, um dado corte assinalando, assim até aquele tempo se fazia no Seridó. E cada corte tinha uma nomeação específica.

Foi no Egito Antigo que tudo começou e aqui chegou, principia Oswaldo, acrescentado que o desenho do ferro é uma heráldica e que possui um alfabeto próprio o qual indica não só a insígnia do proprietário, mas traz também a Ribeira a que pertence. No estudo, Oswaldo esmiunça toda a prática da ferra, como procedia o vaqueiro para marcar o ferro, adiantado que de coisa tão séria era disciplinada por lei no tempo da província. Em resumo, é o estudo sobre o ferro.



Ferros

Desenho do autor

Outro dos seus livros, o *Seridó no século XIX: fazendas e livros*, de 1987, é em coautoria com o padre João Medeiros Filho⁹⁶.

⁹⁶ João Medeiros Filho (Jucurutu/RN, 1941). Padre, doutor em teologia pela Universidade Católica de Louvain, doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em teologia e comunicação, professor de diversas disciplinas, dentre elas química, filosofia e religião, ocupou diversos cargos públicos e é autor de diversos livros.

A proposta aqui é de inventário, se não é do vocabulário do criatório, ou das abelhas que povoam os sertões do Seridó, é da biblioteca do sertanejo, quais os que se liam naquele sertão de antigamente. Há sempre referência à consulta aos mais velhos, e assim vão classificando o material em de gaveta, que são os almanaques e folhetins; de prateleira, dicionários e livros didáticos; e os oratórios, que são os religiosos.

Nesse trabalho, os livros também merecem um tratamento que se torna a marca de Oswaldo: o uso de material ilustrativo. Há a reprodução da capa dos velhos livros e de páginas, bem como uma estrutura catalográfica que corresponde também à lógica dos seus ensaios e do seu vocabulário, listando o título do livro, o autor, o lugar da publicação, o editor, o ano, o número de páginas e até o formato, na descrição um resumo do conteúdo, assim como a história do livro e do autor, e referências a presença do livro no sertão pela fala dos consultados, quando mais acrescenta alguma sugestão de leitura de trabalhos sobre os livros mencionados. E a parceria que pensavam esticar a outras pesquisas. Padre João Medeiros⁹⁷:

⁹⁷ João Medeiros Filho, Depoimento. Natal/RN, abril/maio de 2016.

Tínhamos em mente realizar uma pesquisa sobre os sinos, simbolismo, tradição etc. Ele achava interessante, quando eu falava que “os sinais” (toque dos sinos para finados) tinham um ritual e um sentido. Eram diferente para crianças (“anjos”), donzelas, mulheres casadas, homens, rapazes, sacerdotes, bispos, papa etc. Ele queria que eu explicasse isso tudo. Ele faria a parte histórica. Pesquisa que não se concretizou. Oswaldo era um estudioso, curioso como ninguém de nossas coisas. Culto e erudito, não tinha apenas os conhecimentos livrescos. Era um observador que assimilava a cultura do sertanejo. E isto o fez pesquisador. Amante dos livros, não suportava a mediocridade. Sempre dizia que as universidades produziam pouco. Considerava-se um garimpeiro dos fatos e coisas e nisto se definia como pesquisador. Pesquisava não para aparentar o resultado. Pesquisar para ele, era uma paixão e um prazer. E isso explica muito o seu estilo.

Oswaldo partia da pluralidade do sertão. Os sertões para ele eram o Seridó com a sua riqueza e todas as suas dimensões: geográfica, agropecuária,

gastronômica, social, intelectual e cultural. Cada uma dessas dimensões constituía um sertão. Para ele, o sertão era um mundo puro, autêntico, verdadeiro etc. E isso difere do mundo urbano e hoje globalizado destruidor de um modo de vida e concepção do ser humano. Um pensar sobre a cultura do “homo seridoenses”, diferente dos demais. A partir dele, Oswaldo construiu todo o seu pensamento e sua obra. Oswaldo tinha o léxico do Seridó, sobretudo, onde foram fincadas suas raízes e era seu berço (rede) cultural. Uma linguagem – talvez dessueta para o mundo urbano – do seu mundo cultural sertanejo, que ele queria preservar, antes que tudo fosse acabado pela globalização. E tinha uma grande preocupação, a de não ser enfadonho e longo. Gostava de inserir desenhos e figuras nos textos.

Ressalte-se ainda sua preocupação de ser lido por jovens e crianças. Escreveu muitos contos e historinhas para os seus netos, quando eram pequenos, textos esses que permanecem inéditos, recheados de um estilo próprio, que mostraria mais uma dimensão ou

faceta nova do nosso ilustre e inesquecível amigo, como entendido e dominando o gênero de literatura infantil. Cheguei a ler algumas. Desenhos e gravuras de sua autoria. Havia histórias sobre bichos, o Seridó e o fictício Reino do Equador. Nessas histórias havia uma afinidade muito grande de Oswaldo com Ariano, mas guardando sempre seu estilo característico. Uma coisa posso lhe dizer: Oswaldo tinha tudo também para se dedicar a literatura infantil, imaginação, vocabulário acessível, sensibilidade para o mundo das crianças, mensagens de bem, conceitos de verdade, justiça subjacentes.

Oswaldo considerava a literatura infantil existente distante do nosso mundo cultural e voltada para o universo mental do Sul e Sudeste. Queria transmitir a seus netos os valores de nossa terra, daí voltar-se para essa temática e estilo. Oswaldo tinha uma preocupação ecológica e aproveitava muito o papel. Às vezes, escrevia nas costas de uma folha de papel do Banco do Nordeste, outras, usava bloco de cartas etc. Ele não escrevia na máquina de datilografia. Era tudo

de próprio punho. Quando ia visitá-lo em seu apartamento, tomava conhecimento das histórias. Pelo que me contava Ludy, ele as enviava aos netos pelo Correio.

Seu interesse pelo livro ia além da publicação das suas pesquisas. Oswaldo também foi um dedicado organizador de livros, preparou uma antologia de versos fesceninos de poetas do Rio Grande do Norte⁹⁸, realizou a pesquisa, a coleta e a seleção da poesia obscena e preparou um ensaio introdutório completo sobre o tema; também tratou dos aspectos gráficos cuidadosamente e o livro foi publicado em edição especial fora de mercado, apenas para colecionadores e bibliófilos como ele.

Também trabalhou nas notas para publicação de *Carta das secas*⁹⁹, esclarecendo nomes de lugares e gentes arrematando

⁹⁸ FARIA, Oswaldo Lamartine de. (Org.). **Uns fesceninos**. Rio de Janeiro: Artenova, 1970 (edição fora do mercado, para bibliófilos). O livro chegou a ser reeditado em 2008, uma reprodução fac-similar da primeira edição, a partir de exemplar com notas manuscritas do autor. A organização ficou a cargo de Carlos Newton Júnior, saiu pelas Edições Bagaço – Recife/PE, em coedição com a Coleção Letras Natalenses da Fundação Cultural Capitania das Artes.

⁹⁹ **Carta da Seca**: Targino P. Pereira. Organização e notas de Oswaldo Lamartine de Faria. Sebo Vermelho, Fundação Vingt-Un Rosado, 2006. Edição Especial. Alfarrabistas do Indez da Ema.

também com uma paleografia. Todos os aspectos do livro interessavam a Oswaldo. E não deixava de fazer uso do colofão. O colofão compreende as informações sobre o autor e o livro que constavam na última página; nele também constava um desenho ou símbolos do autor. A folha de rosto o substituiu. Entretanto, Oswaldo costumava imprimir o colofão em seus livros, fazia questão. Mandou desenhar o seu ex-libris, e usava. Escolheu um desenho de Percy Lau que prontamente lhe permitiu o uso.

Seu apego ao livro transcendia a esses aspectos. Conhecia a matéria do livro na beleza das artes gráficas, sabia que livro era escolha de uma boa fonte gráfica para impressão, preservação das margens e entrelinhas com folga, livro costurado, e que a pele de cabrito do sertão nordestino é das melhores para lombada de couro no livro.

E foi mais: membro dos Alfarrabistas do Indez da Ema, uma turma de colecionadores e bibliófilos do Rio de Janeiro, gente como Raimundo de Castro Maia, Carlos Lacerda, Afonso Arinos, que escolhia volta e meia um livro de autor desaparecido para então mandar fazer uma edição limitada, artesanal e ilustrada. Cada sócio ficava com um exemplar e mais um ia para a Biblioteca

Nacional, modelo que tentou reproduzir pelo Rio Grande do Norte com Hélio Galvão¹⁰⁰, mas que não vingou.

Oswaldo produziu estudos que o inscrevem na tradição do ensaísmo brasileiro que abarca tanto considerações crítica quanto interpretativas sobre história e cultura nacional. Também conhecido por estudo, como Oswaldo chega a se referir, os ensaios de Oswaldo se situam entre o descritivo e o analítico.

No que diz respeito ao ensaio ser o gênero praticado por natureza antes da instituição das universidades, o exerceram escritores que se debruçaram sobre a realidade brasileira, quais sejam Mário de Andrade, Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, entre outros. *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, é uma influência presente e latente para o seu método e exposição.



¹⁰⁰ Hélio Mamede de Freitas Galvão nasceu em Tibau do Sul/RN, em 1916, e faleceu em Natal/RN, em 1981. Formado em Direito (1952) atuou como advogado, sendo, portanto, reconhecido. Foi professor de diversas instituições e exerceu diversos cargos públicos, autor de diversos livros, dentre eles um livro das cartas que remetia ao jornal nos anos 1960, acerca da Praia de Tibau do Sul: **Cartas da Praia**.

A descrição da paisagem, do homem e o uso de um vocabulário próprio se traçam como o caminho conquistado por ele para a sua produção até que começa a tomar seu caminho, sem fugir dessa base, e a definir as próprias bases de investigação relacionando entre os elementos dispostos nas suas pesquisas um levantamento arqueológico/material quando se detém aos objetos, suas formas, partes/peças e seus executores, seja por registro fotográfico, seja por desenho do próprio punho.

Talvez tenha sido o primeiro – e único – escritor do Rio Grande do Norte que se valeu do artifício visual para completar seus ensaios e, por isso, totalmente moderno como as revistas ilustradas contemporâneas ao tempo em que publica os seus estudos e ao gosto das enciclopédias antigas. O saber que pregava, na esteira de Câmara Cascudo, era enciclopédico, reunindo as informações das fontes mais diversas sobre um mesmo tema.

Nunca lhe foi perguntado de onde veio a aptidão para o desenho e o motivo do uso deles nos seus estudos. Acontece que são altamente autoexplicativos, coerentes e completam a sua explanação, são utilitários e não meramente ilustrativos.

Há, nesse contexto, uma associação entre o levantamento arqueológico que o interessa, a paixão pelo ato de compor livros – mistura de bibliofilia, apego aos livros e esmero para os aspectos de desenho e composição do livro, composição da capa, fonte a ser utilizada, papel a ser impresso – e uma vocação para um cuidado estético limpo e puro desprovido de adornos e excessos.

Para Oswald, os livros também eram objetos. Ele mesmo determinava os pormenores de cada edição, revisava as provas e até tentou imprimir esse apreço na Coleção Mossoroense, escrevendo a Vingt-Un em carta. Seu cuidado com os livros fez com que se metesse a sugerir, mais de uma vez, uma padronização visual para a Coleção, em se tratando de certo livro, “mesmo com os recursos de preto-branco vocês podem fazer coisa melhor. Vigie isso. Dá mais dignidade ao livro”¹⁰¹. Em outra missiva, emenda:

[...] porque não desapeia, bate-a-sela, e tenta uma certa padronização gráfica? Falo talvez numa capa padrão, de bom gosto, aliada a um logotipo estético,

¹⁰¹ Carta de Oswald Lamartine para Vingt-Un Rosado, 03 de agosto de 1977. In: ROSADO, Vingt-Un. **Conversa sobre a Bastilha**. Mossoró/RN: Coleção Mossoroense, Série A, n.º 83, 1995.

simples e atraente [...] talvez seja leseira minha – mas gosto de bater os olhos numa publicação e saber: é da instituição tal.¹⁰²

Oswaldo cuidava de cada detalhe dos seus livros, definindo até a composição. *Sobre Ferros de ribeiras*, escreveu a Vingt-Un que pretendia papel tamanho carta, espaço dois, com sessenta páginas e mais dez páginas com as ilustrações, pensando numa edição restrita de trezentos a quinhentos livros, considerando que não haveria leitores interessados no assunto e que contribuiria com 50% a 70% dos custos e oferecia a Vingt-Un a publicação, “creio que a própria composição poderia ser feita aí, desde que bem cuidada.

Gostaria apenas de um papel de razoável qualidade e ilustrações e capa bem cuidadas”¹⁰³. E mais, o respeito a gramática acompanhava as suas preocupações e esmero, uma dúvida quanto ao

¹⁰² Carta de Oswaldo para Vingt-Un Rosado, 27 de julho de 1985. In: ROSADO, Vingt-Un. *Conversa sobre a Bastilha*. Mossoró/RN: Coleção Mossoroense, Série A, n.º 83, 1995.

¹⁰³ Carta de Oswaldo para Vingt-Un Rosado, 26 de abril de 1984. In: ROSADO, Vingt-Un. **Conversa sobre a Bastilha**. Mossoró/RN: Coleção Mossoroense, Série A, n.º 83, 1995.

emprego do hífen em “coedição” o fez consultar a gramática de Celso Cunha para tirar a dúvida,

[...] ai o Pe. João Medeiros encontrou com o próprio e falou no assunto e ele sentenciou: ‘não tem mais, já é vocabularizado’. E vá a gente se meter em aprender essa formosa flor do Lácio [...] ¹⁰⁴

Outros tipos de levantamentos fazem parte de sua obra. Em mais um trabalho em parceria, ainda nos anos 1980, sai *Pseudônimos & iniciais potiguares* pela Coleção Mossoroense em 1985. O livro é uma coautoria com Raimundo Nonato da Silva ¹⁰⁵. Explica numa nota inicial o motivo do estudo: foi atrevimento de catar “o nome dos conterrâneos que nos seus escritos velhos se envultaram em iniciais e pseudônimos”.

O livro é uma lista por ordem alfabética dos pseudônimos e iniciais, com os seus respectivos titulares, utilizados nos jornais

¹⁰⁴ MELO, Veríssimo de. **Cartas & cartões de Oswaldo Lamartine**. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1995.

¹⁰⁵ Raimundo Nonato da Silva (Martins/RN, 1907; Rio de Janeiro, 1993) é autor de diversos livros que abrangem temas como história, biografia, folclore, entre outros.

na publicação de livros e colunas, a exemplo de: “ALEX CESAR – Henrique Castriciano (Macaiba, 15/mar/1873 – Natal, 26/jul/1947. Usou também os pseudônimos de J. Cláudio, José Braz, José Capitulino, Erasmus Van Derdoes, Frederico de Menezes, Mário do Vale e Rosa Romariz”.

Depois desse, Oswaldo atina em parar, mas, em 1998, volta com nova pesquisa. É *Esriptos da agricultura do império do Brazil*, publicado em 1998, numa coedição entre a Fundação José Augusto, do governo do Estado do Rio Grande do Norte, e a Fundação Ving-Un Rosado, por isso, integra a Coleção Mossoroense, série C, vol. 1010. É dedicado à memória do amigo (e coautor do *Vocabulário do criatório*) Guilherme de Azevedo.

Outro agraciado, a quem é dedicado o livrinho, é um volume enxuto, por volta de oitenta e poucas páginas, e tamanho diminuto, 12x16, ao “agrimensor de terras e de amizades, Estelio Fonseca Ferreira”. A ideia do livro é antiga, já havia menção em carta a Veríssimo de Melo em 1991:

[...] estava pensando em quebrar a promessa e escrever qualquer coisa como A bibliografia agrícola

brasileira até o séc. XIX. Depois dessa tentação soube que Vingt-Un foi acusado de só publicar trabalho dos amigos – e botei a viola no saco [...] E, na verdade, não quero mais sujar papel¹⁰⁶.

Oswaldo alinha o volume de “livro do livro”, ou seja, é livro sobre livros, um apanhado bibliográfico sobre a literatura voltada para temas da agricultura e da pecuária, um índice por assunto que abre o volume, após a nota explicativa, e uma citação que segue a nota (aquela em que se primeiro faz referência à terra brasileira, a Carta a El Rei D. Manuel de Pero Vaz de Caminha), entra com o que intitula “Tábua das matérias”. Tábua é onde se inscrevia os levantamentos, como a tábua dos dez mandamentos etc., e as matérias são os assuntos ou os temas a que pertencem os livros listados, são eles divididos em grandes temas e subtemas demarcados com a numeração correspondente na ordem em que são listados, o primeiro é o 001; e o último, o 137.

Aqui está a faceta de Oswaldo curtidor de livros raros, ofício o qual se dedicou como espécie de hobby em sua vida. Gostava de

¹⁰⁶ Carta datada de 9 de fevereiro de 1991. In: MELO, Veríssimo de. *Cartas e cartões de Oswaldo Lamartine*. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1995, p. 56.

andar pelos sebos do Rio de Janeiro, quando lá residia, pesquisando raridades, conversando com bibliófilos, e entendia como ninguém de livros raros e antigos. O jornalista Vicente Serejo conta que ele tinha o costume de ferrar os livros que possuía com uma pequena nota em que marcava a data de compra e o preço em dólar¹⁰⁷; prática de bibliofilia.

Os livros listados em *Esriptos da agricultura* são ordenados por ordem alfabética. O critério é a inicial do último sobrenome do autor, assim: ADET, Carlos Emilio, em seguida vem o nome do livro, o lugar em que foi publicado, quem editou/publicou e o ano da publicação, seguem informações sucintas sobre o volume, o conteúdo e fecha com uma indicação entre parênteses ao final, por exemplo: (Blake, I-62/3) que faz referência à bibliografia geral consultada.

Havia obras gerais acerca da bibliografia brasileira nas quais Oswaldo foi pesquisar o que havia listado sobre agricultura e pecuária. Blake é Sacramento Blake, autor do *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, publicado em 7 volumes.

¹⁰⁷ Vicente Serejo. Depoimento. Natal/RN, março de 2016.

Consta na bibliografia consultada por Oswaldo, além do dicionário de Blake, *Botânica e agricultura no Brasil no século XVI*, de F. C. Hoehne, editado em São Paulo pela Companhia Editora Nacional, em 1937; *Bibliografia brasileira*, de Rubens Borba de Moraes, editado em Amsterdam/Rio de Janeiro, pela Colibris Editores, em 1958, em dois volumes; do mesmo autor também se inclui *Bibliografia brasileira do período colonial*, São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1969. De Arthur Neiva, *Esboço histórico sobre a botânica e a zoologia no Brasil*, São Paulo, Sociedade Imprensa Paulista, 1929; de Carlos Borges Schmidt, *Técnicas agrícolas primitivas e tradicionais*, Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1976; e de Frederico Sommer, *A vida do botânico Martius*. São Paulo, Melhoramentos, 1953.

A taboa, por sua vez, elenca: viajantes, colonização, história natural (que se subdivide em: botânica, geologia, zoologia, entomologia), agricultura geral (que contém as subdivisões: crédito rural, economia agrícola, ensino agrícola, fitopatologia, irrigação e drenagem, laticínios, mecânica agrícola, meteorologia e secas, química agrícola, solos e adubos, topografia), agricultura especial (em que se lista: arroz, batata e mandioca, cacau, café, cana, especiarias, fibras têxteis, fumo, fruticultura, plantas medicinais,

plantas industriais, e silvicultura), zootecnia geral, zootecnia especial (abelhas, avicultura, bovinos, caprinos, ovinos e suínos, cochonilha, dromedários, equinos, e sericicultura) e veterinária. E logo no número 001 escreve, para começo de conversa, a advertência: “a quantos esta relação consultarem, fazemos saber que não é tudo, de que vez que tudo não saberia eu ajuntar”.¹⁰⁸

E segue o trabalho minucioso de levantamento de títulos, valendo-se da grafia da época, tanto para nome do autor quanto da obra: “Pêro Vaz de Caminha, Carta a El-Rei D. Manuel, 1500”; e sempre o ano da obra. Impressiona que a descrição, quando possível, vai além; Oswaldo consultou cada livro para explicar o que continha: 002, que conta no índice como matéria referente aos eqüinos, assim se conta:

002 – ADET, Carlos Emilio – Zootechnia aplicada. Hippologia: o cavalo, raças, producções, criação e hygiene. Rio de Janeiro, 1859 – Este livro é dividido em cinco partes: Na 1^a se estuda a história natural

¹⁰⁸ FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Alguns escriptos da agricultura no Império do Brasil**. Natal/RN: Fundação José Augusto; Fundação Vingt-Un Rosado Maia, 1988, p. 15.

do cavalo, as principais raças e caudelarias; na 2ª, os modos de melhorar as raças; na 3ª, a criação do cavalo; na 4ª, a hygiene e alimentação, a construção de cavallarices, o cavallo considerado como animal de trabalho; na 5ª, a conformação exterior do cavallo, seus defeitos, suas proporções e symetria de formas (Blake, I, 62/3).

Nas anotações, está o Oswaldo conhecedor desses livros que pesquisou para fundamentar a sua obra e o Oswaldo bibliófilo que colecionava referências e descobria livros. Ele deixou algumas pistas nas observações. Entrada 066, referente à *Descrição da arvore açucareira e de sua utilidade e cultura*, de Hipólito Jose da Costa Mendonça, escreve a título de observação adicional:

A ‘arvore assucareira’ de que trata Hipolito é o ‘mapletree’, Acer canadensis. A gravura é a mesma que foi publicada no Fazendeiro do Brasil (cultura da cana...) de Fr. Veloso¹⁰⁹.

¹⁰⁹ FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Alguns escriptos da agricultura no Império do Brasil**. Natal/RN: Fundação José Augusto; Fundação Vingt-Un Rosado Maia, 1988, p. 42.

Já entrada 072, referente ao *Discurso sobre o melhoramento da economia rustica do Brasil pela introdução do arado, reforma e fornalhas, e conservação de suas mattas*, de José gregório de Moraes Navarro, fornece informações bibliográficas sobre o autor. As observações são, portanto, de ordem diversa.

E foi cuidadoso ao checar as informações, adiantado até aquilo que não pôde averiguar, como era seu costume. Exemplo está ao se referir ao livro de José Joaquim Machado de Oliveira, *O bicho da seda indígena da província do Espirito Santo*: “não pude averiguar se este trabalho foi dos publicados no ‘Industrial Paulistano’”¹¹⁰. Faz também sugerir quando o livro é acompanhado de “estampas explicativas”, ou seja, de desenhos muito comuns seu uso em tratados descritivos dessa natureza.

Outro aspecto digno de nota: o bibliófilo Oswaldo era tal que fez anotar os detalhes do livro como o tamanho, a presença ou não de folha de rosto e se há anotações. Oswaldo se propôs a uma pesquisa minuciosa e completa que se revela não só na forma

¹¹⁰ FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Alguns escriptos da agricultura no Império do Brasil**. Natal/RN: Fundação José Augusto; Fundação Vingt-Un Rosado Maia, 1988, p. 46.

que resolveu para apresentar o conteúdo, por assunto e por autor, foram as entradas, mas também na exposição dos detalhes que compõem cada livro.

Encerrando o livro, Oswaldo apresenta colofão característico, do qual não prescindia. Nele se fica sabendo que o livro foi batido em máquina semiportátil Olympia em duas vias, original e carbono, na cidade do Rio de Janeiro. Posteriormente digitado por Hugnelma e revisado por Dácio Galvão e Tarcisio Rosas. A capa é dele próprio: Oswaldo.

Em 2001, sai *Notas de carregaço*. O trabalho consiste numa reunião de textos variados, no total de doze, publicados no largo período que vai de 1947, o primeiro, a 2000, o último; em jornais e revistas, Diário de Natal, Tribuna do Norte, Seleções Agrícolas, e Tipos e Aspectos do Brasil.

O primeiro deles *E adonde era sombra se fez sol, e adonde era solo se fez chão* foi resultado de uma aula ministrada na Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM) em 1969 e publicado em plaquete com mesmo título pela Coleção Mossoroense

em 1986¹¹¹. Outro é a reprodução de artigo publicado no jornal Diário de Natal, em 5 de outubro de 1947, cujo título é *A necessidade da mão de onça*, escrito mais antigo de Oswaldo que até agora se tem notícia. Em relação a *Rastejadores de abelha*, sem referência à publicação anterior, identificamos como uma versão de *Algumas abelhas dos sertões do Seridó*.

No mesmo ano, 2001, um feixe de perguntações de amigos e respostas de Oswaldo é publicado em livro, organização e ideia da escritora cearense Natércia Campos. *Em alpendres d'Acauã: conversa com Oswaldo Lamartine de Faria* (2001)¹¹², Oswaldo responde às mais diversas indagações, perguntas de amigos, reunidas pela escritora e organizadas por ela em livro que sai pelo Sebo Vermelho Edições. Um trabalho que fornece pistas elucidativas sobre a formação de Oswaldo, a composição dos livros dele e a própria vida do pesquisador.

¹¹¹ FARIA, Oswaldo Lamartine de. **E adonde era sombra se fez sol, e adonde era solo se fez chão**. Mossoró/RN: Coleção Mossoroense, Série B, n. 440, 1986.

¹¹² CAMPOS, Natércia (Org.). **Em alpendres d'Acauã: Conversa com Oswaldo Lamartine de Faria**. Fortaleza/CE: Imprensa Universitária; Natal/RN: Fundação José Augusto, 2001.

Entrevistaram gente como o professor e escritor Francisco Dantas, o sociólogo Frederico Pernambuco de Melo, o poeta Virgílio Nunes Maia, Ariano Suassuna, o professor e pesquisador Carlos Newton Junior, os jornalistas Vicente Serejo e Woden Madruga, a romancista Rachel de Queiroz, os amigos Lenine Pinto, Luis Carlos Guimarães, Nei Leandro de Castro, Cláudio Galvão, Diógenes da Cunha Lima, Vingt-Un Rosado e Sanderson Negreiros, o primo Pery Lamartine, a viúva do primo Silvino, Nasinha Lamartine, a escritora Maria Lucia dal Farra, a própria Natércia e o filho de Oswaldo, Cassiano Aranha Lamartine.

A organizadora era escritora, autora, entre outros livros publicados, do romance premiado *A Casa* (1999) e membro da Academia Cearense de Letras. Maria Natércia Alcides Campos (1938-2004) explicou no seu discurso de posse, na Academia Cearense, que sempre houve um interesse pela leitura das coisas do sertão, então leu Euclides da Cunha e Gustavo Barroso, amigo de seu pai (o contista Moreira Campos), e dentre tantos outros começou a ler Oswaldo, foi um tio quem lhe emprestou *A Caça nos Sertões de Seridó*:

Leia, Natércia. Você vai gostar. O homem é um dos grandes em etnografia. Obedeci. Segui seu rastro. Seu aboio. Suas abelhas. Seus açudes. Seus arreios e vaqueiros. Suas histórias marcadas por um estilo inconfundível -seu ferro e sinal – trazem de volta os dias de antanho do sertão-velho, com seus preceitos e a integração total do homem à natureza¹¹³.

Natércia utilizou A caça como fonte de pesquisa para a composição de um dos seus contos, O rasto. A carreira literária da escritora começou nos anos 1980, com a publicação de contos na imprensa, depois vieram os primeiros livros de contos e, em 1999, o único romance, A Casa, que contou com a colaboração de Oswald, numa típica função de revisor de conteúdo, coisa que já havia feito em *Memorial de Maria Moura*, da amiga Rachel.

A história é a seguinte: Natércia Campos andava com vontade de escrever um conto ambientado no sertão. Leitora apurada,

¹¹³ CAMPOS, Natércia. Discurso de posse. In: Revista da Academia Cearense de Letras. <http://www.academiacearensedeletras.org.br/revista/revistas/2001_02/ACL_2001_02_042_Discurso_de_posse_na_Academia_Cearense_de_Letras_-_Natercia_Campos.pdf>. Acesso em 18 de março de 2016.

ela investigava profundamente o tema sobre o qual pretendia escrever. Então, resolve consultar Oswald. E o faz por carta remetendo a ele um dos seus contos, solicitando-lhe que, se possível, confirmasse tal informação que precisava. Oswald não só atendeu ao pedido como respondeu também elogiando o conto¹¹⁴.

No arquivo de Natércia, em parte sob a guarda do Acervo do Escritor Cearense¹¹⁵, pertencente à Universidade Federal do Ceará, há duas versões de A casa com correções de Oswald, o qual toma o mesmo expediente que serviu a Rachel de Queiroz para Maria Moura: apresenta correções de conteúdo, fornece expressões regionais etc. Uma delas, para o livro: trocar “quando os arrebatamentos”, numa passagem do livro, por “a ferverença da carne”.



¹¹⁴ Tratava-se de “O Rasto”, conto que seria publicado na coletânea de contos premiados do VII Concurso Nacional de Contos da Biblioteca Pública Mário de Andrade de Araraquara. Texto que se transformaria na história do Menino do rasto e palma do romance A casa da escritora.

¹¹⁵ O Acervo do Escritor Cearense compreende o acervo do contista Moreira Campos, pai de Natércia, e da própria Natércia Campos. Consiste numa reunião de manuscritos, rascunhos, fotografias, livros, objetos pessoais, documentos, dentre outros.

A *Casa* conta a história de sucessivas gerações de uma família numa casa sertaneja, a Trindades, narrada pela voz e pela perspectiva da casa como testemunha. As observações estão anotadas à mão no verso da página 73 de um dos manuscritos¹¹⁶, em caneta vermelha, e a caligrafia é de Oswaldo¹¹⁷:

Ainda novas cuidava para crescerem direito. Tutorava caules como quem encana osso quebrado. Forquilhas contra o vento que emboboca. Podas de formação. Capinas. Cuidado com as formigas e lagartas. Estrume bem curtido entre uma safra e outra. Regas regradas – tudo para elas agradecerem em bons frutos, mesminho como se faz quando se cria um filho.

¹¹⁶ Segundo Margarida Pontes, que pesquisou os manuscritos do romance, há dez versões pré-editoriais de *A casa*, duas delas apresentam correções de terceiros, sendo um deles Oswaldo Lamartine. In: TIMBÓ, Margarida Pontes. O sertão de papel de Natércia Campos: memórias das Trindades. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará: Centro de Humanidades: Departamento de Literatura: Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza/CE, 2011.

¹¹⁷ TIMBÓ, Margarida Pontes. O sertão de papel de Natércia Campos: memórias das Trindades. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará: Centro de Humanidades: Departamento de Literatura: Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza/CE, 2011, p. 70-71.

A autora também agradece a Oswaldo no preâmbulo de *A Casa* juntando, entre outras citações para epígrafe, uma afirmação de Oswaldo. Das casas tomadas como referência para a construção do romance, além de *Não me deixes*, de Rachel de Queiroz, e a casa da Fazenda Álvaro, de João Ramos, está a casa da Acauã, de Oswaldo¹¹⁸. E não foi só a obra de Oswaldo e o próprio Oswaldo que foram permanentes fontes de consulta.

A preocupação de Natércia, que não era sertaneja, mas que estudou a fundo o sertão para recriá-lo, era ser fidedigna, por isso a leitura de *A caça dos sertões do Seridó* foi essencial para a composição daquele primeiro conto e também a consulta a Oswaldo. Os cadernos de anotação de Natércia revelam: lá está anotado sobre o “rastejar” conhecimento que foi buscar em *A caça*, de Oswaldo. A resposta à primeira carta de Natércia veio do Rio de Janeiro, em 10 de maio de 1995¹¹⁹:

¹¹⁸ TIMBÓ, Margarida Pontes. O sertão de papel de Natércia Campos: memórias das Trindades. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará: Centro de Humanidades: Departamento de Literatura: Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza/CE, 2011.

¹¹⁹ TIMBÓ, Margarida Pontes. O sertão de papel de Natércia Campos: memórias das Trindades. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará: Centro de Humanidades: Departamento de Literatura: Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza/CE, 2011, p. 256-257.

Prezada Natércia

Vi seus rastros. Mas, antes de se abancar, rogo q entenda: já inteirei 76 novembros com os achaques naturais dessa sobrevivência, somados ainda à rabujice e aos aleijões da alma – para dizer somente dos confessáveis...

Não se pergunte sobre o rastejar literário do seu rasto. Não faço literatura nem tenho esteira no suador-da-sela para tanto. A minha leviandade foi botar no papel alguns momentos do viver sertanejo. E até isso esbarrei de fazer. E é por essa brecha q os amigos, talvez para me encabular dizem ser etnografia – q vou espiar seu rasto. Vamos lá:

1º – Sei do município de Cerro Corá na Serra de Sant´Ana/RN divisa do Seridó. Mas aquilo é nome “estrangeiro” – bajulação de feitos da Guerra do Paraguai. Mesmo pq “cerro” é nomenclatura geográfica sulina – equivalente parecido com o nosso “serrote”. Pq não Rajada, Acauã, Coité, Trincheiras, do Chapéu, etc – nomes da gente (p. 1, 9, 8).

2º – Cutia é um roedor extinto da nossa fauna há muitos anos (p. 2).

3º – Não sei de certeza certa do tatu-bola em loca de pedra. Os tatus costumam morar em buracos (galerias) cavados na terra (p. 2 e 4).

3º – “mel de abelhas uruçú” (p. 3). A uruçú habita o litoral – Mata Atlântica – e não tenho notícias dela na caatinga. Pq não substitui pela Jandaira?

4º – O mundé não chega a estragar o couro de vez q mata por fratura na cabeça – quase sempre (p. 4).

5º – Sem querer meter minha colher de pau na estória do Bicho Manjaléu (p. 7) pq não porco caitetu em vez de porco-espinho, estrangeiro naqueles sertões (?).

6º – Se não estou enganado o “sino Salomão” é uma estrela de 5 pontas, cabalística, de vez q pode ser riscada sem tirar o “ponteiro” (lápiz) do papel: [Oswaldo desenha na carta uma estrela de cinco

pontas numerando-as de um a cinco] A de 6 raios é a Cruz de David, dos Judeus (p. 8) [Oswaldo desenha na carta uma estrela de seis pontas, numerando-as de um a seis].

7º – O rasto-fêmea é deixado por animais de casco fendido: vacas, veado, cabra, etc (p. 9)

8º – As plantas q conheço com o nome vulgar de tiri-rica têm, em verdade, os bordos das folhas um tanto cortantes, mas não são armadas de espinhos (p. 10). O nosso vulgar carrapicho, com dezenas de variedades, parece mais apropriado.

10º – e o xique-xique é uma cactácea. Não tem vagens como as leguminosas. É, na verdade, “comida braba” nos anos de seca qd ° é queimado para eliminação do espinho. Come-se o miolo (p. 10). Tem, na verdade, um arbusto de vagens farfalhante, com o mesmo nome. Não conheço, mas sei q existe. E não é comum na caatinga – imagino eu.

10º – Desconheço, confesso, as “virtudes” do mororó para desencantar lobisomem(?). Lembro, assim de momento, q desencantava qdº “se fazia sangue, lá nele, com ferro-frio”. E tb recordo q o pião-roxo era tido como específico para quebrar as forças de catimbozeiros – usado à guisa de cacete (p. 12, 13).

Olhe, moça, não se caningue com tanto palpite. Ninguém sabe tudo nem eu sei de nada. Sou apenas um palpiteiro a mais. E espero, quero e desejo q veja em tudo isso a vontade de ajudar – passar o cipío, alisar, melhorar. Fiquei até meio cururu-de-goteira em saber q escreveu seu conto cutucada pelos feitos dos nossos rastejadores. Eu e eles ficamos felizes e agradecidos. Não se doa com os meus palpites. As mãos dos velhos são trêmulas e (ilegível), mais das vezes, pensem q estão alisando e estão é entronchando...

É bom saber q é amiga do Virgílio (Estou e estarei sempre em falta com ele em nossa correspondência. Mas o bem querer é do mesmo tamanho).

E da Amarela – a Leonia – essa nem se fala. É paixão velha, caduca. Amiga graúda. É ouro de livra – não mareia nunca.

Fico por aqui,

Do velho
Oswaldo

[Assinatura com o O de Oswaldo compondo o ferro].

As relações de amizade também perduraram pela correspondência assídua que manteve com escritores, poetas e pesquisadores do Rio Grande do Norte. Há notícia de cartas trocadas com Hélio Galvão e Zila Mamede. No arquivo de Zila Mamede, poeta e bibliotecária, constam dez cartas enviadas por Oswaldo correspondentes aos anos de 1980 a 1983¹²⁰. Há referência ao levantamento bibliográfico que Zila realizava sobre a obra do poeta João Cabral de Melo Neto. Oswaldo a auxilia

¹²⁰ Arquivo Zila Mamede na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Universidade de São Paulo. Consulta realizada em 21 de agosto de 2015.

na busca de livros, em razão de sua vocação para a bibliofilia e trânsito pelos sebos de livros raros e livrarias do Rio de Janeiro.

Além da correspondência com Zila Mamede, há registro de cartas e cartões para Veríssimo de Melo, Vingt-Un Rosado, Olavo Medeiros Filho, Pery Lamartine, sobrinho de Oswaldo e também pesquisador, e Vicente Serejo, parte publicada em livro organizado por Veríssimo de Melo, intitulado *Cartas & cartões de Oswaldo Lamartine* (1995). A conversa com Olavo de Medeiros Filho por carta povoa os anos 1980 e se tece pela troca de livros e fornecimento de dados. Oswaldo festejou a encomenda que recebeu em 14 de novembro de 1981, foi o livro *Velhas famílias do Seridó*, de Olavo. Em 21 de outubro de 1983, era a vez de Oswaldo agradecer os documentos que recebeu e foi a memória de João de Lostau Navarro e Velhos inventários do Seridó. No ano seguinte, carta em 20 de agosto, Oswaldo responde indagações de Olavo, fornecendo informações:

PASSADOR – também diziam e dizem “passadeira”. Ainda os vi de metal amarelado. Tem, na cilha, a mesma finalidade e o nome usado nos cinturões de nossas calças. As (os) das selas de hoje são de couro.

SELAS – A sella em que de presente se anda à Estardiota, vem a ser de quatro borrainas, a que diretamente chamam Estardiota, que é o seu nome próprio, e não a chamaram sella de brida, como fica dito. Há outra sella, a que chamam Bastarda que tem duas borrainas de diante, e as não têm atrás, e como estas lhe faltão, se chama Bastarda, por não ser a sella natural, e perfeita, como é a Estardiota. Andrade Antonio Galvão de – Arte de Cavallaria de Gineta e Estardiota; bom primor de ferrar, e alveitar. Lisboa, Of. João da Costa, 1678.

Humilha a nossa sagrada indolência, e fico mascando pensar e depois... seu animal de tração com energias de um besta antediluviana, petrificando rastros na esquecida caatinga e um coração golfando mel de jandaíra. Maldita seja essa nossa terra se ninguém retomar seus rastros.

Oswaldo virou arremedo de perguntações quando o assunto era o sertão antigo, sua fauna, sua flora, as práticas, os apetrechos, os instrumentos. Oswaldo construiu uma obra inalcançável nas

cartas que trocou com amigos, pesquisadores e escritores brasileiros que, ao pesquisarem algum tema do sertão, corriam para Oswaldo em busca de esclarecimentos, para espairer dúvidas ou colher alguma informação.

Consultas que satisfaziam Oswaldo, percebe-se o cuidado com que respondia. Numa carta para Veríssimo de Melo, registra-se mais uma prova:

[...] um amigo do Ceará manda me perguntar (o mundo está tão ralo que já estão perguntando a gente) se há letra W nos ABC´s? Catei Cascudo, no Dicionário, nas Tradições da Pecuária e em Vaqueiros & Cantadores – e nada. Diz Aurélio que acabaram com ela na era getuliana. Ficou também comigo. Conhece algum ABC que tenha “W”?¹²¹

Na sequência, a próxima publicação de Oswaldo foi o discurso proferido na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (ANL),

¹²¹ MELO, Veríssimo de. **Cartas & cartões de Oswaldo Lamartine**. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1995, p. 59.

O Sertão de nunca-mais (2001), organizado pelo jornalista Vicente Serejo, reunindo também o discurso de saudação a Oswaldo proferido por ele e uma relação bibliográfica. Oswaldo assim começa o discurso:

Senhor Presidente

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Entendam. Todo esse meu remancho de chegar para esta Casa, nada tem de menoscabo. Espichados foram os caminhos. Mas aqui estou. Não vim arrastado como um voluntário-de-corda da Guerra do Paraguai. Simplesmente sou um encabulado que se perturba em ajuntamento de gente, clarear de luzes, adereços, pompas e louvações. Não é cavilação nem astúcia, acreditem. E isso não é de hoje. Em 1940, quando terminei meus estudos na Escola Superior de Agricultura de

Lavras, em Minas, não teve quem me fizesse figurar no quadro de formatura. Disse não ao diretor, à comissão de festividades e aos colegas. Creio que sou

o único ausente naqueles quadros de toda a história da Escola. Quadros de retratos retocados com dísticos pomposos. Tinha um que dizia: “O solo é a Pátria – cultivá-lo é engrandecê-la...” Entendam e, se possível, relevem (...)”¹²²”

O último trabalho, que inteira a sua vintena de estudos sobre o sertão, é a publicação de Carta da Seca, de Targino P. Pereira (2005), que encerra o ciclo. Oswaldo realiza o desejo de publicar o trabalho com a marca dos Alfarrabistas do Indez da Ema. O livro sai pelo Sebo Vermelho Edições íntegra a Coleção Mossoroense. Oswaldo redige uma breve explicação de como a carta lhe caiu nas mãos (anos 1940), de como pretendeu publicá-la numa ideia do grupo dos alfarrabistas que fundaria em Natal com Hélio Galvão, e que não vingou.

Alega que procurou registros da existência do tal Targino, autor das cartas, e que consultou meio mundo e não descobriu. Nas notas que seguem ao final da edição, apresenta Acari, município

¹²² **O Sertão de Nunca Mais:** Oswaldo Lamartine na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Natal: Sebo Vermelho; Fundação Vingt-Un Rosado, 2002, p. 13.

do Rio Grande do Norte, e as figuras citadas, quem são e um breve histórico das secas. Procura também traçar uma paleografia que ajuda na leitura da carta. Oswaldo era cuidadoso e não deixava, de maneira nenhuma, de seguir o seu ritual, fazia consulta bibliográfica e referendava as notas genealógicas. Imprescindível às consultas a José Bezerra de Araújo¹²³.

E assim encerrou seu trabalho, certo, porque mesmo disse, que ficaria devendo um ou dois estudos: “fico devendo, isso sim, pesquisa de dois temas sertanejos: as antigas burras-de-sela viajeiras, os próprios (andarilhos) e os grandes rastejadores”¹²⁴. O mesmo havia declarado em um cartão enviado ao sobrinho Pery Lamartine, em 15 de abril de 1994: “Quando inteirei os 70,

¹²³ “É que todas as personagens nelas citadas foram identificadas pelo pesquisador José Bezerra de Araújo (Bezerrinha Taxista/Acari), exceto o autor, Targino Pires Pereira. IN: FARIA, Oswaldo Lamartine de Faria. A origem dessa carta. Texto de apresentação. Carta da seca. Natal: Sebo Vermelho, 2005, p.14

¹²⁴ CAMPOS, Natércia (Org). **Em alpendres d’Acauã**: Conversa com Oswaldo Lamartine de Faria. Fortaleza/CE: Imprensa Universitária; Natal/RN: Fundação José Augusto, 2001, p.77.

larguei a caneta. Alguns temas ficaram nos sonhos: os rastejadores, as afamadas burras-de-sela e os andarilhos”¹²⁵.

Oswaldo foi, assim, um garimpeiro colecionador de livros e objetos sobre os seus sertões do Seridó. Era profundo conhecedor da biblioteca sobre os temas da agricultura e pecuária e todo esse universo. Com tristeza anuncia que, em razão da partida para o Rio de Janeiro, naquela mudança com a família nos anos 1950, tendo sido aprovado em concurso para trabalhar no Banco do Nordeste, teria de dar cabo do material acumulado com muito custo, para então custear as despesas.

Ele mesmo conta que se fez bancário em busca de estabilidade, pois tinha mulher e dois filhos para cuidar. No escritório do Rio de Janeiro, ocupava-se das solicitações da presidência, das publicações, das coletas de estatísticas etc.¹²⁶. Bibliófilo, ele

¹²⁵ MELO, Verissimo de. **Cartas & cartões de Oswaldo Lamartine de Faria**. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1995, p.65

¹²⁶ CAMPOS, Natércia (Org.). **Em alpendres d’Acauã: Conversa com Oswaldo Lamartine de Faria**. Fortaleza/CE: Imprensa Universitária; Natal/RN: Fundação José Augusto, 2001.

conhecia e possuía os estudos fundamentais de Lofgren, Zehntnar, Foury, Martins, Octavio Domingues, Duque¹²⁷ e uma biblioteca pequena em um dos cômodos do apartamento no Rio de Janeiro extremamente organizada¹²⁸.

A obra de Oswaldo Lamartine de Faria assim passa a pertencer à coleção de estudos brasileiros, integra a série de intérpretes do Brasil, que buscaram amearhar, em pesquisa documental e veia interpretativa, hipóteses para discutir o Brasil, aplicando para tanto métodos de pesquisa e, assim, formando a primeira leva de cientistas sociais brasileiros com estudos voltados para história, sociologia e antropologia. Sua obra precisa também ser mencionada nos cânones literários, justiça que lhe fez o escritor



¹²⁷ Nas cartas a Vingt-Un Rosado, reunidas em **Conversa sobre a Bastilha** (Mossoró/RN: Coleção Mossoroense, Série A, n. 83, 1995), há referência à presença desses autores na sua biblioteca particular, recomendação de livros para a Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), em particular o garimpo de livros que poderiam ser doados à biblioteca. Oswaldo anuncia, nas cartas, os livros que conseguiu que enviaria e enviou e as instituições a quais a ESAM poderia fazer pedidos, como o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, o Instituto Botânico, o Instituto do Cacau, entre outros.

¹²⁸ Vicente Serejo. Depoimento. Natal/RN, março de 2016.

Manoel Onofre Jr., em *Salvados*¹²⁹, e constantemente republicada – até quando se esperará pela obra completa e a reunião de sua correspondência? É nesse contexto que a obra de Oswald se insere sem prejuízo de comparação e o faz figurar na lista dos maiores intérpretes do Brasil.

Oswaldo, assim como seus pares, uniu a argúcia, a paixão ao tema e a capacidade de desenvolver um estilo próprio tanto e quanto todos esses para escrever sobre aspectos da cultura brasileira. Tratado como literatura, não se poderia deixar de mencionar que também não fez menos que um Graciliano Ramos, numa linguagem direta sem floreios, e um Guimarães Rosa, traçando todo um vocabulário próprio do sertão, em Oswald o do seu Seridó.

Oswaldo criou a linguagem dos seus sertões do Seridó. Um vocabulário que anotou nos ensaios, em nota de rodapé, como nota de esclarecimento. Não é outra a sua dimensão. Oswald propõe, dessa maneira, em seu conjunto, uma obra aberta para todo

¹²⁹ O escritor Manoel Onofre Jr. destaca o estilo literário de Oswald Lamartine em “O Seridó de Oswald Lamartine de Faria”. In: ONOFRE JUNIOR, Manoel. **Salvados**: livros e autores norte-rio-grandenses. 2ed. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2000.

aquele que esteja interessado no saber científico e popular sobre os sertões do Seridó e as atividades do criatório no Rio Grande do Norte, como também àqueles que estejam interessados na fruição de um livro sobre o passado, a memória, o sertão mítico que a literatura construiu.

Todas e qualquer uma dessas leituras da obra oswaldiana, em separado ou reunidas, são válidas e possíveis. Oswaldo não atribuía o tom definitivo às suas pesquisas, sabia que o que coletava ou pesquisava ali era uma parte de um todo. Sofria com a ausência e a carência de fontes, declarando isso em passagens nos seus livros, demonstrando o próprio *modus operandi* do seu fazer. Descrevia lições de como traçar pesquisas acerca dos mais diversos assuntos e seguia adiante com o que tinha.

Perseguia o trabalho completo e, talvez, compreendendo-o impossível, moldou sua narrativa, suas notas explicativas, como quem marca com um ferro cada espaço de um corpo de livro, até se desculpando quando não conseguia completar um assunto, mas nunca faltando com o registro. Desse modo, o bicho-homem Oswaldo, que começou timidamente publicando nos jornais,

depois passou para as revistas lançando “notas” sobre pesca, escrevendo sobre as abelhas etc., foi vencido a partir para os livros, e nesse meio encorpou esses e outros estudos e construiu uma literatura completa e definitiva sem a qual não se passa, quem quer que seja, que vá falar dos sertões do Seridó.



Bibliografia de Oswaldo Lamartine de Faria, por Tércia Marques¹³⁰ e Margareth Menezes¹³¹

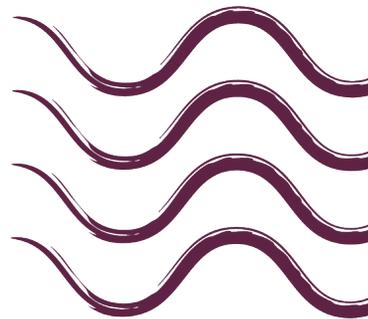
¹³⁰ Bibliotecário-documentalista da Biblioteca Central Zila Mamede, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre em Educação (UFRN). E-mail: terciamarques@bczm.ufrn.br

¹³¹ Bibliotecário-documentalista da Biblioteca Central Zila Mamede, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre em Educação (UFRN). E-mail: terciamarques@bczm.ufrn.br



Ex-libris Oswaldo Lamartine de Faria¹³²

Esta bibliografia é resultante de uma pesquisa realizada pelo escritor, jornalista e pesquisador Gustavo Sobral, que pretende resgatar e divulgar a obra de Oswaldo Lamartine de Faria abrangendo desde os primeiros artigos publicados na República, em 1945 até o ano de 2006,



¹³² Fonte: BRITTON, N. L; ROSE, J.N. **The cactaceae**: descriptions and illustrations of plants of the cactus family. Washington: Carnegie institution of Washington, 1919. 4v.

bem como as respectivas edições e reedições, além de outras publicações escritas por estudiosos da obra lamartineana.

Oswaldo Lamartine de Faria, filho do ex-governador Juvenal Lamartine de Faria e Silvina Bezerra de Faria, nasceu na cidade de Natal, Estado do Rio Grande do Norte, em 15 de novembro de 1919, a mesma cidade onde veio a falecer em 28 de março de 2007. Seu nome figura ao lado do de Câmara Cascudo, como um dos maiores estudiosos e, por conseguinte, conhecedores do sertão nordestino, de sua gente, sua cultura, sua maneira de ser, de agir e de pensar. Em sua trajetória intelectual desvendou todo o universo sociológico do semi-árido, especialmente do Seridó, deixando preciosas contribuições para os pesquisadores da cultura popular.

Destarte, para explicar como foi organizada esta bibliografia faz-se necessário registrar, inicialmente, que quando conhecemos o pesquisador Gustavo Sobral, em novembro de 2015, na Biblioteca Central Zila Mamede (BCZM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde exercemos as funções de bibliotecário-documentalistas, ele estudava sobre os escritos de Berilo Wanderley publicados no jornal Tribuna do Norte.

Em abril de 2016, Gustavo nos informa via e-mail a sua nova pesquisa, agora sobre os escritos de Oswaldo Lamartine de Faria e retorna a biblioteca de posse de uma lista contendo referências de documentos escritos pelo referido autor. Na ocasião, passamos a auxiliá-lo no levantamento das fontes nos vários acervos da BCZM, enquanto mediadoras no processo de busca e recuperação de informações.

Mister esclarecer que alguns dos documentos da lista foram localizados nos acervos do Setor de Coleções Especiais – Publicações de Autores Norte-riograndense, Publicações da UFRN, Coleção Mossoroense e Coleção Zila Mamede - contudo, outros não. Assim, nos propusemos a ajudar a localizá-los em outras unidades de informação seja local, regional, nacional, quiçá mundial.

Iniciamos a pesquisa pelo Catálogo Coletivo Nacional (CCN) do Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (IBICT), que sinalizou a existência de muitos dos documentos procurados nos acervos das seguintes instituições: Fundação Joaquim Nabuco, Museu Paraense Emílio Goeldi, Universidade Estadual Paulista – Campus Araraquara, Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal de Pernambuco. Complementamos a pesquisa por meio

de levantamento bibliográfico nos acervos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, das bibliotecas da Rede Pergamum e de outras bibliotecas em nível internacional, a saber: Library of Congress, British Library, Bibliotecas da Universidade de Coimbra, Biblioteca Nacional da França e Biblioteca da Universidade de Harvard.

Ressalta-se que a pesquisa bibliográfica realizada nessas instituições possibilitou identificar uma parte da produção intelectual de Oswaldo Lamartine, a qual é diversificada em livros, artigos de periódicos, plaquetes, cartas, separatas, dentre outros.

Como prática dos serviços oferecidos pela BCZM, encaminhamos ao pesquisador o resultado da pesquisa, informando em quais bibliotecas foram encontrados cada documento, juntamente com o contato (telefone e e-mail), bem como as orientações para solicitação dos documentos através do serviço de comutação bibliográfica, considerando assim, findo o nosso trabalho. Nos conhecemos, portanto, no exercício do nosso fazer bibliotecário.

Para nossa surpresa, dois meses depois – junho de 2016 – o Gustavo Sobral nos procurou novamente e fez o convite para organizarmos a bibliografia de Oswaldo Lamartine para compor

o seu livro de título “Nunca-mais, sertões do Seridó de Oswaldo Lamartine de Faria”, o que nos deixou bastante lisonjeadas.

A bibliografia reúne a produção intelectual de Oswaldo Lamartine, durante cerca de 50 anos, além de outras publicações sobre o escritor. Essa, por sua vez, se reveste de fundamental importância para todos os interessados e estudiosos da obra lamartineana, que a partir de então dispõe de um precioso manancial de informações bibliográficas, que sem ele, estaria disperso em diversas publicações, bibliotecas, arquivos e coleções particulares, e, por conseguinte, praticamente inacessível.

Seu arranjo segue a ordem alfabética e cronológica, organizada por tipologia dos documentos – publicações do autor e sobre o autor:

- publicações do autor: engloba artigos em jornal (1945-1955) e em revistas (1948-2005), capítulos de livro (1977-1989), cartas (2005), livros (1950-2006), plaquetes (1982-1989), separatas (1964-1980) e outros escritos (2002- 2006);

- publicações sobre o autor: contempla artigos em jornal (1977-2007) e em revistas (2001-2015), capítulos de livro (2000-2009), cartas publicadas (1995), documentários (2007-2015), eventos (2011), livros (1995-2009), poemas (1984-2007) e trabalhos acadêmicos (2011-2015).

Espera-se, portanto, que essa bibliografia possa contribuir para novos estudos e pesquisas sobre Oswaldo Lamartine de Faria e, sirva como um referencial a todos que tenham interesse sobre assuntos ligados a etnografia e a cultura norte-rio-grandense.

Contudo, não podemos atestar a completude dos documentos aqui apresentados, mas que se constitui um ponto de partida para um desenvolvimento colaborativo por pesquisadores e especialistas da obra lamartineana que poderão contribuir apontando possíveis omissões e mesmo enviando materiais para serem incluídos nessa bibliografia.

Publicações do autor¹³³



Artigos publicados em jornal

O DISCURSO de Oswaldo Lamartine. **Diário de Natal**, Natal, 20 nov. 2005. Muito, p. 6.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. Lexicógrafo em apuros. **A República**, Natal, 5 jan. 1945. Coluna assuntos rurais.

_____. O melhoramento do gado de corte. **A República**, Natal, 26 jan. 1945. Coluna assuntos rurais.

¹³³ Fonte: FARIA, Oswaldo Lamartine de. **De Cascudo para Oswaldo**. Natal: Sebo Vermelho ; [Mossoró] : Fundação Guimarães Duque, Fundação Vingt-un Rosado, 2005. (Coleção mossoroense). p. 11.

_____. Avicultura remunerada. **A República**, Natal, 2 fev. 1945.
Coluna assuntos rurais.

_____. O caruncho. **A República**, Natal, 9 fev. 1945. Coluna
assuntos rurais.

_____. A ordenha higiênica. **A República**, Natal, 16 mar. 1945.
Coluna assuntos rurais.

_____. Bicho da seda. **A República**, Natal, 23 mar. 1945.
Coluna assuntos rurais.

_____. _____. Natal, 6 abr. 1945. Coluna assuntos rurais.

_____. _____. Natal, 13 abr. 1945. Coluna assuntos rurais.

_____. Palestra com os fazendeiros: algodão sujeito.
A República, Natal, 27 abr. 1945. Coluna assuntos rurais.

_____. Sarnas. **A República**, Natal, 2 set. 1945. Coluna
assuntos rurais.

_____. Notas sobre a pobreza. **Diário de Pernambuco**, Recife, 16 maio 1948.

_____. Documentos de um arquivo. **Diário de Pernambuco**, Recife, 6 jun. 1948.

_____. Cangaço & coiteiros. **Diário de Pernambuco**, Recife, 27 jun. 1948.

_____. Por onde passa o boi passa o vaqueiro. **Diário de Pernambuco**, Recife, 11 set. 1955.

Artigos publicados em revista

DISCURSO de Oswaldo Lamartine. **Preá**: revista de cultura, Natal, nov./dez. 2005.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. Métodos de caça do sertanejo norte-rio-grandense. **Nordeste**, Recife, ano 3, n. 1/2, p. 3-4; 16, jan./mar. 1948.

_____. Notas sobre a pescaria de açudes no Seridó. **Boletim do Museu Nacional de Antropologia**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 1-20, 22 out. 1950.

_____. Sugestões para divulgação da literatura técnica. **Revista Bando**, Natal, RN, ano 6, v. 4, n. 7, p. 191-193, jan. 1955. Republicada na plaquete da Coleção Mossoroense, série B, 596, em 1989.

_____. Índice geográfico das inscrições rubestres no Rio Grande do Norte. **Boletim Bibliográfico**, Mossoró, n. 130/135, p. 96, abr./set. 1959.

_____. Cassacos. *Revista Brasileira de Geografia*, ano 26, n. 1, p.137, jan./mar. 1964.

_____. Silo-família no Seridó-RN. **Cadernos Brasileiros**, Rio de Janeiro, ano 12, n. 2; 58, p. 53-63, mar./abr. 1970.

_____. Juvenal Lamartine, o meu pai. **Revista Província**, Natal, RN, n. 3, p. 9-18, 1974.

Capítulos de livro

FARIA, Oswaldo Lamartine de. Orelha. In: CASCUDO, Luís da Câmara. **O Príncipe Maximiliano no Brasil**. Rio de Janeiro: Kosmos, 1977.

_____. Prefácio. In: GALVÃO, Hélio. **Derradeiras cartas da praia & outras notas sobre Tibau do Sul**. Natal: Clima, 1989. p. 5-7.

_____. Juvenal Lamartine, o meu pai. In: JUVENAL Lamartine de Faria (1874- 1956). Natal: Fundação José Augusto, 1994. p. 11-15. Edição revisada e completada da Província/3, Natal, FJA, 1974, na comemoração do centenário de Juvenal Lamartine de Faria (1874-1956).

_____. Vingt-un: soldado padioleiro n. 494. In: MAIA, América Fernandes Rosado (Org.). **Antologia sobre Vingt-un**. Natal: [Fundação Vingt-un Rosado], 1994. (Coleção mossoroense, série C, 838). Texto escrito no Rio de Janeiro em 4 nov. 1964.

_____. À sombra dos tamarindos. In: RODRIGUES, José Augusto (Org.). Raimundo Nonato, o homem e o memorialista. Mossoró: ESAM; Fundação Guimarães Duque, 1987. (Coleção mossoroense, v. 355). p. 152-153.

Cartas

FARIA, Oswaldo Lamartine de. **De Cascudo para Oswaldo**. Natal: Sebo Vermelho ; [Mossoró] : Fundação Guimarães Duque, Fundação Vingt-un Rosado, 2005. (Coleção mossoroense)

Livros

FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Notas sobre a pescaria de açudes no Seridó**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1950.

_____. **A.B.C. da pescaria de açudes no Seridó**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1961.

_____. **A caça nos sertões do Seridó.** Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1961. 75 p. (Documentário da vida rural, n. 16).

_____. **Conservação de alimentos nos sertões do Seridó.** Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1965.

FARIA, Oswaldo Lamartine de; AZEVEDO, Guilherme de. **Vocabulário do criatório norte-rio-grandense.** Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura, 1966.

FARIA, Oswaldo Lamartine de; AZEVEDO, Guilherme de. **Vocabulário do criatório norte-rio-grandense.** 2. ed. Natal: Fundação José Augusto; Fundação Vingt-um Rosado, 1997. (Coleção mossoroense, série C; v. 930).

FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Encouramento e arreios do vaqueiro do Seridó.** Natal: Fundação José Augusto, 1969.

_____. **Uns fesceninós.** Rio de Janeiro: Artenova, 1970. Edição limitada, fora do comércio para bibliófilos.

_____. _____. Rio de Janeiro: Erotika Lexiko, c1970.

_____. _____. Organização e prefácio de Carlos Newton Júnior. Recife, PE: Bagaço, 2008. (Coleção letras natalenses). Reprodução fac-similar da primeira edição, a partir de exemplar com notas manuscritas do autor.

_____. **Açudes dos sertões do Seridó**. Natal: Fundação José Augusto, 1978. (Coleção Mossoroense, v. 56).

_____. **Os açudes dos sertões do Seridó**. Edição Fac-similar. Natal: Sebo Vermelho, 2012. (Colecção João Nicodemos de Lima; v .344)

_____. **Sertões do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.

_____. _____. 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2004. Fac-similar.

_____. _____. Natal: Sebo Vermelho, 2012. Fac-similar.

_____. **Ferro de ribeiras do Rio Grande do Norte.** Fortaleza: Impr. Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1984. (Coleção mossoroense, série C; v. 241).

_____. **Alguns escriptos da agricultura no Império do Brasil.** Natal: Fundação José Augusto; Mossoró: Fundação Vingt-un-Rosado, 1998. (Coleção mossoroense, série C, n. 1010).

_____. **Notas de carregaço.** Natal: Scriptorim Candinha Bezerra; Fundação Hélio Galvão, 2001. (Coleção nação potiguar)

_____. **O sertão de nunca mais.** Natal: Fundação Guimarães Duque, 2002. (Coleção mossoroense, série B, n. 2100).

_____. **O sertão de nunca mais:** Oswaldo Lamartine na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

_____. **Apontamentos sobre a faca de ponta.** Rio de Janeiro: Edição do autor, 1988. Desta edição foram tirados 50 exemplares numerados de 1 a 50 e rubricados pelo autor.

_____. _____. Mossoró : Fundação Ozelita Cascudo; Fundação Guimarães Duque, 1988. 66 p : il. (Coleção mossoroense, série C; v. 414).

_____. _____. Natal: Sebo Vermelho; [Mossoró]: Fundação Guimarães Duque; Fundação Vingt-un Rosado, 2006. (Coleção mossoroense). Edição fac-similar.

MEDEIROS FILHO, João Maria; FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Seridó século XIX: fazendas e livros**. Rio de Janeiro: Fomape, 1987.

_____. _____. 2. ed. Rio de Janeiro: Editores Marques Saraiva, 2001.

SILVA, Raimundo Nonato da; FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Pseudônimos & iniciais potiguares**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1985. (Coleção mossoroense, série B, n. 424).

Plaquetes

FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Algumas peças líricas do Museu Municipal de Mossoró**. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 1982. (Coleção mossoroense, série B, n.378).

_____. **E adonde era sombra se fez sol, e adonde era solo se fez chão**. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 1986. (Coleção mossoroense, série B, n. 440).

_____. **Sugestões para divulgação da literatura técnica**. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 1989. (Coleção mossoroense, série B, n. 596).

Separatas

FARIA, Oswaldo Lamartine de, LAMARTINE, Hypérides. **Algumas abelhas dos sertões do Seridó**. Separata de: Arquivos do Instituto de Antropologia, Natal, v. 1, n. 2, p.195-198, 1964.

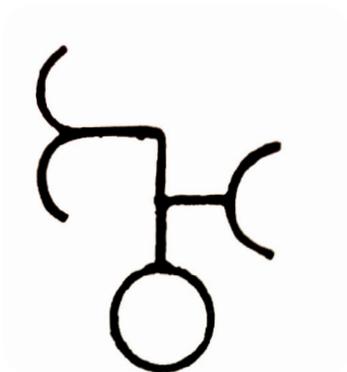
FARIA, Oswaldo Lamartine de. E adonde era sombra se fez sol, e adonde era solo se fez chão... Separata de: **Revista Tempo Universitário**, Natal, v. 6, n.1, 1980.

Outros escritos

DUARTE, Renato (Org.). A seca de 1958: uma avaliação pelo ETENE. Oswaldo Lamartine de Faria, Eduardo de Castro Bezerra Neto, Pedro Guimarães Mariz Filho Fortaleza: Banco do Nordeste; Recife : Fundação Joaquim Nabuco, 2002. (Série estudos sobre as secas no Nordeste; v.1).

PEREIRA, Targino P. **Carta da seca**. Organização e notas: Oswaldo Lamartine de Faria. Natal: Sebo Vermelho; Fundação Vingt-un Rosado, 2006.

Publicações sobre Oswaldo Lamartine¹



Esta marca recolhe, nos seus traços,
poeira e chão, memória e fantasia;
é um aboio lendário e majestoso
cavalgando, no ocaso, a serrania;
queima, de cor, um nome seranejo:
Oswaldo Lamartine de Faria.

Virgílio Maia

¹³⁴ Fonte: FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Uns fescenininos**. Organização e prefácio de Carlos Newton Júnior. Recife, PE: Bagaço, 2008. (Coleção letras natalenses). Reprodução fac-similar da primeira edição, a partir de exemplar com notas manuscritas do autor. p. 13.

Artigos em jornal

CASTRO, Nei Leandro. Oswaldo: presente. **Tribuna do Norte**, Natal, abr. 2007.

CAVALCANTI, Mario Ivo. Pra que serve Oswaldo Lamartine? **Jornal de Hoje**, Natal, 24 mar. 2006.

O GRANDE sertão de Oswaldo Lamartine. **O Galo**, Natal, n. 7, jul. 1997. Edição especial. Entrevista ao jornalista Sanderson Negreiros.

MADRUGA, Woden. Os livros de Oswaldo. **Tribuna do Norte**, Natal, 23 mar. 2006.

_____. Oswaldo Lamartine. **Tribuna do Norte**, Natal, 30 mar. 2007.

_____. Uns fesceninos. **Tribuna do Norte**, Natal, 21 set. 2008.

NEGREIROS, Sanderson. O grande sertão de Oswaldo Lamartine - II. **Diário de Natal**, Natal, 5 maio 1998. Muito, p. 3.

_____. Elegia para Oswaldo Lamartine. **Tribuna do Norte**, Natal, 1 abr. 2007. Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/news.php?not_id=38719>. Acesso em: 14 jan. 2013.

QUEIROZ, Raquel de. Oswaldo Lamartine. **O Galo**, Natal, 1997.

SEREJO, Vicente. Oswaldo Lamartine de Faria. **Jornal de Hoje**, Natal, 20 mar. 2007.

VILAR, Sérgio. Da ingratidão com Lamartine. **O Poti**, Natal, 8 abr. 2007.

_____. **A última entrevista**. Blog de Alex de Souza, 2 abr. 2007. Entrevista concedida para Sérgio Vilar publicada no Diário de Natal. Disponível em: <http://orkut.google.com/c6102756-t906f31c2d7491c46.html>. Acesso em: 8 dez. 2012.

Artigos em revista

ALMEIDA, Angela. Um sertão em silêncio: Oswaldo Lamartine. **Revista Gente**: gestão de pessoas, revista da Progesp, edição 1, p.105-109, [2015?]. Memória. Disponível em: <https://issuu.com/rafaelsordicampos/docs/revista_final_8853add862dd07>. Acesso em: 23 ago. 2016.

_____. À sombra de uma Quixabeira... um ensaio. **Revista Gente**, gestão de pessoas, revista da Progesp, edição 1, p.111-123, [2015?]. Memória. Disponível em: <https://issuu.com/rafaelsordicampos/docs/revista_final_8853add862dd07>. Acesso em: 23 ago. 2016.

CARVALHO, Eleuda de. O lorde da Acauã. **Nordeste Web**, 18 jul. 2001.

CARVALHO, Eleuda de. O lorde da Acauã – Oswaldo Lamartine de Faria. **Poemia**. 15 maio 2015. Disponível em: <<https://poemia.wordpress.com/2008/05/15/o-lorde-da-acau-oswaldo-lamartine-de-faria>>. Acesso em: 4 jan. 2017.

COSTA, Tácito. Oswaldo Lamartine de Faria: sob o peso das lembranças. **PREA**: revista de cultura, Natal, n. 15, p. 8-11, nov./dez. 2005.

Capítulos de livro

BRITO, Raimundo Soares de. Oswaldo Lamartine de Faria. In: MAIA, América Fernandes Rosado (Org.). **Vingt-un VII**. Mossoró: ESAM; Fundação Guimarães Duque, 1987. (Coleção mossoroense, v. 364). p. 202-204.

O GRANDE sertão de Oswaldo Lamartine. In: NEGREIROS, Sanderson. **Na direção do relâmpago**. Natal, RN: EDUFRN, 2001. p. 237-245. Entrevista ao jornalista Sanderson Negreiros publicada originalmente no jornal O Poti, 1966.

GURGEL, Carlos. Sertão eu. Sertão meu. Sertão seu. In: MAIA, Isaura Amélia de Sousa Rosado; MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de (Org.). **Bom dia sertões**. Natal, RN: FAPERN, 2009. (Coleção patrimônio cultural potiguar; v. 4.); (Coleção mossoroense, série C, v. 1538.). Seminário realizado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte em Mossoró no período de 28 jun. a 1 ago. 2006. Cap. 1, p. 71-78.

LAMARTINE, Pery. Dados e traços biográficos. In: MAIA, Isaura Amélia de Sousa Rosado; MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de (Org.). **Bom dia sertões**. Natal, RN: FAPERN, 2009. (Coleção patrimônio cultural potiguar; v. 4.); (Coleção mossoroense, série C, v. 1538.). Seminário realizado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte em Mossoró no período de 28 jun. a 1 ago. 2006. Cap. 1, p. 39-42.

LEONTINO FILHO, Raimundo. Dos sertões: onde as palavras viram coisas. In: MAIA, Isaura Amélia de Sousa Rosado; MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de (Org.). **Bom dia sertões**. Natal, RN: FAPERN, 2009. (Coleção patrimônio cultural potiguar; v. 4.); (Coleção mossoroense, série C, v. 1538.). Seminário realizado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte em Mossoró no período de 28 jun. a 1 ago. 2006. Cap. 1, p. 65-70.

LIMA, Diógenes da Cunha. Os sertões do pai e do contemporâneo (Juvenal Lamartine e Luiz da Câmara Cascudo). In: MAIA, Isaura Amélia de Sousa Rosado; MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de (Org.). **Bom dia sertões**. Natal, RN: FAPERN, 2009. (Coleção patrimônio cultural potiguar; v. 4.); (Coleção mossoroense, série C, v. 1538.). Seminário realizado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte em Mossoró no período de 28 jun. a 1 ago. 2006. Cap. 1, p. 59-64.

MAIA SOBRINHO, Jerônimo dix-Sept Rosado. Oswaldo Lamartine na coleção mossoroense. In: MAIA, Isaura Amélia de Sousa Rosado; MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de (Org.). **Bom dia sertões**. Natal, RN: FAPERN, 2009. (Coleção patrimônio cultural potiguar; v. 4.); (Coleção mossoroense, série C, v. 1538.). Seminário realizado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte em Mossoró no período de 28 jun. a 1 ago. 2006. Cap. 1, p. 79-86.

MAIA, Virgílio. Martelo-gabinete para Oswaldo Lamartine de Faria. In: FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Uns fesceninos**. Recife: Bagaço, 2008. p. 13.

MEDEIROS, Milton Marques de. Oswaldo Lamartine: sertanejo de nascimento, profissão e opção político-cultural. In: MAIA, Isaura Amélia de Sousa Rosado; MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de (Org.). **Bom dia sertões**. Natal, RN: FAPERN, 2009. (Coleção patrimônio cultural potiguar; v. 4.); (Coleção mossoroense, série C, v. 1538.). Seminário realizado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte em Mossoró no período de 28 jun. a 1 ago. 2006. Cap. 1, p. 25-36.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. A construção do Seridó. In: MAIA, Isaura Amélia de Sousa Rosado; MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de (Org.). **Bom dia sertões**. Natal, RN: FAPERN, 2009. (Coleção patrimônio cultural potiguar; v. 4.); (Coleção mossoroense, série C, v. 1538.). Seminário realizado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte em Mossoró no período de 28 jun. a 1 ago. 2006. Cap. 1, p. 43-52.

NEWTON JÚNIOR, Carlos. Oswaldo Lamartine, Virgílio Maia e uns fesceninos. In: FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Uns fesceninos**. Recife: Bagaço, 2008. p. 7-12.

ONOFRE JUNIOR, Manoel. O Seridó de Oswaldo Lamartine de Faria. In: _____. **Salvados**: livros e autores norte-riograndenses. 2. ed. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2000. p. 226-229.

QUEIROZ, Raquel de. Oswaldo Lamartine. In: FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Uns fesceninós**. Recife: Bagaço, 2008. p. 15-17.

SEREJO, Vicente. Os sertões de Oswaldo. In: MAIA, Isaura Amélia de Sousa Rosado; MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de (Org.). **Bom dia sertões**. Natal, RN: FAPERN, 2009. (Coleção patrimônio cultural potiguar; v. 4.); (Coleção mossoroense, série C, v. 1538.). Seminário realizado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte em Mossoró no período de 28 jun. a 1 ago. 2006. Cap. 1, p. 29-38.

SUASSUNA, Ariano. Oswaldo Lamartine e eu. In: FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Uns fesceninós**. Recife: Bagaço, 2008. p. 19-20.

Cartas publicadas

MAIA, Vingt-un Rosado. **Conversa sobre a Bastilha**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado; EFRN/UNED, 1995. (Coleção mossoroense, série A, n. 83).

MELO, Veríssimo (Org.). **Cartas & cartões de Oswaldo Lamartine**. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1995.

Documentários

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo; TAVARES, Agnaldo; CRUZ, Vilma Vitor. **Oswaldo Lamartine**: um príncipe do sertão. Natal: UFRN. Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses, 2011. 1 vídeo (30 min). Entrevista em 21 jun. 2005.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo; CRUZ, Vilma Vitor. **Oswaldo Lamartine**: tinta de pinhão-bravo. Natal: UFRN. Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses; TV Universitária; Secretaria de Educação a Distância. 2015. 1 vídeo (36 min). Entrevista em 21 jun. 2005.

OSWALDO Lamartine: documentário biográfico. Natal: Programa Memória TV Assembleia, 2007. 1 DVD (39 min).

Eventos

COSTA, Tácito. Lançada a programação oficial do Flipipa 2011. **Substantivo plural**. 31 out. 2011. Disponível em: < <http://www.substantivo plural.com.br/lancada-a-programacao-oficial-do-flipipa-2011>>. Acesso em: 4 jan. 2017. [Mesa 1: A literatura em Oswaldo Lamartine, com Paulo Bezerra e Edgard Ramalho Dantas, mediador Paulo de Tarso Correia de Melo, no III Festival Literário de Pipa, 17 a 19 nov. 2011, em Tibau do Sul, RN].

FLIPIPA resgata obra oswaldiana em eventos. **Tribuna do Norte**, 25 out. 2011. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/flipipa-resgata-obra-oswaldiana-em-eventos/200401>>. Acesso em: 4 jan. 2017.

LOPES, Luci. Sertanista e intelectual, o Lorde da Acauã será lembrado na FLIPIPA. Contos impossíveis. 24 out. 2011. Disponível em: < <http://contosimpossiveis.blogspot.com.br/2011/10/sertanista-e-intelectual-o-lorde-da.html>>. Acesso em: 4 jan. 2017.

Livros

CAMPOS, Natércia (Org.). **Em alpendres d'Acauã**: conversa com Oswaldo Lamartine de Faria. Fortaleza: Imprensa Universitária; Natal: Fundação José Augusto, 2001.

MAIA, Isaura Amélia de Sousa Rosado; MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de (Org.). **Bom Dia Sertões**. Natal, RN: FAPERN, 2009. (Coleção patrimônio cultural potiguar; v. 4.); (Coleção mossoroense, série C, v. 1538.). Seminário realizado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte em Mossoró no período de 28 jun. a 1 ago. 2006.

MELO, Veríssimo de (Org.). **Cartas & Cartões de Oswaldo Lamartine**. Natal: Fundação José Augusto, 1995.

ROLIM, Isaura Ester Fernandes Rosado. **Bibliografia de Oswaldo Lamartine no Boletim Bibliográfico da Coleção Mossoroense**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1995.

Poemas

CIRNE, Moacy. O Seridó somos nós. **Balaio porreta 1986**, Rio, n. 1985, 31 mar. 2007. Disponível em: <<http://balaiovermelho.blogspot.com.br/search?q=oswaldo+lamartine>>. Acesso em: 11 set. 2013.

DAL FARRA, Maria Lúcia. Jaca. In: _____. **Livro de possuídos**. São Paulo: Iluminuras, 2002. p.102.

DINIZ, Demétrio. Oswaldo. **Tribuna do Norte**, Natal, 6 abr. 2007. Jornal de WM. A poesia de Demétrio, p. 2.

_____. Mais belo. In: _____. **Ferrovias**. Recife: Edição do Autor, 2007. p. 47-48.

MAMEDE, Zila. Oswaldo Lamartine. In: _____. **A Herança**. Recife: Edições Pirata, 1984. p. 33-34.

_____. Bilhar. In: _____. **Navegos** – a herança. Natal: EDUFRN, 2003. p. 47.

MELO, Paulo de Tarso Correia de. Outro poema dos dons sertanejos de Oswaldo Lamartine a Sanderson Negreiros... In: _____. **Diário de Natal**. Mossoró: Sarau das Letras, 2013. p. 29-32.

SOUSA, Adriano de. Ponta de faca. In: _____. **Poesia (1998-2007)**. Natal: Offset, 2008. (Coleção letras natalenses). p.75.

Trabalhos acadêmicos

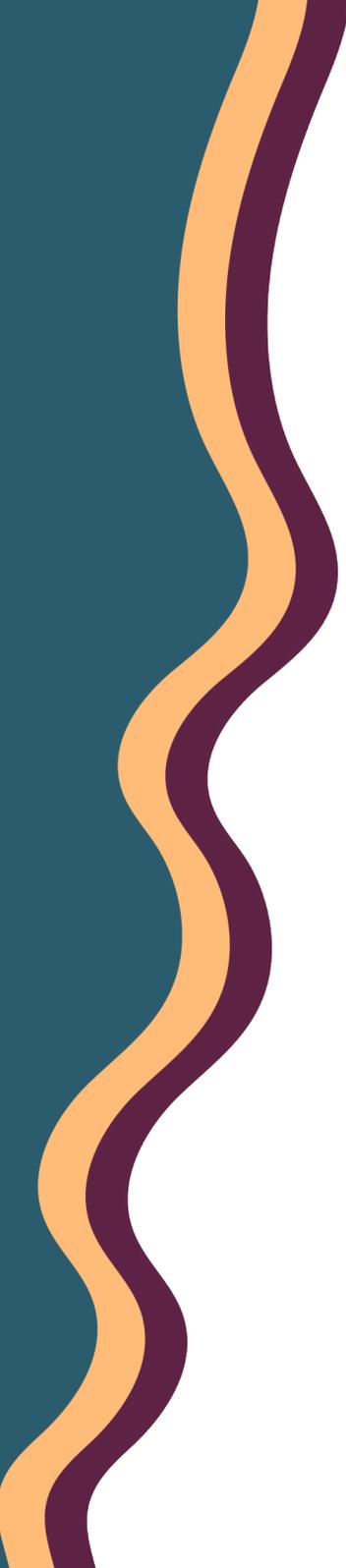
ARAÚJO, Natália Raiane de Paiva. **Pelas memórias de Oswaldo Lamartine**: artes de fazer nos sertões do Seridó. 2013. 58 f. Monografia (Graduação em História) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2013.

CASTRO, Marize Lima de. **Areia sob os pés da alma: uma leitura da vida e obra de Oswaldo Lamartine de Faria**. 2015. 100 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

MEDEIROS NETA, Olívia Morais de. **Ser(Tão) Seridó em suas cartografias espaciais**. 2007. 120 p. Dissertação (Mestrado em História e Espaços) -Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

_____. Configurações espaciais do Seridó potiguar. In: MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de; ARAÚJO, Marcos Antonio Alves de; SANTOS, Rosenilson da Silva (Org.). **Seridó potiguar: tempos, espaços, movimentos**. João Pessoa: Ideia, 2011.

PIÑEIRO, Daniel de Hollanda Cavalcanti. **Multiplicando veredas entre Guimarães Rosa e Oswaldo Lamartine**. 2014. 160 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.



Justificativa e agradecimentos

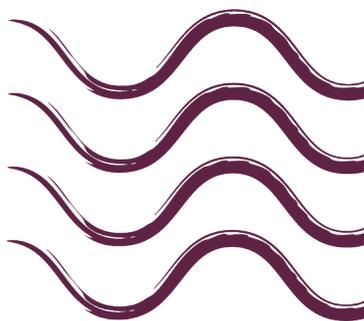


*Eu me considero apenas
um registrador de coisas*

Oswaldo Lamartine

Este ensaio é uma biografia da obra de Oswaldo Lamartine de Faria. Aqui se procurou traçar o desenvolvimento intelectual do seu trabalho de pesquisador a partir dos primeiros artigos publicados e na troca de correspondência com pesquisadores, intelectuais e escritores brasileiros. Uma versão preliminar deste

texto seria apresentada a título de ensaio para a Revista ANL da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, editada por Thiago Gonzaga e dirigida por Manoel Onofre Jr. Por sugestão do diretor, Manoel Onofre, foi ampliado e chegou aonde chegou. Agradeço ao escritor Manoel Onofre pela ideia, pelo incentivo e pela colaboração, sem os quais o trabalho não seria possível, e a Thiago Gonzaga, entusiasta da literatura, cujo auxílio possibilitou o acesso a contatos e material de e sobre Oswaldo Lamartine.



O primeiro desafio foi o levantamento da sua bibliografia hoje dispersa. Há trabalhos de Oswaldo que só se encontram em algumas bibliotecas do país, por exemplo, a Revista Nordeste, anos I e II, de 1948, em que publicou o estudo sobre os métodos da caça, só se encontra na biblioteca da Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, Pernambuco, setor de obras raras; a plaquete sobre as peças líricas do Museu Municipal de Mossoró, na biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém do Pará.

A biblioteca pessoal do jornalista Vicente Serejo foi de extrema valia. O jornalista reúne um acervo invejável de livros e documentos sobre a literatura do Rio Grande do Norte. O professor Vicente (fui seu aluno no curso de jornalismo) é um apaixonado e profundo conhecedor da obra de Oswaldo Lamartine; sem seus préstimos este trabalho seria menor.

Participações especiais fizeram este trabalho mais que possível. Encontrar todo esse material disperso só foi realizável com as orientações, as consultas e o levantamento da bibliotecária Tércia Marques, da Biblioteca Central Zila Mamede, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que também assina o levantamento bibliográfico que acompanha este ensaio, juntamente

com a bibliotecária Margareth Menezes, a quem agradeço pela generosa disponibilidade de sempre e pela atenção dispensada. Tércia sabe o valor da literatura e dos livros, e exerce o seu trabalho com muito mais do que zelo, implicando não só o cuidado e a atenção ao que faz, mas também empenhando a sua paixão pelo ofício. Jornalista, fotógrafa, pesquisadora da estética do sertão, Ângela Almeida participou com contribuições ímpares na urdidura deste trabalho, a quem cabe agradecer com todo relevo.

O jornalista Woden Madruga foi consultor de todas as horas, prestando esclarecimentos, fornecendo contatos, apontando caminhos, mestre de nós todos que praticamos o jornalismo. O padre João Medeiros Filho foi peça-chave, seus depoimentos, que chegaram a mais de uma dezena para este trabalho, foram essenciais. Generoso, cordial, sincero e verdadeiro, sua bondade revela o testemunho da sua amizade e de uma vida, a de Oswaldo Lamartine de Faria. Também não se pode esquecer a tarde de conversa com meu tio, sobrinho de Oswaldo, Theodosio Lamartine Paiva, que depôs com muita saudade do tempo em que viajava com seu avô, Juvenal, para Lagoa Nova, essencial para recuperar a importância de Lagoa Nova como a escola de sertão, onde Oswaldo conheceu e aprendeu com seus mestres.

Realizar um trabalho desta natureza, portanto, envolveu consulta a diversos acervos, bibliotecas e pesquisadores de todo o Brasil. Nomear a todos implicaria publicar o diário desta pesquisa, um manancial de anotações, e-mails, mensagens, telefonemas, gravações, entrevistas, encontros, viagens. A todos os nomes, a quem agradeço a cada passo deste trabalho, mais uma vez, meus sinceros agradecimentos. Seria impossível realizá-lo sem a colaboração de vocês: Paulo de Tarso Correia de Melo, Daliana Cascudo, José Correia Torres Neto, Ieda Lamartine, Melquiades Pinto Paiva, Margarida Pontes Timbó, Marize Castro, Edna Rangel, Humberto Hermenegildo de Araújo, Joel Carlos de Souza Andrade, Dix-sept Rosado Sobrinho, Geraldo Queiroz, Tereza Aranha, Francisco Martins.

Agradeço às equipes da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, da Universidade de São Paulo, em nome de José Francisco Guelfi Campos; do Instituto Moreira Sales, Rio de Janeiro/RJ, em nome de Jane Leite Conceição Silva; da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, com os já nomeados Manoel Onofre Jr. e Thiago Gonzaga; da Fundação Joaquim Nabuco, em nome da bibliotecária Veronilda Barbosa Santos; da UNESP/Araraquara, em nome da bibliotecária Silvia Helena de Oliveira; do Museu Paraense

Emílio Goeldi, em nome de Andrea Assis; e da Biblioteca Nacional que dispõe do acervo de jornais e revistas brasileiros disponíveis para consulta na biblioteca digital, onde estão as edições do Diário de Pernambuco e da Revista *O Cruzeiro*, consultadas para esta pesquisa, bem como a Bruno Lucio Scala Manzolillo, presidente da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza.



NATAL 420 ANOS



<i>Projeto</i>	Natal 420 Anos
<i>Órgão de fomento</i>	Programa Municipal de Incentivos Fiscais a Projetos Culturais Djalma Maranhão
<i>Patrocínio</i>	Colégio CEI – Romualdo Galvão
<i>Título</i>	O Sertão de Oswaldo Lamartine de Faria: a biografia de uma obra
<i>Autor</i>	Gustavo Sobral
<i>ISBN</i>	978-85-69247-62-3
<i>Editora</i>	Caravela Selo Cultural
<i>Série</i>	Humanidades I
<i>Coordenação editorial</i>	José Correia Torres Neto
<i>Revisão de texto</i>	Camila Maria Gomes e Valnecy Oliveira Corrêa Santos
<i>Revisão tipográfica</i>	José Correia Torres Neto
<i>Normalização bibliográfica</i>	Verônica Pinheiro da Silva
<i>Imagem da capa</i>	Ângela Almeida
<i>Capa, Projeto gráfico e Edição eletrônica</i>	Amanda Marques
<i>Formato</i>	E-book PDF
<i>Tipologia</i>	Oswald, Comfortaa e Clear Sans
<i>Local e data</i>	Natal (RN), 2017/2018

...sua, qual seria a marca de gado mais
...nc. conhece? Qual o risco dela?

da-marca paterna

Se não se interessam no espírito da coisa
uma não é responsável de tudo o que
de certezas em cima de mais necessidade
encurralando um bom caso e para chantage
encasacalhar, sempre se dá uma para
apresentar como uma prova de
sem comprovação por alguns e alguns
das relações, no caso de relações das
bras, vendidas, no caso de matos das
lados, traço nos membros das
unidades e na forma de trabalho
para o caso de...

PROGRAMA
DJALMA
MARANHÃO

